



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

BEATRIZ JUCÁ PINHEIRO

UNIDOS NO ROÇADO:
VIDAS ENTRELAÇADAS EM SAUDADE E SAMBA

FORTALEZA

2011

BEATRIZ JUCÁ PINHEIRO

UNIDOS NO ROÇADO

Produção jornalística apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, sob a orientação do Prof. Ronaldo Salgado

FORTALEZA

2011

BEATRIZ JUCÁ PINHEIRO

UNIDOS NO ROÇADO

Esta produção jornalística foi submetida ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

A citação de qualquer trecho desta produção jornalística é permitida desde que feita de acordo com as normas da ética científica.

Aprovada em __/__/____

Monografia apresentada à Banca Examinadora:

Prof. Ms. José Ronaldo Aguiar Salgado (Orientador)

Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Agostinho Gósson (Membro)

Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof. Dr. Gilmar de Carvalho (Membro)

Universidade Federal do Ceará - UFC

*Dedico este livro aos meus avós, os primeiros
que enxergaram minha essência de repórter.*

*Ao vovô Chiquinho, o primeiro a me dar longas entrevistas,
muito antes de saber que eu publicaria suas histórias.*

*Ao vovô Lula, o primeiro a apostar na sensibilidade
do meu olhar, me presenteando com a câmera fotográfica
que me conferiu encanto pelo mundo, aos nove anos.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus avós, Francisco de Freitas Pinheiro e Luiz de Carvalho Jucá, por terem me ajudado a descobrir quem sou.

Ao meu pai, Sávio Pinheiro, por ter dividido comigo o gosto pelas letras e pelos causos.

Ao professor Ronaldo Salgado, grande mestre, pelas ajudas no jornalismo, na literatura, na poesia e na vida.

Aos amigos Bruno Aguiar, Ingrid Baquit, Domitila Andrade, João Victor Cavalcante, Talles Rodrigues e Joana Vidal, que, de tanto darem pitaco, são co-autores deste livro.

Ao meu irmão, Filipe Jucá, que, de tanto me ouvir ler os textos recém-escritos, decorou alguns parágrafos deste livro.

À minha mãe, Mércia Jucá, e à minha irmã, Sâmia, pelo apoio.

À minha avó, Maria Dalva Teixeira, pela disponibilidade constante em me tirar as dúvidas sobre a época das histórias e a vida no campo.

À Yuri Lobato Pequeno, por ter impresso seu talento de designer e de fotógrafo nas páginas deste livro.

Aos jornalistas Edison Silva, Ívila Bessa, Dahiana Araújo, Geórgia Veras e Gledson Araújo, pela inspiração e pelo apoio nos meus primeiros passos como repórter.

Aos professores Agostinho Gósson, Glícia Pontes, Riverson Rios e Jamil Marques, pela larga contribuição que deram à minha formação acadêmica.

À querida professora Larissa Almeida, a primeira que me fez enxergar a possibilidade de estudar a Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro no trabalho de conclusão de curso.

A Simone Lima e Valdo Siqueira, por terem sempre acreditado no meu trabalho e por terem me conduzido pelos caminhos da antropologia e da etnografia, bases para este livro.

Aos moradores do Roçado de Dentro, por terem me aberto as portas das casas e da vida.

Sumário

Apresentação	9
A toada das entre-secas	11
Os dias no Roçado	20
De carvão, meu carnaval	28
Samba, homens e símbolos	36
Impactos em preto-e-branco	42
Esurd por lupas invertidas	50
As mães do mundo	56
Saudade dos heróis	62
Fechamento	67

Apresentação

Da enigmática teia de acontecimentos que se entrelaçam ao longo da vida, muitas são as lembranças que, inexplicavelmente, nos ocupam o primeiro plano. Mesmo aquelas que surgem aparentemente desconexas, em forma de lapsos, só nos iluminam a mente porque – de alguma forma – nos marcaram. A memória, em transformação constante, é moldada nos nossos aprendizados e nas percepções e, por isso, ao serem traduzidas em narrativas, dizem tanto sobre nós mesmos. As memórias, sejam as de traços bem desenhados ou as de silhuetas disformes, reproduzem grande parte do que somos e, na ânsia de dar sentido à vida, emaranham-se na tentativa de desvendar uma complexa rede de porquês. Este livro nasceu de uma memória afetiva minha e foi ganhando forma nas lembranças de muitos outros que, com delicadeza, me escancararam as portas da alma.

Este livro nasceu em um sorriso compartilhado de uma ponta a outra da escada. Do último degrau, lá em cima, meu avô Chiquinho de Louso, com 72 anos de idade, alarga um sorriso que vai de uma orelha a outra ao ouvir um sonoro grito meu, advindo lá de baixo: “Vovô, cheguei!”. Ele desce as escadas em disparada para me ajudar com a mala. Segura uma única alça que consegue me tirar das mãos e subimos os dois, discutindo de quem seria o papel, segundo o código de ética da gentileza, de carregar a bagagem: é do homem idoso ou da mocinha nova?

A cena se repetiu durante muitos sábados, no ano de 2005, e retorna com frequência ao primeiro plano da minha memória por contemplar o início de uma saudade desmedida e a decisão sobre qual caminho profissional eu seguiria na vida. Aos dezessete anos, estava dolorosamente dividida entre as ciências humanas e biológicas. Acabei por me aventurar na segunda opção e me matriculei no curso de Biologia da Universidade Regional do Cariri (Urca), uma forma que o destino encontrou de me levar para as barras das calças do meu avô. Sem conhecer quase ninguém na cidade do Crato, onde fica a Urca, passava os dias ansiosa pela chegada do final de semana, para que eu pudesse enfim viajar a cidade vizinha e ouvir as histórias contadas por vovô, em Várzea Alegre. Foi quando me descobri repórter.

Sempre após o almoço, Vovô Chico, ainda sem a certeza de que tinha câncer de estômago, me convidava: “Bia, vamos comigo esperar a dor?”. Eu nunca recusei. Vovô armava a rede em um terraço da casa que, de tão estreito, mais parecia um corredor. Colocava uma fita K7 com as músicas de Luiz Gonzaga para rodar em um rádio pequenininho e me fitava, eu ali sentada em uma cadeirinha bem na frente dele. “Você sabe como eu comprei essa máquina de costura pra sua avó?”. E começava a descrever cenas e a contar histórias da família – das alegres às mais rancorosas.

No meio da narrativa, chegava a dor. Vovô não se deixava intimidar por ela. Apertava os olhos com força para aguentá-la e continuava a narrar as histórias. Eu ouvia, atentamente, e fazia mil perguntas, tentando preencher algumas lacunas e levá-lo por outras histórias. Foram as minhas primeiras entrevistas. E, para que o leitor não fique curioso sobre o que ele me confidenciou, aproveito o espaço para apresentar esse grande homem que teve a vida marcada

por ironias do destino.

Vovô Chico foi criado por um agricultor que, bom conhecedor das asperezas da vida na roça, o mandou estudar em um seminário, no Crato, para lhe poupar a dor da seca. Vovô não quis. Fugiu do seminário e voltou para casa, morrendo de medo do castigo do pai, Joaquim Carlos. Não apanhou nem foi mandado de volta para estudar com os padres. No dia seguinte, o pai dele acatou a escolha do destino e lhe deu de presente o que chamava de “ferramentas pra vida”: uma enxada e uma foice. Dali em diante, logo que o sol aparecia na ponta do céu, iam os dois para a roça. Na dureza do trabalho diário, mesmo quando a responsabilidade foi alargada pelo casamento com Vovó Dalva, Vovô Chico sonhava. Dos dois grandes sonhos que cultivou, só realizou o de viajar de avião para ver como eram os baixios lá de cima. O desejo de conhecer o Pantanal ficou para uma outra vida, talvez. Os sonhos traduzem o amor de Vovô pelo mato verde e explicam por que, sempre que dava uma chavinha melhor, ele levava uma reca de neto pra tirar fotografia no meio do mato. Vovô Chico, apesar do amor desmedido pela terra, não quis que os filhos lhe seguissem o caminho. Aventurou-se por comércios para graduar os três homens e as duas mulheres que pôs no mundo. Conseguiu. Não ficou ninguém para cuidar de suas terras e colher o amor que só se desenvolve com a chuva.

Nos últimos meses que Vovô passou neste mundo, ele me escolheu para contar essas memórias que, por terem lhe marcado a vida, agora me vêm à tona, em enxurrada. Na confiança dele, me vi jornalista. E, em agradecimento, me dedico em reportar, nas páginas deste livro, a história de uma de suas maiores paixões: a Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro (Esurd), na qual desfilou por mais de trinta anos.

A Esurd nasceu para dar sentido a uma comunidade agrícola cuja auto-estima era limitada. Hoje, emerge das imbricações entre as culturas popular e massiva, com tensões amenizadas, para sobreviver ao tempo. É importante porque, no meio de uma série de negociações culturais, aprendeu a moldar-se para integrar os diferentes. A Esurd veio para destacar o pobre, o agricultor, o subalterno. Consegue misturar os grandes e os pequenos porque está calcada em uma festa contraditória e subversiva chamada carnaval.

A escolha do livro-reportagem como veículo veio das possibilidades que o gênero oferece ao contemplar, com profundidade e amplitude, o tema reportado, permitindo que a multiplicidade da abordagem dê ao leitor a dimensão das infinitudes que envolvem a realidade. Edvaldo Pereira Lima, um dos principais autores que se debruçam sobre os estudos do suporte, assevera os objetivos do livro-reportagem: “Informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo” (LIMA, 1995, p. 25).

Este livro é um relato jornalístico preocupado em captar as realidades e os contextos que envolvem uma escola de samba criada por agricultores do sítio Roçado de Dentro, em

Várzea Alegre, interior do Ceará. A linguagem baseia-se na crônica reporteira, conceito desenvolvido pelo professor Ronaldo Salgado para tratar os vínculos da crônica e da reportagem no texto jornalístico. Traços da construção literária ligados a elementos históricos e de memória deixam entrever, na tessitura textual que virá a seguir, particularidades dos personagens, apuração subjetiva, análises de múltiplas perspectivas e descrições de ambiente. Elementos que, adicionados à codificação jornalística, oferecem ao leitor uma dimensão mais plural sobre a realidade.

Os capítulos estão divididos levando-se em conta os momentos históricos cruciais ao desenvolvimento da Esurd e as questões cotidianas que os contextualizam. Podem ser lidos aleatoriamente sem prejuízos e, juntos, se propõem a perfilar a Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro, trazendo à tona as mais variadas nuances através de entrevistas, reportagens, crônicas, depoimentos, perfis e fotografias. O olhar impresso nas páginas que vêm a seguir é flutuante. Passeia por cenários, personagens, cenas, reflexões, pesquisas, memórias. Passeia por dentro de outros e de mim mesma.

Capítulo 1: a toada das entre-secas

O agricultor não esquece quem é porque carrega na pele uma vida gravada pela seca. São marcas que foram deixadas pelo tempo para lembrá-lo que o almoço já foi feijão com pão, a paisagem pode não se esverdear e algumas vezes os legumes simplesmente não conseguem se desenvolver na terra. A seca, ao contrário da chuva, não avisa quando vai chegar. Ela marca mais os rostos do que as terras. Caleja. Segura a lágrima do homem do campo para que ambos, a lágrima e o homem, não caiam com a tristeza e o medo de faltar alimento à mesa. Com o corpo impregnado por um tipo de dor que não vem cheia de pena, o agricultor não acha que rachadura nos pés ou massa dura em bucho de encostar moedor de milho valham alguma coisa. Ele não ignora as marcas que a vida lhe imprimiu no corpo, mas recusa a ser limitado por elas. O agricultor não reclama da vida porque aprendeu cedo a se conformar. A dor que aparece nas histórias que conta é só mais uma dentre tantas outras. O sofrimento não define a vida rural, embora seja verdade que a alegria no campo está sempre dependendo de uma variável chamada água e por isso dura pouco mais que o tempo da chuva.

O Roçado de Dentro é uma comunidade rural, localizada no município de Várzea Alegre, interior do Ceará, que aprendeu a prolongar o sorriso do inverno com a música. Não se sabe ao certo como as pessoas de lá aprenderam a tocar os instrumentos, mas o fato é que agricultor do Roçado tem mania de aproveitar tudo o que dos objetos puderem ecoar. Assim foram exercitando as batidas, treinando o ouvido e descobrindo os mais diferentes ritmos. Criaram conjuntos de forró, blocos de frevo e uma escola de samba que, apesar do surgimento atrelado a um modelo vendido pelos meios de comunicação de massa, é a responsável por preservar as tradições populares da região. Se o instrumento dota a comunidade de sentido, é o carnaval que reinventa as manifestações para entrecruzar as gerações e alcançar um equilíbrio entre o tradicional e o moderno.

A Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro (Esurd) é importante porque permitiu à comunidade romper as barreiras sociais que a impediam de se ver sob um novo ângulo. As fantasias

coloridas quebraram qualquer estereótipo de invisibilidade do homem comum, e os desfiles da escola de samba mostraram àqueles agricultores que eles têm sim lugar importante no mundo. Porque ninguém esperava que matuto fizesse carnaval, mas eles ousaram e, na ânsia de serem aceitos, desenvolveram um processo cultural que acabou por remodelar a identidade de toda a cidade. Pelo menos uma vez por ano, os agricultores do Roçado estampam os noticiários para lembrar ao País que a existência deles, tantas vezes esquecida no oco no mundo, faz a diferença. Então erguem instrumentos e percorrem longos trajetos em um espetáculo que, mais do que pela estética, encanta pelo incentivo do pai, do avô, do tio. Daqueles que venceram a seca e o preconceito para apresentar a comunidade ao mundo e, por isso, são verdadeiros heróis. A imagem do Roçado de Dentro está moldada nos arquétipos de Pedro Souza e Mestre Tim porque foram eles que primeiro se aventuraram para dar sentido à passagem daquele povo no mundo. Agricultores do Roçado agora podem bater no peito e dizer que têm casa, chão pra plantar o alimento, família e escola de samba. Podem gritar que venceram estigmas através da sonoridade e, como não conseguem vencer a dor da ausência dos primeiros mestres e maestros, transformam a saudade em samba.

O som é a síntese da comunidade. Através do ouvido, os 120 habitantes do Roçado se comunicam com o mundo: o trovão antecipa o tamanho da chuva, o farfalhar das plantas indica se o legume segurou, o piado alto do pássaro anuncia mau presságio, o barulho do motor da moto ou do carro avisa quem está de passagem pelo sítio e por aí vai. A relação entre o roceiro e o sentido auditivo é visceral e, muito além das alegrias, compactua temores. A música, o ruído, o barulho e até mesmo o silêncio estão impregnados na memória coletiva de tal forma que evidenciam também as fragilidades da vida rural. Sob o sol escaldante, para cumprir uma obrigação que não tem nada de extraordinário, o pai de família do Roçado canta, tira som das ferramentas do campo e vai ensinando música aos descendentes sem nem perceber que virou mestre. Dar ritmo ao tilintar das enxadas e das foices na ocasião do preparo da terra ameniza a exaustão do trabalho agrícola.

No Roçado de Dentro, não se escolhe ser nem músico nem agricultor. Isso de tocar e de trabalhar na roça não tem nada a ver com profissão, é condição humana. A vocação para o plantio e a musicalidade vem do berço, as notas e o amor à terra correndo frouxos no sangue. O som produzido é fruto da repetição de frequências sociais, culturais e psicológicas, afinal a música tem como matéria prima o tom dos sentimentos e das relações. O morador do Roçado não recebeu formação técnica para plantar ou compor. Aprendeu o manejo dos instrumentos – do campo e da música – do tanto que viu o pai e o avô enterrarem semente e fazerem tocada em calçada para comemorar a boa colheita. As bifurcações das duas famílias que habitam as 46 casas levantadas na comunidade do Roçado de Dentro fazem música porque têm um dom: Souza tem desenvoltura para a melodia e Menezes para o ritmo. Apartados dos grandes centros fonográficos, esses clãs aperfeiçoam a vocação na vivência.

“Agora, aprende é isolado aqui mesmo. Os que vão embora não tocam como os que ficam aqui não”, diz Francisco Alexandre de Menezes, o Chiquinho. Aos 79 anos, ele se recusa a tirar som na calçada porque reprodução de lembrança, se for muito igual, dói. E também porque não quer correr o risco de desafinar por causa do fôlego amiudado pela velhice. Ele é do tipo que encontra vida nos objetos semimortos, tira som de cuíca com couro rasgado e magoa o espinhaço plantando milho, mas não faz mais tocada em calçada porque chora. Prefere deixar que as cantorias do Roçado de Dentro

ganhem forma na imaginação dos ouvintes de suas histórias. A memória dos primeiros agricultores que habitaram o Roçado de Dentro agora se oxigena no armazém anexado à casa dele. Chiquinho preserva um turbilhão de coisas antigas porque acredita que até mesmo os objetos mortos servem, nem que seja apenas para avivar uma lembrança que quase se perdeu no meio de tantos anos.

O armazém é uma espécie de museu vivo do Roçado de Dentro. O que está guardado lá não só conta a história de vida da família, como também expõe as complexidades da comunidade. As peças desse museu não têm etiquetas, mas são, uma a uma, explicadas pelo dono, que se orgulha por saber a idade e o porquê do estado de cada coisa. A cadeira está com as costas arriadas porque já tem mais de cem anos. O banco tem 50. A cangalha e o cambito são usados desde sempre pra sentar em cavalo ou em jumento. Tem também um ciscador que não é mais usado porque, de tão velho, não tem os dentes dos ciscadores de hoje. Agora, enxada tem de vários tipos. Chiquinho conta os anos dos instrumentos da roça pela qualidade do cabo, pois antigamente cabo de enxada era mal feito. Hoje é tudo bem acabado, industrializado. Uma sacola cheia de fantasias da Esurd divide a prateleira com várias garrafas de feijão. Ao lado, ficam latas e cuias cheias de milho. O armazém expõe, em uma narrativa visual, a história da comunidade, cujos pilares reúnem trabalho, alimento e música.

O espaço que hoje forma o Roçado de Dentro foi ocupado nos confins do século XIX pela família Alves Feitosa, que, refugiada da região cearense dos Inhamuns, encontrou proteção no desbravamento do sudoeste varzealegrense. Sossegou nos baixios abençoados pelo Riacho da Formiga porque a terra foi generosa no abrigo das sementes de arroz, feijão e milho. O primeiro clã a fincar raízes naqueles terrenos, localizados a três quilômetros da zona urbana, foi o de José Alves Feitosa, o Dudal. Só depois, motivadas pelo matrimônio, chegaram as famílias Souza e Menezes, que se multiplicariam para povoar o Roçado. Naquele tempo, a fartura da plantação já tentava fazer o corpo do agricultor servir de concha acústica. Para comemorar a boa colheita, uma mesa farta de pão de arroz com amendoim e uma apresentação não ensaiada da banda cabaçal com a dança popular maneiro pau. No movimento, Dudal começava a dar vazão, na flauta, a um talento acanhado que o transformou no primeiro maestro da Banda de Música de Várzea Alegre.

As gerações subsequentes à de Dudal acabaram por render outros mestres ao Roçado. Muitos de seus descendentes se destacariam por revelar um conhecimento que, sem carecer de explicação ou justificativa, apenas acontecia. A música provinha do coração: as batidas ressoando no peito como se o dom tornasse oco o corpo do homem e, dentro dele, propagasse todo tipo de som. Imerso a esse sentimento, Antônio de Souza Rego apontava forró na velha concertina para animar a comunidade nos “dias de lua” da década de 30, o céu prateado pelo inchaço natural do satélite. As composições do Velho Souza acabaram por chamar atenção de alguns rapazes da cidade, que, munidos dos topetes e das calças ajustadas da moda, costumavam ir ao sítio para escutar forrós, valsas e boleros. Sob a luz de um único lampião, a tocada durava a noite inteira na calçada alta da casa do Velho Souza. “Mas era Samba o nome da festa. Hoje, o samba é a música, não é? Mas nesse tempo, da minha mãe nova, Samba era só o nome da festa”, explica Raimunda Alves de Menezes, a Bichinha.

Quando a geração dela atingiu a adolescência, os Sambas já haviam evoluído para as Brincadeiras. O cenário mudou da casa do Velho Souza para a do filho dele, Antonito. Sem estrutura de palco, Pedro Souza se misturava aos convidados, marcando a toada da sanfona afinada em

si – bemol com pequenos passos ritmados. Os rapazes então convidavam as moças para a contradança. “Aí tio Pedro tocava uma parte e parava. A gente pedia um bis, e ele tocava de novo. Terminava a parte, o rapaz saía e a moça ficava por ali. Depois os rapazes vinham e chamavam de novo pra dançar”, conta Bichinha. A dama não poderia cortar um cavalheiro e muito menos convidá-lo para dançar. Como os homens pagavam a cota que custeava a festa, as moças não tinham liberdade para escolher ou mesmo dispensar um par. “Tinha que dançar com quem fosse. Quando pegava um de feição, era bom. Mas com homem casado ou bêbado era um sofrimento”, lembra.

Nas Brincadeiras, a bebida alcoólica era escassa e ficava tão escondida entre as moitas de plantas que as moças mal davam se conta do que os rapazes estavam tomando. As mulheres quase não bebiam. No máximo, um gole ou outro de Zinebra, uma bebida alcoólica composta de erva-doce e hortelã, para amenizar o frio noturno. Vários casais do Roçado se apaixonavam nesses dias de festa, envolvidos pelo jogo de levantar a poeira dos terreiros com a dança. Muitos escolhiam, como trilha sonora de seus pares, a chamada Colcha de Retalhos, cantigas emitidas por Bichinha e suas irmãs: Tonha, Socorro e Fransquinha. A toada dessas vozes femininas supera a necessidade de qualquer arranjo musical. A música é lapidada em quatro tons porque a melodia transfigura a personalidade singular de cada uma das irmãs. Uma voz mais aguda se sobressai, as outras acompanham de maneira que a sonoridade parece ser profissionalmente orquestrada. Ouvidas nos eventos religiosos ou festivos do sítio, essas cantorias marcam os dias do Roçado desde a década de 60.

O tempo acabou por transformar as Brincadeiras em Domingueiras. A festa adquiriu contorno financeiro para responder às demandas da escola de samba criada pela comunidade. Nessas festividades, homens e mulheres protagonizam gincanas que, muito além de uma disputa de gênero, apresentam dois objetivos principais: compactar as tradições e reunir o capital financeiro imprescindível para colorir o desfile no carnaval. Do piso cimentado da sede da Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro, logo após o sol se esconder por trás da serra, ecoa os mais diversos ritmos. Os moradores da comunidade se dividem para dar corpo a códigos culturais advindos dos quatro cantos do Brasil. Tocam do frevo ao pagode. Dançam o forró suingado, o axé e o samba que conheceram pela televisão. Adaptam os novos tons em coreografias que encantam a comunidade pela novidade. As apresentações artísticas estão em constante mutação, as batidas sendo modificadas pelos novos mestres do Roçado. As Domingueiras misturam as mais variadas faixas etárias em um processo de reinvenção que atrai até mesmo as pessoas da zona urbana.

Os mais velhos esquecem qualquer limitação física imposta pela idade para ensaiar passos do forró arrastado, varrendo o salão com a mesma dança do tempo das Brincadeiras. Depois é a vez de a banda cabaçal roubar a cena, com alguns moços pulando e cruzando as pernas simultaneamente para fazer o que chamam de “cortar na dança”. Outros preferem lembrar os tempos do cangaço, reproduzindo uma coreografia que, marcada pelo choque de cassetetes, foi batizada de maneiro-pau. Somente nessa parte da festa, os instrumentos se tornam desnecessários, já que o som das batidas de madeira e das vozes em coro garante, por si só, a musicalidade. Entre uma apresentação e outra, o forró toma conta do salão novamente. Enquanto os rapazes colam o rosto na face das moças e as conduzem no gingado da dança, um burburinho feminino logo se espalha no ar, repleto de risinhos abafados e paqueras envergonhadas. As tocadas no Roçado são marcadas pelo flerte. Desde sempre,

foram elas as responsáveis por embalar a maioria dos casais do sítio, a paixão acontecendo sob a luz do lampião ou sobre o piso irregular da sede da Esurd.

Essas histórias de amor e bravura no Roçado de Dentro são revividas por Chiquinho Menezes todos os dias. Interessado em preservar as tradições da comunidade, o agricultor passa as tardes contando os causos da família na calçada de casa. As palavras, impregnadas de significados, são pronunciadas sob o disfarce de humor ou ação. Se a narração oral da vida não é capaz de eternizar os ancestrais, pelo menos serve para dar sentido à passagem do povo pelo mundo. Chiquinho é daqueles que não consegue lembrar o número do próprio RG porque esteve sempre mais preocupado em juntar as peças de um retrato coletivo do que mesmo comprovar sua existência oficial. Acabou por conseguir desenhar, com a própria vida, o esboço da terra natal. O eco das histórias do Roçado é moldado nos vazios que separam as frases do agricultor: num sorriso que não acompanhou a piada ou mesmo numa lágrima que não caiu com a dor.

Aparado pelas mãos de uma parteira, no quarto escuro do chalé construído pelo pai, Chiquinho Menezes nasceu nas entranhas da seca de 1932. Cresceu ouvindo dos pais que as nuvens percorrem caminhos indomáveis e, por isso, a água nem sempre chega a tempo de florescer as plantações das roças. Entendeu, desde cedo, que o tamanho do sofrimento não é determinado pelo evento em si, mas pelo significado que se atribui a ele. E assim aprendeu rapidamente a dádiva do conformismo, criando formas de conviver com a ambivalência do campo. O menino do Roçado começou, ainda muito criança, a extrair barulho de lata, pedra e caixa de fósforos na árdua tentativa de esgotar o som das coisas para animar a vida cinza que assola o dia a dia do sítio.

Naquela época, o trabalho no campo era totalmente manual e nem mesmo as crianças escapavam da responsabilidade da labuta. Quando os primeiros raios solares despontam no céu, o menino pega um par de cordas e um banquinho para acompanhar o pai ao curral. Embalado pelo tinido agudo dos baldes de alumínio, ajuda o patriarca da família a amarrar os bezerros junto às pernas traseiras da vaca para evitar a resistência do animal na hora de tirar o leite. Depois do serviço, a criança emite um “ê boi” exagerado para tanger o gado até os pastos, sempre conferindo a presença dos chocalhos para que, no final do dia, a família consiga identificar a localização dos animais.

O caminho para retornar à casa é repleto de subidas e descidas cuja única serventia é testar a qualidade dos pulmões. Quando o menino chega, a respiração entrecortada pelo cansaço, a mãe já está no final do preparo do desjejum. O cheiro do café fresco e do pão de milho ou de arroz quentinho chegando até a calçada. Saciada a fome, é hora de ajudar o pai na roça. Da porta de casa, a mãe observa o marido e o filho até que se percam na lonjura da estrada. Eles então chegam à roça vestindo a roupa de malha lavada com afinco pela dona do lar e o chapéu de palha que protege a pele do sol. Portam, ainda, uma enxada para afofar a terra e uma foice para brocar o mato. Da cintura, balança uma cabaça de água para o caso de a sede aparecer. O menino ainda não tem plantação própria, por isso enterra as sementes dele junto com os legumes do pai. “Nasci e me criei assim, e a história é meio comprida. Papai me botava pra fazer o trabalho na roça e, aos seis anos, eu bem dizer já comia às minhas custas”, conta Chiquinho. As crianças cumprem apenas metade do expediente agrícola. Quando o relógio acusa a proximidade das 11h, almoçam e se preparam para os estudos. Sem acesso à educação formal, os garotos do Roçado percorrem léguas de terra batida em busca da mais básica

alfabetização. Muitos estudaram com a professora leiga Maria de Pedro do Sapo, que ensinava a carta, a cartilha e o livro a uma única turma de alunos com níveis misturados. Com boa vontade, a professora tentava se equilibrar no caos das traquinagens infantis para dar atenção e ensino a todo mundo. Através da paciência dessas educadoras, as impressões digitais foram aos poucos sendo substituídas por assinaturas cuidadosas nas carteiras de identidade dos moradores do Roçado. “Era ensinada a lição e tinha também o *bê-á-bá*. Nesse horário de meio dia, eu não aprendia quase nada. Lembro que as letras eram iguais a essas notinhas de música, que a pessoa sabendo, ela bate o olho e já entende. Perguntaram uma vez até que ano eu fiz na escola. Ora, eu estudei vários anos, mas na verdade eu não fiz nenhum. O que eu estudei não deve dar nem o primeiro”, diz Chiquinho.

O caminho compreendido entre a casa da professora no sítio vizinho e o Roçado de Dentro, aos olhos das mães preocupadas, parecia mais longo que o trajeto inverso, com os garotos aproveitando o final da tarde para infundáveis brincadeiras nos terreiros. A preparação para ir à aula incluía também a reunião de meias antigas e algodão sem caroço. No caminho, confeccionavam a bola e já seguiam jogando um futebol cujo campo era a própria estrada. Sem travas de gol, ganhava aquele que conseguisse manter o domínio da bola por mais tempo. Muitas vezes, o processo de confecção do brinquedo acabava sendo mais emocionante do que o próprio jogo. Além do futebol, os meninos ensaiavam longos campeonatos de peão ou bila. Tiravam a canseira nos banhos de açude ou cacimba, ensaboando-se com sabão de coco e esfoliando a pele com caco de telha. Devidamente limpos, participavam das bocas de noite animadas com as cantigas de violas nos terreiros.

Os dias de Chiquinho Menezes seguiram assim até se apaixonar por Josefa Bezerra Queiroz e oficializar um matrimônio que lhe rendeu dez filhos. Os grandes momentos da vida dele foram marcados pela escassez de água. O ano em que se casou foi também o da maior seca do Roçado de Dentro. Em 1956, os poucos legumes que conseguiram brotar na terra foram estragados pelos lagartos. Sem veneno para matar os bichos, não conseguiram aproveitar quase nada do que plantaram. Os agricultores ainda desceriam às margens dos riachos muitas vezes na tentativa de conseguir cultivar algum alimento, mas a falta de chuva é a desgraça do campo. A seca provoca uma dor que não tem nome pra não correr o risco de querer permanecer. “Eu vou lhe dizer que nesse ano eu não consegui tirar nem o arroz para fazer o pão da noite de São João. Não é pesado? Levei uma topada grande porque o ano foi seco”, recorda Chiquinho, pausando a fala com silêncios para mostrar respeito à própria dor.

Nos tempos dolorosos da seca, o agricultor de subsistência só podia contar com uma ajuda embaraçosa do Governo. As chamadas Emergências chegavam à zona rural para permitir a sobrevivência do homem do campo, nunca para cortar a lágrima que teimava em cair para fora dos olhos. As Emergências eram ações promovidas pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs), que oferecia uma ajuda financeira ao agricultor inscrito para trabalhar na construção de açude e cacimbão. “Era uma miséria grande. Ave Maria, as Emergências! Você morrendo de precisão porque era da roça e tinha perdido o legume, aí vinha esse negócio pra você trabalhar com 50 a 200 homens em um lugar que nem água pra beber tinha”, explica Chiquinho. As Emergências evoluíram para o programa federal Seguro Safra, que hoje concede ajuda financeira mensal para aqueles com prejuízos

nas lavouras. “Hoje tem o Seguro Safra, tem o empréstimo do banco pro agricultor. Tem muita coisa ajudando o pobre do campo. Era o inferno e virou o céu”.

Quando a seca dava uma trégua, a música se espalhava pelas ruelas do Roçado de Dentro. Chiquinho Menezes estava sempre disposto a narrar uma história da família ou reproduzir uma música composta por um ancestral. As entrelinhas de suas histórias são tão encorpadas de conhecimento e filosofia que não poderiam ser traduzidas neste livro se não fosse através da própria voz do agricultor.

Chiquinho, agora que o senhor se aposentou, como são os seus dias?

Eu vou pra roça ainda, mas é pouco. Só não vou mais porque não posso. Tem muita gente nova que não me acompanha – porque eu ainda tenho coragem e força. E é porque, às vezes, ainda magoou o espinhaço! Mas a gente tem que enfrentar a vida, sabe? Nunca ache a vida ruim, porque tem outro igual ou pior. Isso é uma coisa que eu tenho pra mim. A vida é essa que se mostra pra gente mesmo. Pior seria, se pior fosse. Aí falam em Deus. Ninguém vê Deus, mas tem que ter fé. E tem mesmo porque tem um Mistério aí que diz isso. Hoje, só tem um negócio bom: o aposento. O velho aqui se aposentou há um bocado de ano e ainda fizeram um negócio errado: passaram o aposento da velha pra mim.

É errado por quê?

Era pra ser assim: morreu, acabou. Eu digo que está errado porque entendo as coisas de uma forma diferente. O aposento é preciso porque, de alguma forma, tem que se dar valor ao cabra que fica velho e que já suou muito na vida. Eu sempre tive um cuidado no saldo, sabe? Nunca fui de gastar muito não (*Fala fechando a mão*). Eu dou até uma certa razão em passar o aposento do homem para a mulher, mas o contrário não deveria acontecer porque tem muito homem que é danado pra gastar o aposento dele e o da mulher no *Alto do Colorau*. É um dinheiro que vem fácil demais. Eu sempre separo direitinho o dinheiro das despesas: energia, água, funerária.

E o que é o Alto do Colorau?

É assim: primeiro era *Fusaca*, depois passou pra *Vai Quem Quer*. Depois virou *Cabará* e depois passou pra *Engenho Velho*. Agora acabou. Quase não tem mais mulher rapariga. Mas ainda tem o *Alto do Colorau* e, nessa história, tem velho que gasta ligeiro o dinheiro do aposento. Pronto. Acaba aqui essa história que esse tipo de coisa não é pra gente estar conversando não.

Tem alguma coisa que o senhor tenha saudade de antigamente?

De nada, nem de tirar o leite da vaca. Eu fazia porque tinha que fazer. Vivia na roça e criando animal, não é? Eu gosto mesmo é de sentar aqui na calçada, aí chega um pessoal e fica aqui conversando comigo. Mas a vida da gente tem que ir se acabando mesmo. Se fosse pra eu querer ter a mesma vida de um rapaz novo, eu estaria errado. Saudade mesmo só tenho da companheira. Aí é das coisas que acontecem.

Qual o nome da sua esposa?

O nome da esposa é Josefa Bezerra de Queiroz. Quando casamos, mudou para Josefa Bezerra de Menezes, que morreu há 3 anos. Ela já velha e doente, teve que ir cortar a perna em Barbalha dias antes de morrer. A perna ficou lá, e o corpo está enterrado aqui. É pesado. Eu moro hoje com Onésio, meu filho. Nós morávamos os três, aí ela morreu e ficamos só nós dois. Dos filhos, tem dois em São Paulo, três em Várzea Alegre e tem esse aqui. Tem ainda um que ficou desgostoso comigo porque queria vir morar aqui em casa com a mulher, e eu não aceitei. Sozinho pode vir, mas acompanhado não. Um sofrimento desse! O caba já passa a vida sem direito a nada.

Como era o cotidiano antes?

Eu tenho uma parte da barriga que é dura de moer milho sentado. Enquanto eu trabalhava, a velha coava o café e já ia fazendo uma massa para os dez meninos poderem comer bolo. Nós sofremos, mas era sofrimento da vida mesmo. Logo cedo, eu ia tirar o leite. Tinha dia que eu acordava 3h ou 4h da madrugada, com o trovão no nascente. Ainda não era hora de tirar o leite, e eu pensava: “Se eu esperar a

hora, vou tirar o leite na chuva”. Quando eu terminava, era todo molhado. A hora de tirar o leite é 5h, quando está amanhecendo o dia. Hoje, tem gente que começa a trabalhar mais tarde, mas no meu tempo não tinha isso não.

O curral do senhor é perto da sua casa?

Eu tirei muito leite do curral de papai. Com doze anos, eu aprendi a tirar leite de cabra porque meu irmão não se dava com leite de gado. De lá pra cá, eu já tirei um bocado de litro de leite. Eu só vim pra essa casa aqui depois que a gente dividiu as terras da família. Depois de uns anos, eu fiquei viúvo. Ô tombo lascado. A gente ainda tem os filhos, mas não é todo dia nem toda hora. Enfrentamos a perda sozinho ou com os outros, que não são da família, mas vêm conversar. Não é tão ruim porque tudo de ruim tem algo pior. Toda vida que você tiver uma situação grossa, pense assim que é melhor. Olhe, a pessoa tem cinco idades na vida: 10, 20, 40, 60 e 80 anos. Com dez anos, você é menino, e o tempo é bom. Com 20, já é rapaz ou moça e está namorando. Quando chega aos 40, ou está casado ou virou rapaz velho. E 60 é a idade de se aposentar. Os 80 anos tem uns que ainda vão, mas já são os por acaso da vida, a ponta da galha. Se der um vento mais forte, cai mesmo. Um velho com 80 anos não pode mais comer chouriço quente e tem que se conformar com isso.

E nessa idade dos vinte, o que vocês queriam da vida?

Quase nada. A gente era criado aqui no mato, quase sem poder estudar e tocar. Tinha muito essa coisa de ver os mais velhos tocarem, mas aí era só mesmo trabalhando na roça. Eu nunca pensei em casar. Até uns 18 ou 20 anos, eu não pensava nisso não. Namorei pouco, mas me achavam bonito aqui. Só duas experimentaram. Arranjei uma moça e, naquele tempo, ainda era namorar. Hoje, é só paquerar e ficar. Eu namorei mais de um ano com ela, mas não me intrigava das outras porque eu não era casado. Eu não namorava com outras, mas também não ia dispensar não. Tem que ter amigos. Depois, acabei com essa e conheci a minha esposa.

Mas já pensava ou se preocupava com o futuro?

Nem hoje. Acho que por isso é que minha cabecinha ainda é seca assim. E boa. Esse povo que estuda se preocupa demais. Se preocupa em chegar lá. A gente não fazia esses planos. Passava o tempo era contando as histórias dos mais velhos. Eu achava bom, engraçado. Teve um homem ali que contou que plantou arroz com o companheiro e, de noite, as marrecas do Brasil comeram o arroz. Plantaram muito arroz, não é? Pra virem as marrecas do Brasil todinho comer! Aí tem outra história de quando estavam construindo a estrada de Fortaleza para o Crato. Faz anos isso! Um engenheiro veio tomando de conta do serviço, aí quando chegou em Várzea Alegre, já cansado e com a família esperando em Fortaleza, disse que entregava o trabalho se achasse alguém para seguir o resto do serviço. Aí teve um parente da gente meio longe que tomou de conta. Desse povo analfabeto, mas resolvido. Ele não era engenheiro, mas entendia, e aí entregaram o serviço a ele. Tinha que roçar o mato, fazer a pista, o alinhamento, variando com o chão, aí lá vai. Sei que terminou chegando no Crato. Aí tinha uns que estavam fazendo do Crato pra cá e desencontrou. Foi um monte de estrada estruída. O povo aqui achava bom mesmo era contar essas histórias. Aí eu acho que essa turma de hoje é preocupada assim porque estuda. Um analisa formar numa coisa, outro em outra. Mas, de primeiro, era só trabalhar na roça, quase não pensava na vida.

O senhor fica sempre em casa, Chiquinho?

Eu não gosto de ficar dentro de casa não, Ave Maria! Mas tem que assumir. Eu não vou sair e deixar a casa aqui sozinha sem ninguém pra cuidar dela.

O senhor tem lembrança de quando começou a tocar?

Papai tocava uma sanfona. Ele tocou um xote, e eu dancei pela primeira vez com dois anos de idade. Por isso é que a família é meio danada pra dançar. Mas papai tinha essa sanfoninha, e a gente bulia nela. Eram nove irmãos: seis homens e três mulheres. Hoje, só seis estão vivos. O mais ligado à música sou eu. Jairo Diniz, meu primo, dizia que nós aqui do Roçado temos a metade de músico. E é. Eu acho bonito ouvir a banda de música tocar. O que é de som eu acho bonito. Aí ele me ensinou a tocar umas coisinhas, e eu ainda toquei oito anos em banda de música e conjunto. Mas me criei mesmo foi

trabalhando na roça. Tive dez filhos. Ora, naquele tempo a velha era sadia. E não tem essa de não ter televisão não porque isso não empata não. É saúde.

Quantos instrumentos o senhor toca?

Eu não toco nenhum instrumento, mas mexo em alguns. Eriberto, um cara daqui, chegou aqui em casa com um realejo. Eu disse que, se ele me desse um tempinho, eu ia tentar tocar. Com meia hora, eu estava tocando *Asa Branca* e umas músicas assim mais fáceis. Agora, na noite de São João, eu estava tocando era a música *Beata Mocinha*. Eu já mexi em fole, sanfona, pancadaria, pistom, realejo, tarol, cuíca, bombo. Se perguntar se eu sei mexer, eu sei em muitos instrumentos. Agora tocar mesmo é em nenhum. Tocar é quando você resolve mesmo o negócio. Pedro Souza e Matias, a gente pode dizer que tocavam mesmo. Eu só dava uma ajuda. Eu não sei tocar, mas sei o que é tocar. É interessante isso aí. Eu não sei tocar, mas eu sei quando a pessoa toca errado ou quando o instrumento está desafinado. Tem gente que não considera a pessoa como músico porque aprendeu a tocar foi de ouvido. Mas se a pessoa escutou a música com as notas certas e aprendeu, então ele sabe alguma coisa. No ouvido, eu não respeito ninguém não.

Qual é a diferença de uma sanfona pra um fole?

Mas mulher aí é grande demais a diferença. A sanfona você toca, vai abrindo e fechando. A nota que você bater é uma só. O fole fechando é uma nota, abrindo é outra. É mais difícil tocar o fole.

Aí tem sanfona e fole de oito baixos?

Não. Conheço a sanfona miudinha de 24 baixos.

O que são os baixos?

São aqueles botõezinhos que você usa para acompanhar o tom. A sanfona é abrindo e fechando, aí tem de 24, 48, 80 e 120 baixos. Aí um caba aqui disse que a de Luiz Gonzaga era grandona, de 120 baixos. Não sei pra quê tanto baixo, se não se toca em tudo. O fole de Januário é só de oito, e ele toca em todos os oito. O fole é muito difícil de tocar. Agora sabe um instrumento difícil de tocar? O que hoje chamam violino. Antes, era rabeca. Aquele ali é difícil de tocar porque não tem os traços, aí você tem que calcular. Papai tocava. O cavaquinho e o violão tem os traços, aí você coloca o dedo em cada traço e dá um tom. O violino não tem, é liso. O difícil é calcular. Pra mim, os instrumentos mais difíceis que tem são o violino e o fole de oito baixos.

O senhor sabe como foi que começou essa tradição do povo do Roçado de Dentro tocar?

É difícil contar essa história porque ela tem mais de cem anos. Mas eu sei que um professor de música veio para Várzea Alegre e que foi o padre da cidade quem arranjou os instrumentos e esse professor. Daqui do Roçado, três pessoas foram pra essa aula. Uma delas, era o Dudal. Eles formaram uma banda de música. Quando o professor foi embora, Dudal já ficou assumindo o lugar dele, ensinando aos outros daqui. Aí vem seguindo assim. Tem uma valsa *Subindo ao Céu*, que eu, novo, aprendia. Eu disse até que ia ensinar aqui aos mais novos, mas como é que ensina sem saber escrever as notas? Eu tenho pra mim que essa valsa foi o velho Souza quem escreveu há mais de cem anos. O velho Souza já era músico antes mesmo dessas aulas.

O senhor aprendeu a tocar a valsa do Velho Souza só de ouvir?

Eu não aprendi.

Como não aprendeu, se eu senhor toca?

Eu sempre gostei de música e aprendia de ouvido, mas quem toca de ouvido não é músico. Meu primo Jairo sabia dividir e me ajudava. Tinha música que eu precisava cantar pra ele escrever, mas eu pegava era de ouvido. Hoje, dessa turma nova, tem gente que sabe dividir e não divide. Eu cheguei até a dizer uma besteira que os outros acharam graça: “Ao músico não dão valor”. E não dão valor ao músico não é só em Várzea Alegre não, é em todo canto. Aí o músico é pra ser um homem novo, sadio e besta.

Por que tem que ser novo, sadio e besta?

Porque, pra tocar, se corta os beiços. Quem toca todo dia não, mas quem toca como os daqui, quando tá no meio da festa, não dá pra beijar a namorada porque tá ferido. É, eu cortei muito. Cortava porque o bocal do instrumento de sopro tinha que colocar bem apertado. No que aperta, faz o calo. Não é fácil. Você sabia que Eriberto e Rodrigo escrevem as notas? Eu ainda vou ensinar as músicas do Velho Souza a eles, porque eles escrevem. E escrevendo não se apaga mais. Às vezes, eles botam uma nota diferente, mas eu vou lá e endireito.

O senhor não sabe escrever a nota, mas sabe, vendo, tocar?

Sei não. Só de ouvir. Faz mais de 40 anos que eu não pego mesmo num instrumento. Seu avô ainda aprendeu alguma coisinha de música quando ele estudou no seminário. Ele cantou uma vez, chamando a nota. Ele nunca disse que era músico e não era mesmo. Era como gaguejar a cartilha do ABC, mas não sabe ler correto. Ele não sabia, mas aprendeu umas coisinhas. Aqui no Roçado, tem um monte de gente que sabe dividir, mas dividir é uma coisa e tocar é outra.

Como é dividir?

Como é ler um livro? É a mesma coisa. Está escrito ali, o cara aprende e lê as notas. Aí passa para o instrumento cantando a notinha que está ali. É difícil que é danado, mas eu tenho um neto que sabe. Aqui não tem mais um que queira tocar fole pra ficar na nossa história porque dizem que é muito difícil. Só querem tocar sanfona. Estão partindo pra uma coisa que a pessoa não quer mais fazer as coisas só porque o pai fazia. Querem não. Tocam sanfona e teclado mais por causa dos conjuntos que estão formando.

Chiquinho, o que o senhor fez na vida que te deu orgulho?

Tem duas coisas que eu fiz e que não tinha inveja de ninguém: dançar e tirar leite. Mas é o seguinte: as músicas de Luiz Gonzaga eram bonitas a letra e a música. Hoje, foi pra um ponto que não tem mais a música assim. Eu sou velho, mas aprendo as músicas de hoje em dois minutos porque é só aquela musiquinha, com a letra imoral de duas palavrinhas. Aí o caba deixa o cabelo crescer, bota brinco e tatuagem e acha que está arrasando. Já era pra ter havido uma lei para acabar com isso. Brinco é em mulher. Tatuagem é em ninguém. Eu estou errado? O cantor e o artista usam. Não sei por quê. É a vida, é o povo novo. Rapaz, o negócio é porque velho não sabe de nada. Não sabe como pegar em uma enxada, não sabe tirar leite. E é. Quem sabe são os novos. Porque ó: hoje, os cabos da enxada são bem feiti-nhos. Pra tirar o leite, já tem até um aparelho. Eu fiz duas coisas na minha vida que nunca tive inveja de ninguém: foi tirar leite e dançar. O que eu sabia dava, estava bom. Tirava com as duas mãos. A vaca podia ter o peito apertado como fosse, mas eu tirava. O meu leite dava mais, porque tem gente que vai tirar leite, e a vaca esconde. Vaca sabe mesmo como esconder o leite. Mas, hoje, eu não sou nada. Eu sou só Chico Menezes. Eu não desfilo com os veteranos da escola de samba porque gosto é de ir olhando o movimento no meio da rua. Eu ainda vi, no ano passado, (a porta-bandeira) Leolina fazendo um trabalho e pensei que aquele serviço não faz vergonha em canto nenhum: nem no Rio de Janeiro nem em São Paulo.

Por que o senhor ainda guarda os instrumentos do primeiro desfile da Esurd?

Eu não toco muito, mas também não vou vender. Fica aí para contar a história. Eu gosto de guardar as coisas, sabe? É preciso ter uma pessoa besta com o capricho de guardar isso. A cuíca eu até tenho vontade de mandar Tonha guardar, mas, se a gente levar esses instrumentos de 63 para a sede da escola, os meninos mexem e é arriscado quebrar. As maracas, por exemplo, já quebraram. Eu não sei nem dizer o que esses instrumentos significam para mim. Quando a gente guarda uma coisa, é porque quer bem. A gente tem que guardar as coisas pra, daqui a muitos anos, mostrar aos outros e contar as histórias. Eu guardo as coisas, vocês guardem também. Guardem porque elas ainda servem.

Capítulo 2: os dias no Roçado

A vida por viver não tem espaço no Roçado de Dentro. Os moradores de lá rebobinam as cenas, voltam no tempo. Sustentam o presente no pretérito, mas se esquivam de quaisquer planos para

o futuro. Eles têm cabeça boa de não pensar na vida, de não se preocupar com o dia que ainda está por vir. A comunidade está impregnada pelas histórias de hoje, mas há uma mistura dos tempos, afinal, como se pode entender o que está acontecendo agora sem saber do que já passou? As histórias do Roçado de Dentro são contadas em carne viva porque foram escritas nas profundezas das pessoas, as frases, desenhadas da alma às entranhas.

Nos olhos amendoados de Raimunda Alves de Souza, 67 anos, tenta resistir à conformidade recortada pela experiência. Ela é Raimunda só no RG. Virou Bichinha antes mesmo de completar um ano de idade, quando, ao cair de uma calçada alta, os familiares sentiram dó. No meio do choro na queda, alguém gritou: “Coitada da bichinha!”. E o irmão, Tim, que ainda estava aprendendo a falar, deu um jeito de o apelido pegar. Eximida do direito à escolha, Raimunda virou Bichinha sem querer ser vítima e, por isso, recusa lamentações. Só reclama da vida muito sutilmente, através de brincadeiras bem humoradas sobre velhice. Diz que a diferença entre gente nova e idosa é tanta que o velho perde tudo, até o nome. A falha dos sentidos que Bichinha começa a enfrentar na velhice é um incômodo que quase não dói diante de uma vida inteira calejada pelas asperezas do destino.

Em uma manhã enevoadada de dezembro, Antônio Alves de Menezes ganhou as ruelas do Roçado, reclamando de uma dor. Saiu em direção ao curral e ainda tirou o leite para que a família compreendesse o zelo inerente à alma de um patriarca. Quando voltou à casa, deixou os tarros de alumínio na cozinha e, sem levantar o olhar, balbuciou algo que ninguém ouviu direito. Escorou-se na parede do corredor, lançando para o nada um olhar perdido no tempo.

– Antônio, é a dor? – perguntou a esposa, Bárbara Alves de Souza.

– É não. Vai fazendo um café preto aí pra gente tomar.

Bárbara colocou a água para ferver no fogão a lenha e ficou tentando entender a estranheza do marido. Quando pegou o coador, sentiu um arrepio na espinha. Soltou o café assim que os passos de Antônio deixaram-se ouvir pelo corredor em direção à sala, a chinela de couro estalando no chão. O movimento rápido da silhueta do marido ainda permitiu que a esposa desse conta a espingarda, a voz saindo desesperada:

– Antônio, pela hóstia consagrada, larga essa espingarda!

Naquela hora, o clima frio do início do dia fazia Bichinha, aos cinco anos de idade, enfiar-se sob as cobertas, recusando-se a acordar. Ela dividia o quarto com os irmãos Tim, Socorro e Fransquinha no exato momento em que um estrondo alto se espalhou pela casa. Bichinha nem sabia que aquele barulho era tiro quando a pólvora se instalou no nariz dela. Ainda hoje sente o cheiro da morte do pai. Sem nenhuma recordação visual da tragédia da família, ela sabe da história por ter crescido ouvindo Bárbara contar. “Mãe dizia que ele foi tão ligeiro que botou o pé no gatilho e atirou nessa veia grossa aqui (aponta para a jugular). Eu lembro do cheiro e do movimento. O sangue dele não coalhou, e muita gente achou que era ele pedindo vingança, mas acho que não era não. Os vizinhos acharam que ele tinha atirado num peru, mas aí mãe saiu lá pra fora e todo mundo correu pra cá”.

Nas sombras da própria alma, os moradores do Roçado remoem um sofrimento esquisito. Sem saber de onde vem ou para onde pode ir a tristeza que chega sem explicação, sensibilizam-se com as mortes repentinas porque conhecem bem as tragédias desveladas pela dor. No sítio, foram vários os que, na ânsia de emudecer o desespero, tiveram o mesmo destino. A morte, translúcida, nem sempre se preocupa em chegar batendo as portas. Surpreende. Só dão fé de sua presença aqueles que escutam o aviso dos pássaros empenhados em transpassar a informação. A Coam afina o canto em direção ao norte. A Rasga Mortalha cruza os telhados com um piado alto. O Vim-vim se arrisca em toadas agudas que, se forem curtas, anunciam mau presságio. Os agricultores suplicam: “Se for boa nova, cante. Se for ruim, vá embora”.

Naquela manhã de sete de dezembro de 1949, Bárbara não atentou para o aviso dos pássaros. Tudo o que sentiu foi um calafrio seguido de um peso no corpo. O ventre ainda carregava Tonha, a filha caçula que já nasceria órfã de pai. A família se apressou em resolver o velório: Antônio foi levado da sala de casa direto para o cemitério porque os que davam fim à própria vida perdiam o direito de passar pela igreja e de serem enterrados com os outros fiéis. Recomendado apenas pelas orações da família, o corpo de Antônio foi sepultado em uma parte isolada do cemitério. Um lugar onde os que dão fim à própria vida, vistos como pacotes de almas tortas pelo pecado, eram depositados sob a terra rasa. “Foi assim. O padre nem abençoou. Logo padre Otávio estava no Granjeiro (cidade vizinha), então já não ia ser fácil da gente pedir pra ele vir pelo menos recomendar o corpo aqui em casa. E pai, morrendo do jeito que morreu, não tinha como passar pela igreja”, diz Bichinha.

Ela não guarda recordações imagéticas do pai. O que lembra são passagens com fragmentos desfocados pela memória infantil. Quando sonha, peleja para desenhar o rosto de Antônio sob as pálpebras, mas não consegue. Ressente o cheiro de pólvora e então se sustenta na única cena que, pela solidez do pretérito, ainda se repete diante dos olhos: o corpo esguio de Antônio cavalgando, uma mão firme a segurar as rédeas e a outra carregando um embrulho. O pai se aproxima, desce do cavalo e entrega o presente à Bichinha, que sai em disparada para fazer inveja às irmãs. “Era um bebê que tinha o dedo na boca e não tinha os braços soltinhos não”, descreve. As irmãs depois ganharam as próprias bonequinhas e, juntas, se entretinham na confecção de roupas e redes de brinquedo. Ainda hoje as irmãs guardam as bonecas como prova da curta infância que tiveram.

A morte de Antônio marcou o início de uma década complicada. Sem conhecer dinheiro ou dominar minimamente os traços das letras, Bárbara tentava, sozinha, equilibrar a saudade, criar as cinco crianças que teve com o marido, cuidar da casa e ainda administrar as plantações nas terras da família. Teve sorte em poder contar com a ajuda constante do pai de Antônio, o qual, demonstrando consideração e apoio permanentes, recebeu das netas o apelido de Padim-Vô. Grudado na barra das calças do avô, Tim se preocupava em crescer o mais rápido possível para ocupar o posto do pai na chefia da família e, assim, afagar a dor que impregnava a luta diária da mãe. Percorria léguas de estrada com Padim-Vô, aprendendo a ciência que é plantar na roça. Aos oito anos, já dominava a arte de alternar as sementes para garantir a boa produção. Em casa, ajudava a mãe e as irmãs nos serviços domésticos. Os tempos de alegria reproduziam-se nas tardes em que ele levava as irmãs à cachoeira, onde se banhavam e apreciavam o contraste das roças com as pedras. Imersos na inconstância pluviométrica da década de 1950, pouco viram desenvolverem-se os plantios.

As nuvens esgueiraram-se no céu do Roçado de Dentro. A chuva, desviada do sertão cearense, preenchia com poeira as bocas agrícolas. Naquele ano, o arroz se perdeu florado porque a chuva não segurou. O que vingou foi tão pouco que, em vez de preencher as sacas de alimento, encheu os olhos das famílias de lágrimas. Sem ter noção de que cavar um poço fundo poderia fazer brotar a água necessária para salvar parte da plantação, muitos passaram fome. “Comer arroz nos anos 50 era muito difícil. Mãe ainda chegou a pillar alguma coisa, mas era pouco. Quando sacudia, ficava só o xerém”, conta Bichinha. A família dela comia feijão com pão na semana e angu aos domingos. Bárbara preocupada em contar a comida estocada para dividi-la entre os dias e as pessoas. Passavam meses alimentando-se da mesma coisa e sem nunca ter o suficiente para saciar por inteiro a fome. “Se tinha merenda? Eu me lembro bem do dia em que as meninas aperrearam tanto que ela (Bárbara) amassou um feijão numa vasilhinha e misturou com leite e um pouquinho de rapadura. Foi num ano em que o feijão deu até bom, mas arroz não tinha”.

Bichinha tem olhos de seca, por isso se emociona quando fala de comida. Por isso chora, ao lembrar que o único irmão, exausto pelo trabalho pesado da roça, almoçava uma comida fria com as lágrimas pingando dos olhos. As mulheres da família passavam as manhãs pilando milho para fazer o pão e, solidárias ao esforço diário de Tim, davam um jeito de conseguir uma rapadura por semana para amenizar o sofrimento do irmão. “Ele achava aquela comida tão ruim que chorava. A gente pelo menos ainda comia quente, logo depois que fazia. Então pra ele tinha que ter essa rapadurinha rapada. Pra nós não tinha, porque se fosse comer tudim, o doce num instante se acabava”, diz Bichinha, lutando para desembargar a voz. Padim-Vô ainda tentou segurar as pontas da família, oferecendo os poucos legumes e a renda extra que podia. “Mas toda vida foi assim: pro agricultor tem ano que é ruim mesmo. A era de 50 foi ruim, mas os anos 60 foram melhores. Em 63, que foi o ano que saíram tocando pelas estradas, segurou muito legume aqui”, conta Bichinha.

Os agricultores do Roçado encontram forças na religião. Desenvolveram algumas tradições particulares subjacentes, já que a distância geográfica impedia a frequência diária na igreja da cidade. Acostumaram-se a assistir à missa apenas aos domingos, seja na paróquia ou através do rádio. Rezam, no próprio sítio, um terço específico para um dos outros dias da semana. O solene toque da Ave Maria nas segundas-feiras, por volta das seis da tarde, marca o Terço do Repouso Eterno, também conhecido por Terço das Almas, enquanto nos outros dias oração é oferecida à Nossa Senhora. O tempo acabou por acoplar aos terços do Roçado outras orações. Antigamente, entre um mistério e outro, era entoado um bendizentinho que Bárbara gostava muito:

Neste dia / ó Maria / Nós te damos o nosso amor

O terço tradicional do Roçado de Dentro é o de Santa Luzia. A toada dos cânticos e a devoção fiel à santa protetora dos olhos da alma reúnem até mesmo as pessoas da cidade. Todos os anos, no dia 13 de dezembro, um considerável número de fieis adentra a capelinha edificada na fronteira do sítio com a periferia de Várzea Alegre para rezar o popular Terço da Formiga. “Às vezes, quem vem rezar o terço aqui é uma senhora da cidade. Ela reza como rezam hoje: entre um mistério e outro, tem uma oraçozinha e um oferecimento. É diferente, mas é bem bonito”.

Não se sabe ao certo o ano em que começou a tradição. As primeiras casas foram levantadas no Roçado sobre um baixio com muitas formigas. Na entradinha do sítio, morava a família formada

por José Alves de Menezes, Maria Bitu do Sanharol e os dez filhos do casal. Quando o patriarca adoeceu, os vizinhos e amigos se reuniam em torno da imagem de Santa Luzia que havia no local para pedir pela saúde de José. A sala chamava atenção pela toada das vozes em coro, suplicando boas graças à santa. Depois, foi a vez da esposa, que ficou conhecida por Maria da Formiga. Mesmo após a morte do casal, muitos continuaram rezando o terço na casinha, até que os filhos foram se mudando. “Quando morreu todo mundo e desmanchou a casa, eu disse aqui: 'Rapaz, a gente não pode deixar se acabar essa religião'. Foi quando surgiu e ideia de fundar a capelinha ali”, conta Chiquinho Menezes. A comunidade, que havia adquirido devoção pela santa, se mobilizou para a construção de uma capelinha nas proximidades da casa.

Logo após o Terço da Formiga, o Roçado se movimenta para organizar a novena do Menino Deus. A oração segue do dia 16 de dezembro até a véspera do Natal, recheada de cânticos em louvor a Jesus Cristo. “Essa é a novena mais bonita porque é também a mais antiga. Quando eu era criança pequenininha, já vinha pra essa noveninha. As coisas da Esurd estão todas gravadas por aí, mas eu tenho pra mim que ainda falta gravar a beleza que é a novena do Menino Deus”, diz Tonha. Sem titubear em dúvidas, a fé une e solidifica a comunidade.

A religiosidade ganhou ainda mais força no Roçado após as missões lideradas por Frei Damião de Bozzano em Várzea Alegre. Bárbara foi uma das mães da comunidade que se afeiçoaram tanto ao frade italiano que virou devota. Houve uma noite em que a chuva forte, com trovões e relâmpagos, assustou o Roçado. O medo levou Bárbara a invocar um milagre de Deus em nome do frei. Pediu que a água parasse de jorrar do céu em desespero, porque poderia acabar afogando a plantação. Graça alcançada. Bárbara repetia a história aos ouvidos atentos das filhas, o que fez Tonha exclamar muitas vezes pelas estradas do Roçado: “Frei Damião só não é santo porque está vivo!”. Nas horas mortas do dia, Bárbara sentava em uma cadeira, erguia os olhos até o retrato de Frei Damião pendurado na parede e rezava baixinho, preocupada que estava em não incomodar o sono das filhas. Ainda hoje, o quadro pende na parede da sala, sustentado por cinco pregos para não correr o risco de machucar a fé da família.

No Roçado, o vizinho geralmente é também parente. Acontece que o povoamento do lugar ficou por conta do nascimento de oito a dez filhos para cada casal formado entre as famílias Souza e Menezes. Foi tanto primo casando com prima que é difícil encontrar duas pessoas no Roçado que tenham um único parentesco. “Eu sou quase doido porque o meu avô era primo legítimo de meu pai. É assim: papai é filho de uma tia do meu avô. Um dia, perguntaram sobre um irmão de papai: 'Quer dizer que Mundinho é parente de todo mundo?'. E responderam: 'É. Ele é primo até do pai dele’”, conta Chiquinho Menezes. De tão intrincada, a teia genealógica do Roçado acabou ganhando o imaginário popular local.

Conta-se que uma moça do Roçado chamada Ana Angélica tinha muito apreço pelos ensinamentos dos pais. Tanto que, nem depois de ser desposada pelo tio dela, João, conseguia faltar com os detalhes da educação herdada da mãe. Assim, todos os dias, quando o sol aparecia por detrás da serra, dizia, beijando as costas da mão direita do marido:

– Me dê sua bênção, tio João.

Ao que o marido respondia:

– Deus te abençoe, minha querida.

Só depois do ritual matutino é que Ana Angélica fazia as vezes de esposa.

A vida no Roçado é compartilhada diariamente. Na ausência de praças ou pontos de encontros no sítio, as próprias casas viram espaço de sociabilidade: as portas sempre abertas atraindo visitas sem a necessidade de um convite. Das calçadelas, dezenas de mãos batem palma todos os dias anunciando a entrada nas casas. Chega o compadre para uma conversa, o menino querendo um biscoito, o trabalhador pedindo um copo de água, a comadre trazendo um bolo para prostrar sobre as histórias de antigamente. Chegam ainda aqueles que vêm das cidades: dos parentes distantes aos repórteres curiosos em conhecer a Esurd. Se for visita de fora, olham por cima do ombro para conhecer melhor enquanto o meio sorriso dá o sinal de boas-vindas. “Tem uma parenta minha, Clara, que já foi embora para Fortaleza, mas veio passar uns dias aqui. Ela dizendo que não entendia como uma pessoa aguentava nascer num canto e passar o resto da vida todinha no mesmo canto. Aí eu disse: 'Pois sou eu isso daí'. Eu só saí da casa do meu pai para vir pra cá depois que casei, mas vivi a vida toda aqui no Roçado. A gente se acostuma com a morada”, conta Francisca Alves de Menezes, a Tita.

Quando a noite engole a luz do tempo, o que acontece é exatamente o oposto. A quase ausência de iluminação nas estradas do sítio faz com que as famílias literalmente se tranquem em casa. Portas e janelas são vedadas quando o dia dá os primeiros sinais de escurecimento, o sol se despedindo apressadamente dos baixios. A medida busca uma sensação de segurança, tendo em vista que qualquer espaço fora de casa vira breu já nas primeiras horas da noite. Só se vê espalhados pontos em claro à distância, oriundos da iluminação pública de Várzea Alegre. O turno vira então o da televisão: os agricultores se conectando indiretamente com as grandes cidades.

Especialmente naquela noite, a televisão foi desligada mais cedo. Inexplicáveis reflexos luminosos riscam o céu por volta das oito da noite. Da janela de casa, Valdir dá conta que não é uma luz o que ele vê, mas um reflexo que passeia de uma nuvem a outra, em um manejo perfeito, feito dança. Curioso, Valdir liga para a irmã Marta com o intuito de pedir ajuda para desvendar o mistério. Não demora para que o Roçado inteiro se mobilize no terreiro, dezenas de pares de olhos grudados no céu. Socorro é a primeira a se aventurar em uma teoria. Para ela, os lampejos não fazem parte da natureza, mas se for “coisa de planeta” ainda deve riscar o céu por muitos dias. Tonha então opina na contramão, certa de que o evento é coisa de homem.

– Isso é bem o pessoal do Rio Grande [do Norte] que vive fazendo experiência e aventura no sertão. Alguns chegam aqui pelo céu, sem querer. Saltam de paraquedas e, na falta de um vento mais forte, fazem pouso forçado pelas bandas de cá.

Em seguida, é a vez de Wagner, no auge do oitavo ano de vida, dar o pitaco sensibilizado pelos olhos infantis:

– É Deus pulando as nuvens, minha gente!

– Ôxe, Wagner, e por que é que Deus ia mostrar só os pés e não o corpo todo? – questiona a tia-avó, Fransquinha.

– Pois então são os anjinhos Joaninha e Joãoão voando ou Nossa Senhora se abanando com as mãos de luz.

Sem conseguir acreditar nas especulações, o medo fazia Tita pensar que estava ficando doente.

– Alguém me leva no hospital! – pedia com a voz quase emudecida, os parentes sem ouvi-la, entretidos que estavam com a visão apontada para as nuvens.

Só tinha um jeito de abrandar a angústia: tomou uma, duas, três doses de conhaque Dreher e ficou boazinha. “Cachaça é bom é pra isso mesmo”, sussurrou. Com o álcool esquentando o estômago e o juízo, Tita decidiu que não havia motivos para temer os lampejos no céu. Acostumados a observar cada novidade da natureza, os moradores do Roçado de Dentro desejaram que os lampejos acontecessem novamente para tentarem chegar a uma conclusão melhor sobre o fenômeno. Valdir se prontificou a prestar atenção, mas o fenômeno não se repetiu. Os santos não mais passearam nas nuvens, nem os homens do Rio Grande repetiram a experiência. Também não era coisa de planeta, pois o céu só foi riscado pelos raios um único dia. Lúcia inteirou ainda que não era alma porque todo mundo viu, e fantasma só aparece para uma pessoa por vez. De uma coisa eles têm certeza: não era avião. Quando é avião, as luzes cortam o céu piscando, o que não foi o caso. No quarto dia depois que o clarão apareceu no céu, chegou a notícia de que, na Serra dos Cavalos, o fenômeno foi visto com mais precisão. “Lá viram mais positivo e mais explicado e disseram que era direitinho um anjo”, disse Tonha, pouco antes de concluir: “Agora tenho certeza que foi uma coisa divina nos abençoando”.

O mistério ainda percorreu os quatro cantos do Roçado por muitos dias depois de solucionado. Os moradores da comunidade passam o tempo livre confabulando sobre tudo o que acontece no sítio: se chega alguém de fora, se um animal grunhe diferente do habitual, se há algum fenômeno mal explicado. Nada passa despercebido aos terreiros, a comunidade sempre atenta para reproduzir os mais fantásticos acontecimentos: sejam de gente, de planta ou de animal.

Pela manhã, um pequeno desfile de bichos forma plateia no quintal de Tita: filhas, cunhadas e netos observando o passeio das galinhas e o exibicionismo dos galos enquanto esperam o leite que Valdir, o mais velho, foi tirar do gado. “Muitas dessas galinhas são gêmeas. Porque você sabe, né? A gente coloca os ovos debaixo da galinha, e os pintos nascem todos juntos. Acontece de nascer galinha loura e morena (a julgar pela cor das penas), mas se nasceram juntas é porque são gêmeas. Depois de comerem o milho, elas descem para os baixios. De lá, só retornam no final da tarde”, diz Tita, se apressando em contar a rotina das aves para focar o papo na briga que já vai começar no terreiro.

De repente, o quintal vira *ringue* para o gato Max e o passarinho sem nome. Toda manhã é a mesma coisa: Max sobe na árvore devagarzinho, mal intencionado em derrubar o ninho. Aí o dono, todo furioso, se mete a bicar a cabeça do gato. Max se encolhe no meio do mato, levantando a cabeça de vez em quando para ter certeza de que não mais corre perigo. É quando o pássaro resolve fazer tortura psicológica. Sobrevoa baixinho a área onde se encontra o gato, a asa quase alinhada ao chão. Aproveita o menor momento de distração e bica repetidas vezes. “Essa briga é a coisa mais comum. O

gato é ruim porque não é de pegar rato. Pense num gato medroso! A vida dele é mesmo só implicar com o pobre desse passarinho”, conta Tita.

De tanto observar o mundo pela janela de casa, Francisca Alves de Souza é outra que sabe descrever detalhadamente o comportamento dos animais. Já deu conta da meditação do gato no começo de cada dia e da disputa cultural dos galos do vizinho. Ela cria, com as irmãs, uma gata branca chamada Nica. No desabrochar do sol, Nica costuma subir em uma panela de barro disposta no quintal. Ali fica na mesma posição durante mais de uma hora, apertando os olhos. Primeiro, dobra uma pata. Depois a outra. O rabo fica no meio pra garantir o equilíbrio em cima da panela redonda. Nica parece meditar. Depois sai, se estica e afia as unhas no pau da cerca como se depois fosse cumprir o papel de pegar rato. Depois chega o galo, que estica o pescoço e canta não para acordar as pessoas, mas para espreguiçar a garganta. Canta e espera pelo canto do galo vizinho pra poder cantar de novo. Toda manhã é assim. E Fransquinha observa atentamente, pra não deixar passar qualquer movimento mais brusco: os cinco sentidos grudados nos baixios e nas ruelas do sítio.

Limitada pelo mato, a estrada principal do Roçado de Dentro se bifurca repetidas vezes para abrir os caminhos da comunidade. A arquitetura das margens difere ao longo do trajeto, revelando casas com mais de um piso, largos alpendres, dispensas anexadas, curral nas proximidades, terrenos cheios de frutas ou calçadas altas. Sem unidade, os elementos se misturam pelo percurso e dão forma a cada residência. São elas – as casas – cenários para a tessitura de arduas histórias de vida.

Miguel apareceu com o sorriso pendurado no rosto, quando Bichinha já estava quase desistindo de realizar o sonho do matrimônio. Aos 36 anos, resignada pelo destino que lhe abria os áridos olhos da realidade, decidiu: “Casar ainda pode ser, mas filho não vou ter mais não”. Não teve coragem de dizer que não casaria porque para isso foram criadas as moças do Roçado. E então veio Miguel, um viúvo com praticamente as mesmas conformações. “Ele não tinha filhos, mas tinha a mesma opinião que eu. O povo dizia que gravidez nessa idade era complicada pra saúde da mulher e da criança e aí nós combinamos não ter filho. Aí foi bom”, conta.

Logo após o casamento, num dia de junho, Bichinha deixou o Roçado com Miguel e mudou-se para o sítio Caiçara. Por cinco meses, dividiu a casa com a mãe da primeira esposa do marido. Acostumou-se a desfiar intermináveis conversas com as vizinhas, a noite iluminada apenas pelas chamas das velas porque os terrenos ainda não detinham energia elétrica. O recebimento de um pedaço de chão no Roçado como herança da mãe, no entanto, mudaria mais uma vez a vida já traçada de Bichinha. Miguel ainda tentou, por algum tempo, dar conta do trabalho nos dois terrenos, se entregando em várias viagens por semana. O cansaço acabou levando-o a traçar plano de voltar a morar no Roçado.

– Mas Miguel, nós estamos tão bem aqui! – dizia Bichinha, querendo ficar.

As vizinhas endossando:

– Miguel, tu vai acabar tirando Bichinha daqui pra ficar sozinha numa casa nova.

O tempo acaba deixando as pessoas mais propensas à adaptação. Acompanhada pelo marido, Bichinha acabou voltando para o Roçado de Dentro. Foi morar próximo aos transmissores da Rádio Cultura, quase na divisa do campo com a cidade. Ainda vive por lá, dando conta de quem chega ao Roçado em intermináveis conversas com as irmãs Tonha, Socorro e Fransquinha. Quando se juntam, dão conta de como a população do Roçado envelheceu, e reclamam das dificuldades da velhice nos intervalos dos risos abafados. Conformadas, verbalizam a ironia do destino: quando enfim teriam condições de concretizar pequenos anseios consumistas, percebem que o tempo delas já passou. “O aposento vem pra quem já não tem mais gosto em fazer nada. Uma vez ouvi uma pessoa dizendo que, quando se aposentasse, ia fazer um bocado de coisa. A gente faz esses planos porque sabe que vai receber um dinheirinho, mas logo depois percebe que não pode fazer mais quase nada”, diz Tonha. E Socorro emenda: “Essa vida de velho não dá. Não sei se vale a pena. A gente não vê direito, não tem mais nem as *oiça* boa”.

Capítulo 3: de carvão, meu carnaval

O cenário é uma estrada de terra batida envolta por uma plantação que, só depois de amargar muitos anos de entre-secas, esverdeou. Antes mesmo dos atores decidirem entrar em cena, o espetáculo já havia começado. Erguendo o cabo tortuoso da enxada, Pedro Alves de Souza, aos vinte e poucos anos, já entoava marchinhas de carnaval que ouvia no único rádio a pilha do Roçado de Dentro. A voz em consonância com o tilintar da ferramenta agrícola:

Vem cá, seu guarda / Bota pra fora esse moço / Que tá no salão brincando / Com pó de mico no bolso / Foi ele / Foi ele sim / Foi ele quem jogou o pó em mim (Pó de Mico, Emilinha Borba)

Os companheiros agricultores, de tanto ouvi-lo cantar o Pó, aprendiam a letra e, mesmo sem portar os instrumentos necessários, reproduziam a música na roça de forma que desculpa alguma justificava o resultado de um som abafado ou de uma nota desafinada. Era Pedro Souza quem conduzia aquela orquestra improvisada, nascida imersa a um matagal de mudas de feijão e milho. Um ditava o tom, os outros faziam o acompanhamento em coro. Valia ainda imitar, com a boca, o som do trombone, da sanfona e da corneta, enquanto o do surdo e o da caixa ficava por conta de um batuque ritmado em um pedaço de madeira ou na própria coxa. O som precisava ser afinado porque aquela era a trilha sonora dos dias no campo. O enredo, uma tentativa de amenizar a exaustão do trabalho na roça.

Em uma tarde de fevereiro de 1963, os homens do Roçado largaram as enxadas, pegaram instrumentos emprestados da banda cabaçal e decidiram entrar em cena para enfrentar os preconceitos. Havia, naquela época, uma espécie de abismo social entre as zonas urbana e rural. O matuto, aos olhos míopes da cidade, sequer pertencia à sociedade. Era o apêndice, um acréscimo externo atrofiado. Foi Pedro Souza o responsável por desbravar o caminho para uma nova percepção. Naquele domingo, um grupo de doze agricultores do Roçado utilizavam o bodoque, arma de caça que corresponde a um misto de arco e flecha com baladeira, para acertar passarinho. Embaixo de uma árvore localizada praticamente nos fundos do Roçado de Dentro, eles fizeram um churrasco para comemorar a fartura e o bom tempo. Iluminados pelo sol a pino do meio-dia e usando galhos de plantas como alegoria,

ergueram os instrumentos da banda cabaçal para entrar enfim no primeiro plano. Tocando as marchas e o frevo que Pedro Souza cantarolava no trabalho, o grupo seguia animado pelas estradas do sítio, convidando os demais moradores para a empreitada. Quando aqueles homens chegaram à casa do irmão de Pedro, já nas proximidades da *Rua*, não houve nem tempo para decidir se acompanharia ou não o cortejo: “A minha sanfona era novinha, e a princípio eu nem queria colocá-la no meio daquele negócio”, conta Matias Alves de Souza, sem saber direito se os amigos pegaram primeiro o braço dele ou a alça da concertina. Sem ter por onde fugir daquela intimação familiar, o jeito foi seguir o percurso entoando uma nova marchinha:

Maxxada / Isso faz um bem / Mexe, mexe e remexe as cadeiras, meu bem / No rock a negra deu mancada / No twist bambeou / Mas na nossa maxxada ô / Foi que a nega rebolou (Autor desconhecido)

Seguiram assim para o bar de Raimundo Félix, no bairro Varjota. O local divide ao meio o caminho que interliga o Roçado à cidade. Lá, com o álcool sendo colocado em lugar estratégico, o tom da conversa foi acelerado pelas vozes misturadas daqueles homens:

- Como é? Vamos até o Centro? – incentivou Pedro Souza.
- Não! Não tem futuro não. É capaz da gente ser preso porque o povo da *Rua* tem muita decência.
- Vamos então até ali a ponta da *Rua* só.
- Não, que o tenente Josias pode mandar prender a gente.
- Prender porque, rapaz? É carnaval!
- Desce um litro aí da prateleira pra turma esquentar, Raimundo!

E um outro, já com as orelhas esquentando:

- Rapaz, se compadre Chiquinho for, eu vou.
- Outro litro aí, Raimundo!
- Então vamos, mas se começarem a acanalhar lá na *Rua*, eu tiro a minha família todinha, e a gente vem embora.

O sol já começava a se pôr, quando Pedro Souza enfim conseguiu convencer os companheiros a retomarem o desfile do bloco. Muitos ainda tinham receio em mostrar o rosto à classe que, por ocupar o topo de uma pirâmide social que mais parecia um trapézio, era chamada de Sociedade. Assim mesmo, com a inicial maiúscula. Dita como substantivo próprio, a palavra desenhava um corpo ao qual os agricultores do Roçado não pertenciam. “É porque a Sociedade tinha muita decência”, explica Antonito Alves de Souza. É justamente esse homem, que perdeu o juízo no tempo para preservar as raízes, o narrador dos versos sobre a necessidade em camuflar a identidade e mergulhar na ebriedade para ofuscar o medo.

O beber não é pecado que o frade bebe também. Pois a bebida já vem da alta sociedade. Dizem que até o padre bebe que fica acabado. E se não for do meu engano, ou de alguém que fale dele. Eu vou, me junto com ele, e bebo até lascrar o cano. (Versos de Antonito)

Alguns componentes pegaram carvão engordurado na fornalha de Raimundo Felix, o dono do bar. Outros foram até a oficina do ferreiro Joaquim de Gino, próxima ao estabelecimento. Só depois de todos os rostos devidamente enegrecidos, os homens se sentiram seguros para retomar o percurso. “O negócio do carvão era pra isso mesmo: ficar mais feio do que era, perder a vergonha, se esconder”, conta Lázaro Menezes. O grupo cruzou então o bairro Varjota, cantando alto, a voz regulada pela bebida alcoólica. Já eram dezenove homens acompanhando o desfile. Tocavam frevo e dançavam, subindo e descendo igual. Vicente Santiago, homem sabido que era, fazia as vezes de olheiro. Desfilava dez metros à frente do grupo para estudar previamente o caminho. Conduzia os agricultores prestando mais atenção na reação dos espectadores do que no som frevo. Se, por ventura, ouvisse um comentário desgostoso, já mudava a rota. Os outros nem chegavam a perceber o mau agouro.

Assim o grupo adentrou a cidade pela rua Coronel Pimpim e seguiu desfilando ao longo da rua dos Perus, já no centro. Ainda eram poucas as casas levantadas naquelas ruas e a maioria delas respondia ao formato arquitetônico do sobrado. Das sacadas, a população demonstrava empatia. “Quando entramos na cidade, foi bom demais. Era todo mundo gostando, da criança até o idoso. As mulheres saíam pra olhar o desfile e deixavam o arroz queimar. Doutor, era um negócio de impressionar mesmo”, recorda Pedro Souza, com o orgulho brilhando nos olhos.

O grupo se aproximava da casa de um dos nomes da *high society* varzealegrense, quando Pedro Souza notou que a ebriedade começava a se esvaír, levando com ela a confiança das primeiras vibrações. Se a cachaça acabasse, o esforço poderia ter sido vão, a comunicação novamente partida. O rosto fora, enfim, descolado do real para apresentar ao mundo a arte oculta na aridez do sítio e na abalada autoestima do campo, podada por tantos anos a golpes de enxada. “Tinha um pessoal daqui que achava que, em vez de ser aplaudido, a gente podia ser ridicularizado”, lembra Pedro Souza. O receio só foi quebrado quando Joaquim Diniz desceu do topo da pirâmide social para receber os músicos do Roçado. Era a primeira vez que os agricultores erguiam a cabeça para encontrar os olhos da Sociedade. Eles não passaram incólumes àquele momento. Tomando a bebida oferecida pelo anfitrião a largos goles, enxergaram nas íris tantas vezes desencontradas que o abismo social nem era tão profundo assim, afinal. “O carnaval era aquele da massa, do carvão, de qualquer jeito”, diz Francisco Alves de Menezes, o Chiquinho, tentando esgotar os motivos pelos quais um grupo de matuto tocando frevo agradou tanto aos donatários da vida útil de Várzea Alegre. Ainda hoje ele não saberia resumir o que foi que encantou, embora goste de dizer que talvez fosse só o talento do sertão ecoando nas cordas e nos couros dos instrumentos para tocar a alma da Sociedade.

Antes do surgimento do Bloco dos Sujos, como ficou conhecido o cortejo protagonizado pelos agricultores com os rostos encarvoados, já existiam outros blocos carnavalescos na zona urbana de Várzea Alegre. O primeiro deles foi criado em 1942, sob a alcunha de *Pode Ser*, tendo sido extinto muito antes de os roceiros ocuparem as ruas da cidade com marchas de frevo. No meio da tarde daquele domingo de 1963, algumas horas antes do desfile do Roçado, outros blocos, entre eles *Os Espartanos*, desfilaram sob a organização do médico José Colares Cavalcante. As ruas da cidade foram

coloridas pelas fantasias dos blocos urbanos, que, embora não obedecessem a uma unidade estética, davam vida aos calçamentos de concreto. “Mas esse desfile era sem música, sem som de nada”, explica Francisco Alves de Menezes, o Tim.

No dia seguinte ao do primeiro desfile, os agricultores do Roçado de Dentro acordaram cedo para ordenhar as vacas. Do curral, partiram para as roças, satisfeitos pelo bom inverno e pelo carnaval, que pela primeira vez embaralhava os papéis de protagonistas e coadjuvantes em Várzea Alegre. No accho dos matos, uma voz quase se perdia na descida da ladeira:

– Vamos nos preparar que convidaram a gente pra desfilar novamente!

Era Josimar, um dos componentes do bloco, que havia conversado com José Colares, o organizador do carnaval da cidade, e agora levava o recado aos companheiros. Os homens do Roçado estavam encontrando um lugar no mundo. “No domingo, era todo mundo de cabeça baixa. Na terça é que já foi mais desenrolado”, lembra Tim. Através dos olhos da Sociedade, começavam a moldar uma identidade. O segundo desfile, naquela terça-feira de 1963, já contava com mais de 24 instrumentos. Isso porque José Colares conseguiu, para o grupo de agricultores, o empréstimo de alguns dos instrumentos que haviam sido adquiridos pela Escola Municipal José Correia para as comemorações de 7 de setembro. O objetivo era que os homens do Roçado fizessem o acompanhamento musical dos blocos da *Rua*, que até então não tinha trilha sonora. Além das sanfonas, das flautas e dos chocalhos utilizados no primeiro dia, o Bloco dos Sujos desfilava agora com bumbos, caixas, pandeiros e tambores. A grande novidade era Raimundo Mariano, o Munda, vestido de mulher e riscando o vento com uma sombrinha para caracterizar o frevo.

Aonde você for, eu vou atrás / Seu rebolado, menina / É bom demais (Autor Desconhecido)

O Bloco dos Sujos nasceu para inverter os atores e misturar as classes sociais de Várzea Alegre. Nos primeiros desfiles, trazia como simbologia alguns personagens ousados e outros esquecidos pela história oficial da cidade. Primeiro o homem vestido de mulher. Depois uma mulher, negra, pobre e bêbada. E assim Narcisa sorria, subvertendo a ordem social, o rosto estampado nas dezenas de camisetas confeccionadas pelos músicos da roça para padronizar o desfile. O bloco transformava-se em ponte para que os mais pobres tivessem a chance de compartilhar o carnaval dos abastados, esvaziando a realidade da opressão pelo menos naqueles dias. “Carnaval só tinha lá pra Sociedade. Só eles que brincavam. Não era como hoje que tem carnaval em Várzea Alegre pra quem quiser. Foi o Roçado de Dentro, com o bloco, que fez essa criatividade de carnaval pra todo mundo”, resume Maria Socorro Alves de Menezes, irmã de Tim.

A organização do Bloco do Roçado de Dentro nasceu junto com a ditadura militar, em 1964. Os agricultores dispensaram o improviso para consolidar a contribuição deles na cena cultural da cidade. Focados nisso, os olhos rurais não deram conta de movimento político ou de protesto, mas acabaram sob forte influência do regime ditatorial brasileiro. O bloco já tinha mais de 30 componentes, cada um portando um instrumento. O som ainda procurava uma estética própria, algo

saído de uma mistura de forró, frevo e coco. Os instrumentos utilizados eram os mais controversos para determinar um ritmo específico: violão, pandeiro, zabumba, sanfona, flauta, trombone, caixa, bumbo, tarol, cuíca e até berimbau. Pela primeira vez, os agricultores saíam uniformizados. No ano do golpe, desfilaram com fardas de soldado, quepes e capacetes. “Eu não tenho lembrança da revolução porque não prestava muita atenção nessa parte. Nesse tempo, o negócio era carnaval”, justifica Tim. Mas a ditadura deixaria suas marcas no Roçado.

Os meios de comunicação de massa serviam de sustentáculo moral para o regime militar. Sob a alcunha de incentivo à cultura, o rádio e a televisão vendiam ao País práticas culturais padronizadas para melhor controlar as manifestações populares e, assim, evitar atos vistos pelas lentes militares como subversivos. Sem acesso à televisão, foi o rádio que primeiro disseminou, pelas ruas de terra batida do Roçado, a toada cultural do centro econômico do País. Muitos elementos do eixo Rio – São Paulo foram incorporados pelos agricultores. A manifestação cultural do Bloco do Roçado de Dentro, ainda em fase embrionária, sobreviveu por um processo de regurgitação. Os modelos vendidos pela ditadura eram ruminados e fundidos às práticas locais para dotar o movimento de sentido. Algumas dicotomias marcaram o surgimento do Bloco dos Sujos. Primeiro, a busca de um tom para integrar, no imaginário, as populações rural e urbana. Depois o conflito entre a cultura massiva disseminada pelos meios de comunicação e a cultura popular tradicional. O resultado híbrido do processo de adequação nessas duas vertentes acabou por ampliar o espectro cultural do sítio para abarcar também a cidade, possibilitando uma espécie de negociação e socialização entre as classes.

As alternativas desenvolvidas com o intuito de transformar um movimento popular embrionário em tradição cultural e socialização têm fundamento teórico. Deixe-me, então, pousar brevemente os olhos nos escritos de alguns pesquisadores para explicar melhor o processo observado em Várzea Alegre.

Ao estudar convergências e choques no contato de diferentes culturas, o antropólogo argentino Nestor Garcia Canclini chega ao conceito de *hibridismo*, que determina uma espécie de prática cultural desenvolvida a partir da interação entre grupos populares tradicionais, elites e indústria cultural. Canclini observa a possibilidade de as sofisticadas ações culturais advindas dos meios de comunicação coexistirem, naturalmente, com a cultura tradicional. O novo olhar é possível quando o pesquisador troca suas lentes de observação. O desfoque da visão romantizada de isolamento do folclore o faz enxergar a cultura popular como algo mais construído do que preexistente. Fica claro, aos olhos de Canclini, que as tradições populares são mais bem explicadas pela interação entre diversas classes do que propriamente por uma autonomia imaginada.

A mudança na maneira de ver o processo de formulação das tradições populares não é necessariamente uma desagregação ou uma forma de perder a autenticidade. “Ao decidir que a especificidade da cultura popular reside em sua fidelidade ao passado rural, tornam-se cegos às mudanças que a definiriam nas sociedades industriais e urbanas”, escreve Canclini no livro *Culturas Híbridas*, para justificar a mudança no foco do seu olhar.

Ele acaba por constatar que, no meio das aparentes contradições entre culturas populares e massivas, surgem novas práticas. Do velho, cria-se o novo. E do novo, o velho é mais uma vez refeito.

Com alguns ajustes, talvez. Frutos de uma negociação de identidade que Canclini aborda com cuidado e com uma série de questionamentos sobre a sua real possibilidade, já que os novos elementos são incorporados com o intuito de atualizar uma percepção endógena dos atores da nova cultura que está sendo ainda desenhada.

O estudioso colombiano Jesús Martín-Barbero compartilha o pensamento de Canclini e vai além, quando assevera que o popular se transforma simplesmente com o advento das massas urbanas, as cidades sendo inicialmente estruturadas sobre bases de concreto. Sistema educativo, organização de práticas religiosas e usos do espaço, por exemplo, já seriam elementos considerados das massas pelo colombiano. “O massivo, nesta sociedade, não é um mecanismo isolável, ou um aspecto, mas uma nova forma de sociabilidade”, explica Barbero.

O pesquisador colombiano ressalta que os grupos populares não absorvem integralmente os modelos vendidos pela indústria cultural, mas utilizam parte dos elementos em novos processos de produção de sentido. São as lembranças coletivas que explicam uma comunidade. Somente a manutenção de rituais e símbolos tradicionais, endossando o conhecimento transmitido pelas narrativas populares, é capaz de perpetuar a memória e, assim, garantir a integridade da identidade. Tendo percebido isso, Barbero aplica, no livro *Dos Meios às Mediações*, o conceito de Frente Cultural desenvolvido pelo professor mexicano Jorge González. Trata-se da visualização de um espaço de encontro entre diversas classes sociais que compartilham significantes e lutam por e a partir de significados diferentes para dotar uma prática cultural de sentido. Determinados valores são ressaltados em virtude de um processo de legitimação cultural pela socialização.

Dessa forma, o carnaval no Roçado não se desenvolve mergulhado à degradação do tradicional pelo massivo, mas utiliza elementos culturais herdados do centro do País para integrar o urbano e o rural. Apesar da aceitação do primeiro desfile, o movimento, por si só, naturalmente não eliminaria o caráter opressivo entre classes sociais imersas a dominações centenárias. A solução foi percorrer vias intermediárias de negociação.

A iniciativa dos moradores do Roçado só foi possível porque os principais personagens já participavam, de alguma forma, das atividades culturais da cidade. Pedro Souza, o grande idealizador do Bloco do Roçado de Dentro, tinha 21 anos quando começou a passear pela zona urbana de Várzea Alegre. Naquele tempo, em 1960, o ponto de encontro dos jovens era a Praça dos Motoristas, antes chamada de Avenida. Em uma noite de janeiro, ele conheceu a moça que viria desposar, Liêda Souza. Contornando a praça, passeavam os rapazes. As moças solteiras desfilavam em sentido contrário para, no encontro, acontecer o flerte. “Os mais antigos chamavam era de puxar a linha de olho”, acrescenta o agricultor. Várzea Alegre comemorava as festividades de Nossa Senhora Aparecida na noite em que ele se encantou por uma moça vinda da cidade de Orós. O sorriso franco do músico da roça se alargou no cabelo alinhado da moça de vestido, a paixão à primeira vista suspensa no ar. “Depois do flerte tinha uma história de encostar. O flerte era bom, o ruim era ter de encostar ainda com aquela desconfiança. Primeiro, a gente tinha de conversar com alguma amiga para saber se ela estava mesmo a fim, para já ir mais seguro”, confia Pedro.

E assim o fez. Aquela voltinha na praça e a conversa tecida debaixo de um pé de figo, após a missa oferecida à Nossa Senhora Aparecida, acabou por render três filhos a Pedro e Liêda. Todos eles se tornariam músicos sob a influência do pai. Depois de casado, os laços de Pedro Souza com a zona urbana se estreitaram ainda mais. Ele integrou a Banda de Música de Várzea Alegre e a Orquestra Municipal Vale do Machado. Era mestre tocando sanfona, mas desenrolava o manejo de instrumentos de sopro e percussão. Antes mesmo do primeiro desfile do bloco do Roçado, ele já havia tido contato com o carnaval porque tocava no clube da cidade. Estava quase sempre acompanhado do sobrinho Tim, também músico e agricultor.

O primeiro clube da cidade foi o Recreio. Funcionava em um espaço apertado que hoje, depois de uma série de reformas e ampliações, abriga o Mercado Municipal Josué Alves Diniz. O clube foi fundado em um terreno baldio após o desmatamento de uma roça de mato Muçambé bem no centro da cidade. O Recreio era uma quadra com acabamento de cimento, envolta por quatro paredes de tijolos que ficavam à mostra pela falta de reboco. O muro era baixo, media pouco mais de um metro e meio. Era comum que um ou outro se arriscasse em pular as paredes para não ter que pagar o ingresso, mas logo os seguranças se apoiavam na valentia para impedir qualquer tipo de entrada clandestina. Pelo esforço de blindarem o local a força, foram apelidados de Leões de Chácara. Um dia, um moço resolveu enfrentar a aventura. De cima do muro do Recreio, se assustou com os seguranças e, para evitar a queda, segurou nos dois fios que levavam energia elétrica ao clube. Sem pensar, um segurança chamado João Batista cortou os fios. A voltagem era tão pequena que o moço quase morreu da queda, e não do choque.

As festas no Recreio começavam por volta das sete da noite. Para frequentar o clube, os homens se metiam em calças desbotadas, mas garantiam a elegância na camisa de botão. As mulheres usavam vestidos cujo comprimento precisava ir além do joelho porque um decote mais ousado poderia acabar lhes rendendo uma ficha policial. Os pés de ambos chicoteando o piso de cimento numa dança que durava a festa toda. Do pequeno palco arquitetado no local, Pedro Souza tocava músicas que iam do forró ao bolero. No salão, um rapaz alto rodopiava com várias moças, ensaiando longos passos de gafieira. Era Ferrim, um playboy de baixa renda que dançava para entrar na história oral da cidade. Interpretava o personagem do malandro matuto e encantava pela gaiatice, conquistando qualquer varzealegrense pela boemia. Só deixava a dança para ganhar o palco, sempre tirando som de pandeiro ou violão. Muitos frequentavam o Recreio só para conhecerem de perto os personagens das grandes cenas municipais, narradas pelas moças com detalhes românticos e pelos rapazes como atos de bravura. É certo que, nos dias úteis, as histórias do final de semana se tornavam contos de amor ou de conquista.

Nos arredores daquele clube improvisado, uma barraquinha vendia tripa de porco assada para que os homens pudessem tirar o gosto amargo da cachaça *Vale do Cariri* ou *Guanabara*. O Recreio mesmo não tinha bar. Numa estrutura armada no canto da parede, vendia apenas cerveja quente. Mas o que dava o barato nos bailes de carnaval organizados no clube era o lança-perfume. Ainda considerado lícito pelo governo brasileiro, o líquido composto por cloreto de etila era inalado para desbaratinar os homens. “Uma vez, depois do carnaval, eu vim desbulhar um mondubim aqui pra plantar no outro dia.

Foi quando eu parei e vi que aquele negócio tava afetando mesmo o meu juízo”, recorda Chiquinho Menezes.

Quando o relógio anunciava as dez da noite, o gerador do Recreio fazia as luzes piscarem uma, duas vezes. Depois da terceira, sobrava a escuridão. “Várzea Alegre era pequena e quase não tinha atração. Naquela época, não existia vida noturna. Depois das dez, as luzes se apagavam, todo mundo ia pra casa e acabou a conversa”, conta o compositor José Clementino, cujas músicas já percorriam o Brasil na voz de Luiz Gonzaga. A primeira composição dele gravada pelo rei do baião abordava uma característica pitoresca de Várzea Alegre, traduzida como a cidade dos contrastes.

Mas diga moço de onde você é? / Eu sou da terra que de Mastruz se faz café / Meu amigo, eu sou da terra de Zé Felipe afamado, onde o bode era marchante e Jesus foi intimado / Sou da terra do arroz / Do sabido acabrunhado / Do calango carcereiro / Meu amigo, eu sou da terra que o peru foi delegado / Meu amigo, eu sou da terra onde o sobrado é nos oitão / Houve três anos de guerra, não morreu um só cristão / Onde o eleitor, amigo, pra votar não faz questão. Elegeram pra prefeito, numa só semana, quatro nobres cidadãos / Meu amigo, em minha terra, já pegou fogo no gelo. Apagaram com carbureto, foi o maior desmantelo / São Brás lá é São Raimundo. Se festeja com muito zelo / O prefeito completava idade era de quatro em quatro anos e nunca penteou o cabelo / Meu amigo, eu sou da terra que o padre era casado. Enviuvou duas vezes e depois foi ordenado. Ainda hoje reza missa. Os filhos já estão criados / O juiz era uma mulher / Meu amigo, eu sou da terra que o cruzeiro é isolado / Mas diga moço de onde você é? Eu sou da terra que de Mastruz se faz café. (Contrastes de Várzea Alegre, José Clementino)

A música ganhava cada vez mais espaço no imaginário popular varzealegrense, com Luiz Gonzaga levando histórias da cidade pelo País através dos versos de um filho da terra. José Clementino mantinha proximidade com o rei do baião, entregando-lhe letras que enalteciam o Nordeste e o sertão. “O rei estava em uma situação difícil, artisticamente falando. Ele já tinha me pedido uma música que falasse do *Iê iê iê*, aquele ritmo novo que estava aparecendo no Brasil, da juventude da época. Ele queria uma espécie de música de protesto, daí eu fiz o *Xote dos Cabeludos*, em 66. Foi a subida do rei, quando ele cresceu de novo. Por sinal, essa ascensão foi através do *Xote dos Cabeludos*. Depois eu fiz a letra de *O Jumento é Nosso Irmão*, outra música muito bem rodada. O *Capim Novo* já veio depois, em outra época que o rei estava meio ruim de novo. Virou até tema da novela *Samambaia*. Ainda hoje é regravada, a *Capim Novo*”, relata Clementino.

Frequentando as festas da *Rua* e atuando como coadjuvante nesse cenário artístico urbano, Pedro Souza consolidava a imagem de grande sanfoneiro, sendo constantemente convidado para reproduzir as músicas de sucesso no clube da cidade. Contando com a ajuda de Tim, criou, em 1964, uma banda de forró autoral chamada *Pedro Souza e seu Conjunto*. Três anos depois, convidou o irmão Matias Souza e o sobrinho Tim para formar a banda *Os Improvisados*. Em 1970, Pedro mudou o ritmo do som e formou o grupo musical *Os Originais do Frevo*, sempre acompanhado pelo sobrinho, Tim. O passeio pelo rádio e pelas festas da zona urbana faria os companheiros de Pedro Souza entrecruzar referências contraditórias que, além de refutar a ideia de cultura isolada da comunidade do Roçado de Dentro, indicavam o rumo do desenvolvimento de novas atividades. Até então, o Roçado de Dentro era visto sob olhares obtusos. Desde que foi criado o Bloco dos Sujos, em 1963, virou celeiro cultural de Várzea Alegre. Encarnou a vida da cidade, lapidando uma nova identidade. “Pedro Souza é a raiz

da Esurd”, diz Antônia Alves de Souza, 61 anos. Foi ele quem mostrou à comunidade que o agricultor pode, com um ou outro reparo no gingado, se misturar à vida útil da cidade.

Capítulo 4: samba, homens e símbolos

A igreja de São Raimundo Nonato se acomodava, azul e solitária, como mero plano de fundo daquelas noites de julho. A calçada é que parecia majestosa: tomada pelos jovens de Várzea Alegre, reproduzia um sentimento nacional. No Brasil, milhares de ouvidos eram grudados no rádio para acompanhar a Copa do Mundo de 1966, sediada na Inglaterra. Tomados pelo clima de ufanismo que começava a ser instalado pelos governos militares, os brasileiros se gabavam da invencibilidade por treze jogos consecutivos, otimistas que estavam sobre a possibilidade de a seleção brasileira conquistar o título de tricampeão mundial de futebol. Acreditavam que, unidos, participavam da construção de um novo tempo, o qual, muito além do esporte, envolvia avanços políticos, econômicos e culturais. Os jovens varzealegrenses pareciam se conectar ao restante do País através da esperança desportista. Comemoraram a vitória contra a Bulgária timidamente, preocupados com as lesões que Pelé, um dos maiores protagonistas da seleção, havia sofrido. Sem contar com as habilidades do rei do futebol na disputa contra a Hungria, o País inteiro amargou uma derrota de três a um. O terceiro jogo seria decisivo para a permanência no campeonato e, por isso, a calçada da Igreja de São Raimundo lotava de novos espectadores.

Já era noite do dia 19 de julho de 1966, quando a bola começou a rolar no gramado inglês. Apesar dos televisores já integrarem os lares dos brasileiros mais abastados, o jogo só poderia ser assistido ao vivo através das coberturas radiofônicas. Pela televisão, os jogos eram transmitidos com atraso, através de videotapes. Assim, a juventude urbana de Várzea Alegre tentava aguçar a escuta, os detalhes dos lances facilmente se perdendo nas ondas curtas do rádio. “Não era fácil torcer para o Brasil naquele tempo. As transmissões, às vezes inaudíveis, nos deixavam ainda mais nervosos”, diz Mário Leal, ao recordar da especialidade que teve aquela noite. Os espectadores portavam instrumentos de música e fogos de artifício: tudo preparado cuidadosamente para comemorar a vitória. O Brasil enfrentava a seleção portuguesa, que despontava como a favorita da Copa. A grande expectativa pelo êxito, apesar da derrota na disputa anterior e do adversário complicado, estava calcada nas personalidades de Pelé e Garrincha, cujas habilidades futebolísticas já encantavam o mundo. O talento, no entanto, não foi suficiente. Na confusão daquela transmissão entrecortada pelo péssimo sinal das antenas de rádio, sofreram uma derrota difícil. A seleção brasileira foi eliminada do mundial e voltou ao País, carregando o fardo do placar de três a um para Portugal. O que o brasileiro esperava sentir em 1966 só veio quatro anos depois, embalado pelos interesses disfarçados da ditadura militar, que, através de campanhas, convidava o País inteiro a se unir em função de um progresso esportivo e político.

*Noventa milhões em ação / Pra frente, Brasil do meu coração / Todos juntos / Vamos pra frente,
Brasil / Salve a Seleção / De repente era aquela corrente pra frente / Parece que todo Brasil deu as
mãos / Todos ligados na mesma canção / Tudo é um só coração*

Especialmente após a eliminação da Copa na Inglaterra, cuja expectativa transbordava a linha imaginária do otimismo, os jovens varzealegrenses, sequiosos pela conquista nacional, precisavam

encontrar formas para digerir a derrota. Com os fogos de artifício devidamente guardados, o uso dos instrumentos acabou por transformar a decepção em música. Dispostos em filas indianas, ensaiaram um cortejo estigmatizado por rostos literalmente marcados pelas lágrimas. Apesar de poucos dominarem a arte de tocar, iniciaram um movimento do qual muitos deram conta de longe, pelo barulho de surdos, taróis, repiques e triângulos. Da batucada forte e imperiosa, ouvia-se também o tilintar baixinho das pessoas que, desviadas da ciência da música, batiam colheres e panelas para se misturar ao grupo. Nascia ali a Charanga, que, anos depois, agregaria os primeiros indícios rítmicos de samba às manifestações culturais do Roçado de Dentro.

O batuque daquela noite renderia outras manifestações culturais urbanas. Aos poucos, o som inicialmente desconjuntado era lapidado em samba. Os agricultores do Roçado ainda não tinham contato direto com o novo ritmo. Um grupo totalmente urbano e apaixonado pela boemia começava a promover pequenas fanfarras e rodas de samba. Criada para animar dos jogos de futebol de salão da cidade aos carnavais, a Charanga promovia ensaios reservados para surpreender o público no momento da apresentação. A procura por um local resguardado dos olhares curiosos era complicada. Naquele dia, o componente Nilton Freire sugeriu aos colegas que o ensaio fosse realizado na casa de Maria Edite, recém-alugada pelo pai dele. Os integrantes da Charanga fecharam a porta com cuidado para evitar a entrada dos curiosos, entoando os instrumentos na sala. No meio da batucada, Raimundinho Piau notou um clarão no corredor da casa onde hoje funcionam os estúdios da Rádio Cultura. Avistou um vulto escuro e gritou, para o desespero dos amigos:

– Lá vem dona Maria Edite!

A dona da casa, vestida de preto por estar de luto, observava com altivez a confusão instalada no local, os rapazes tentando fugir da bronca de todo jeito: escalando muro, se escondendo em galinheiro ou se protegendo embaixo do pano de Jesus Cristo, um manto que era usado pelos garotos para produzir as fotografias da primeira eucaristia. Com os instrumentos atrapalhando a fuga, ficaram três integrantes para explicar a história. Os outros dois ainda tentaram se desculpar, mas Nilton foi logo berrando:

– A casa já não está alugada a papai, dona Maria Edite?

– Olhe, Nilton, eu aluguei a casa foi pra morarem nela, não foi pra transformarem em terreiro de macumba não! Tome tento, viu menino?

A Charanga já nasceu costurando causos. Os componentes ainda se reuniram muitas vezes para ensaiar, movidos pelo desejo de fazer um desfile bonito no carnaval de 1967. Sob uma atmosfera de contenda, no ano seguinte à realização da primeira roda de samba na calçada da igreja, o maior bloco carnavalesco totalmente urbano ganhou as ruas de Várzea Alegre pela primeira vez. Os componentes estavam preocupados em se equiparar ao Bloco do Roçado de Dentro, que detinha o afamado sanfoneiro Pedro Souza e já havia conquistado grande destaque no cenário cultural da cidade. Por isso, convidaram o compositor José Clementino para, além de integrar o cortejo, estampar as estrofes da marchinha que regiria o desfile:

Os generais do samba agora vão desfilar / Os generais do samba agora vão sambar / Olha, a Charanga vem aí / Agora eu sei que vou me divertir / Ela é bamba / Ela é a tal / Sem ela, ninguém brinca carnaval

O novo bloco teria vida curta, apesar do sucesso que alcançou entre os foliões. Muitos adolescentes manifestaram o desejo de integrar o grupo nos anos seguintes, mas não houve tempo. A Charanga foi importante tanto para a cena cultural da cidade quanto para o desenvolvimento sonoro que culminaria a criação da Esurd, tendo ganhado status de clube social e de serviço. Os componentes seguiram por outros caminhos, e o bloco acabou dissolvido. A Charanga permanece nas histórias engraçadas dos fundadores e nos causos que compõem a história oral da cidade. Depois dela, outros blocos urbanos mais simples ainda surgiriam. Um grupo de senhoras casadas criou o Bloco das Piabas. Apareceu, ainda, o Terror das Empregadas Domésticas, o Cangaceira e a Vêia Debaixo da Cama.

Com a dissolução da Charanga, os primeiros instrumentos característicos de samba foram doados aos agricultores do Roçado de Dentro. Outros viriam anos depois, já no final da década de 1970, pelas mãos do boêmio Luiz Bitu e já destinados à criação de uma escola de samba. Havia sido adquiridos pelo Leo Clube, uma agremiação filantrópica formada por jovens para realizar atividades em promoção da cultura e da cidadania e que já atuava na organização de alguns carnavais da cidade, fossem nos clubes ou na rua. “A gente comprou essa batucada a um pessoal do Iguatu, que tinha uma roda de samba, mas acabaram se desgostando. Aí nós ficamos fazendo uns sambinhas por aqui. Só que houve um desinteresse do pessoal do Leo Clube, muita gente foi morar em São Paulo e no Rio de Janeiro. Aí eu tive a ideia de levar esses instrumentos para o Roçado de Dentro pra que a gente pudesse formar a escola de samba”, conta Luiz Bitu.

A ideia não foi acatada de início. Muitos agricultores mostravam resistência à incorporação do novo ritmo porque temiam que a tradição do carnaval, consolidada como uma dádiva para a comunidade, se fragilizasse. Por outro lado, Tim percebia que a continuidade só seria possível com a reinvenção cultural e, por isso, decidiu ser protagonista de uma nova história, convencendo os companheiros a embarcarem na mudança arriscada. Vencidas as limitações, assumiu – ele mesmo – o papel de mestre de bateria. Iniciou a cadência do samba embasado apenas nas músicas que já tocava nos clubes de Várzea Alegre e de algumas cidades vizinhas, na época do carnaval. Prestava atenção no som das escolas de samba do Rio de Janeiro e de São Paulo para desenvolver o próprio tom. Ainda sem apito, liderava a bateria apenas acenando com as mãos. “Eu fui logo ajeitando uns breques, mudando o negócio. Foi quando eles viram que a turma estava interessada mesmo, sempre prestando atenção nos meus gestos. Quando eu dava o sinal para as paradas, era bonito demais. Todo mundo gostava”, relata Mestre Tim.

A inspiração e o conhecimento algumas vezes chegavam por satélite, o mestre sempre atento a qualquer novidade disseminada pela televisão. Lembra bem o dia em que um sambista do Rio de Janeiro explicava a um repórter que dividiu as funções e os tempos dos integrantes da bateria para distribuir melhor o som: “Eram três componentes ali e cada um tinha uma marcada diferente. Eu disse: Vou já experimentar esse negócio e ver se os meninos fazem um de um jeito, outro de outro”. Mestre Tim desenvolveu um sistema diferente do samba-enredo. Sem estrutura de equipamentos de som, o

desfile era acompanhado sem voz, apenas pela toada ímpar daqueles instrumentos. “Melhorou a cadência, como chamam, e eu vi muita gente perguntando como nós conseguimos fazer aquilo”.

No início da década de 1980, a preocupação estética da Esurd estava focada na sonoridade. O novo mestre, sempre ajudado pelos maestros da comunidade, procurava um ritmo próprio. Tentava alinhar a novidade à antiga tradição do frevo e das marchinhas. Apaixonado por uma forma de expressão artística totalmente diferente e surpreendendo a cena cultural varzealegrense, Mestre Tim cresceu nos olhos da comunidade.

O apito, a baqueta e o tamborim são os três elementos utilizados para conduzir a bateria da escola de samba. Acrescidos da mobilidade do mestre, indicam a cadência da música. Tim passeava pelos componentes, observando minuciosamente cada batida. Prestava atenção no som pesado marcado pelo surdo, no tom mais estatelado do repique, no tinindo do agogô e principalmente no agudo tamborim, a base da bateria. O apito então avisa o tom do samba para todos os componentes. A baqueta guia os instrumentos maiores, como o surdo. Por isso, Tim balança a baqueta lá do alto, para que os músicos que ficam lá atrás possam ver. Enquanto se dedica ao som do surdo, acontece de o som dos tamborins desanimarem. É hora então de o mestre bater forte no tamborim para poder levantar o som dos tamborins novamente. E assim ele vai equilibrando o som de cada instrumento durante o desfile, maestrando com movimentos delicados. Apesar da inexperiência, Tim ainda conseguia alinhar o passo ao ritmo e dançava, a paixão pela Esurd suspensa no transcendentalismo do carnaval.

Mestre Tim liderou a bateria da Esurd por dezesseis anos. Gostava de começar os ensaios para o carnaval logo no primeiro domingo de dezembro para, como dizia, “esquentar a munheca”. Os oito domingos que antecediam o dia do desfile eram o suficiente para o grupo de agricultores promoverem uma tocada bonita pelas ruas da cidade. “Era já de um jeito que o povo sentiu que tinha peso mesmo. Era um negócio que ia ser tocado pra frente. A gente tem mais esta vantagem: toda vida demos valor a esse negócio de manter a tradição”, explica Tim.

A incorporação do samba foi parte de um claro processo de negociação cultural entre comunidades urbana e rural. “Essas famílias do Roçado de Dentro já nasceram com a música no sangue. Pedro Souza era um grande sanfoneiro, talvez um dos melhores do Ceará. Isso influenciou porque a gente pensou que, se eles já tinham aquela relação com o ritmo, não teriam dificuldade para fazer o samba”, acrescenta Luiz Bitu. Exposta pelo tempo, a tradição do Roçado só resiste até hoje porque soube acomodar as marcas impostas pela modernidade. Outros elementos, além do samba, também foram incorporados e adaptados às manifestações populares da comunidade e da cidade. A identidade sendo conflituosamente negociada para remodelar a cultura local em um conceito abrangente, proposto pelo pesquisador Stuart Hall, que a identifica como todas as coisas que um povo faz ou fez.

O som do sino da Igreja São Raimundo Nonato reverberava um novo significado. A relação cultural dos agricultores do Roçado de Dentro com a música se espalhava também pela sede do município de Várzea Alegre, o som disseminando novas crenças. O sino ficava no alto de uma torre cujo acesso dependia de uma escada espiral. A função dele consistia em anunciar as horas fechadas ou o início das cerimônias religiosas: missa, casamento, batizado e velório. Os menos abastados

prediziam os rituais através do sinal simples. O dobrado, executado por um sino grave e outro agudo, era privilégio das pessoas de posse. O soar do sino agora ganhava também a função de anunciar o horário de se comprar o pão. Isso porque foi socializada na cidade a crença de que a batida do sacristão Amadeu Siebra no sino, quando reproduzida no repique, ressoava um dito para comprar alimento para o filho: “Me dê um tostão pra eu comprar de pão pra João”.

A sonoridade adquiriu maior importância também nas festividades religiosas. A origem da igreja de São Raimundo Nonato remonta de 1936, quando Joaquim Alves Bezerra, o neto do patriarca do município, Papai Raimundo, doou o terreno para a construção do templo religioso. As famílias, àquela época, providenciavam as próprias cadeiras para assistir às cerimônias, tendo em vista que os bancos da igreja entalhados na madeira eram muito simples. Surgiram, ainda, irmandades organizadas, identificadas por fitas coloridas, para estruturar a festa dos santos protetores. As missas eram rezadas em português ou latim, quando os eventos religiosos passaram a ser enriquecidos pela qualidade da música. Na lateral do altar, um coral de vozes femininas abrihantava as cerimônias. BÍlica, Raimunda Teixeira, Romana, Cira e outras mulheres entoando o canto com devoção.

Nos dez últimos dias de agosto, São Raimundo Nonato era erguido imperiosamente. A festa do padroeiro, marcando um feriadão na cidade, recheava-se de rituais. Centenas de devotos, do sítio ou da cidade, ocupavam as ruas de madrugada para caminhadas em homenagem ao santo, a Banda de Música Municipal orquestrando a trilha do evento. Fogos de artifício estalavam enquanto os primeiros raios de sol se apresentavam no céu, anunciando o início da Salva. As honras a São Raimundo eram seguidas de aplausos e da novena.

Os anos acabaram por conferir também uma versão mais mercadológica para o evento. A Festa de Agosto, como ficou conhecida, é hoje ponto de encontro entre os conterrâneos que resolveram desbravar outros lugares do Brasil. Além da festividade na igreja da matriz, uma outra, mais profana, é arquitetada no centro da cidade. São armadas tendas e barracas para a venda de bebidas e comidas típicas e cuja disposição forma uma espécie de corredor. Dele, a imagem que se forma é oblíqua. De um lado, vêem-se lambe-lambes popularizando a fotografia, com cenários construídos com jardins artificiais ou réplicas em tamanho real de animais. Agradando sempre ao cliente urbano ou rural, também pendiam da finíssima parede de madeira apetrechos de couro e acessórios de moda da cidade. Passeando os olhos até o outro lado da rua, adolescentes portam caixas cheias de maçã do amor, a fruta afogada em mel e granulado colorido. Logo à frente, a grande atração infantil: o parque de diversões. Do alto da roda gigante, as crianças gritam para os pais, na esperança de dividir a alegria do momento que só acontece uma vez por ano. Essa festa paralela que acontece hoje se estende pela madrugada, ao som de conjuntos de forró e sanfoneiros.

O povo do Roçado de Dentro acabou por ampliar a participação nas festas religiosas da cidade. Adquiriu papel fundamental nas festividades de São Raimundo, a principal da cidade. Hoje, é responsável por extrair a madeira onde é hasteada a bandeira do santo. Dias antes do início das festividades de agosto, os agricultores mapeiam suas terras para escolher a melhor madeira para o evento. Homens e crianças embrenham-se pelos caminhos que construíram para localizar a árvore, os galhos parcialmente ressequidos informando ao longo de toda a trilha que a chuva começa a se amiudar. Antes do corte do tronco, os fogos explodem no céu seguido de aplausos e gritos em coro:

“Salve, São Raimundo!”. Terminado o trabalho mais pesado de extrair o Pau da Bandeira, uma banda cabaçal entoava músicas enquanto os companheiros comem e bebem em comemoração. Retornam à estrada principal do sítio, animados. As crianças cortando a dança pra levantar poeira. Da calçada, as mulheres fazem as próprias preces e acompanham o cortejo até a sede da Esurd, onde a madeira seria talhada. Lá, uma pequena festa integra a comunidade. Mesmo exaustos de carregar o tronco pesado no ombro, alguns homens apontam forrós nos instrumentos enquanto outros se dedicam no uso do machado para deixar a madeira lisinha. A madeira fica ali até o primeiro dia da festa de São Raimundo, quando os homens do Roçado percorrem três quilômetros de estrada, com o Pau da Bandeira pesando no ombro, até levá-lo à igreja matriz. O cortejo dos agricultores é acompanhado pelas pessoas da cidade. Muitos se vestem como o santo para pagar promessa ou pedir alguma graça. A caminhada embalada pela trilha sonora:

Devotos de São Raimundo / Da matriz de Várzea Alegre / Vamos juntar nossos passos / Vamos unir nossos braços / Que esse mal terá um fim / Sou teu, Senhor! / Sou povo novo, retirante, lutador / Deus dos peregrinos, dos pequeninos / Jesus Cristo, redentor / Meu São Raimundo Nonato / Da matriz de Várzea Alegre / Seja a nossa companhia / Nessa nossa romaria / Pra terra que a gente quer.

Pequenas negociações culturais podem ser destacadas de cada um desses rituais, os símbolos controversos saltando aos olhos. A determinação do percurso do desfile da Esurd sofreria também as influências da interação constante entre a cidade e o campo. Com o objetivo comum de reduzir alguns conflitos culturais e legitimar as tradições que estavam surgindo, os grupos fundiam algumas particularidades folclóricas, moldando novos sistemas de significação. Na zona urbana, uma esquina guardava um mistério que traduzia risco de morte porque, próximo a ela, morava o coveiro da cidade, Alexandre Cabeleira. Para firmar lugar na cena folclórica da cidade, ele vivia se vangloriando de que aqueles que ele prendesse, não seriam soltos jamais. “A esquina de Zé Bitu aparecia como uma piada. Você vai dobrar a esquina de Zé Bitu? Então morreu. Tá doido pra ir pro cemitério”, conta José Clementino. Os agricultores do Roçado acabaram por incorporar a crença e, por isso, o trajeto do desfile não poderia passar pela tal esquina.

Em meio à reformulação semiótica do município, com os símbolos sendo parcialmente reinventados, os contrastes de Várzea Alegre ganhavam cada vez mais força no imaginário popular. As histórias tecidas por Joaquim Felipe de Souza ainda renderiam muitas outras. Motorista de caminhão, o Zé Felipe viajava constantemente ao sul do País. Independentemente do caminho que seguisse, costumava um causo no outro para descrever a terra natal e entreter as pessoas com humor. “Foi ele quem mais divulgou Várzea Alegre. Ele debochava, mas era importante porque tornava a cidade conhecida. Fazia uma crítica, mas sempre construtiva. O objetivo dele era falar e lembrar Várzea Alegre”, conta José Clementino.

Através da narrativa oral do caminhoneiro, a cidade passava a ser identificada como a terra dos contrastes. O Calango, cujo primeiro nome era Manuel, trabalhava como carcereiro na cadeia edificada na Rua da Liberdade. O Peru, apelidado assim pela própria família, era um delegado tão respeitado que depois deu até nome à rua. Já o padre da cidade tinha dois filhos porque se dedicou ao sacerdócio após a segunda viuvez. Na igreja, o povo saudava a São Raimundo, mas quem recebia a oração no altar era a imagem de São Brás. Houve um tempo em que a Rua do Capim era a única

asfaltada. Os moradores costumam reportar uma história intrigante: o cego que morava no sítio Boa Vista morreu afogado na Lagoa Seca. Acrescidos de novas histórias, esses causos ainda hoje são narrados, recitados ou cantados.

A remodelação dos elementos simbólicos tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores. Dedicando atenção ao tema, o estudioso Stuart Hall explica que a incorporação de elementos à tradição popular só permite que a nova prática cultural sobreviva porque preserva algumas de suas raízes vernáculas. Ao novo ritual, desenvolvido no processo combinatório de elementos culturais distintos através de regras tácitas ou abertamente aceitas, o pesquisador Eric Hobsbawn dá o nome de “tradição inventada”. O objetivo seria inculcar valores e normas de comportamento através da repetição, uma forma de legitimar e dar continuidade à nova tradição. Seus elementos, que são tornados rotineiros, ganham novos significados à medida que a tradição recombina ganha espaço. As tradições inventadas têm funções políticas e sociais importantes, e não poderiam ter nascido, nem se formado, se não pudessem adquirir algum tipo de legitimação na história.

Ressequidos do isolamento de outros tempos, o grupo do Roçado de Dentro repetia os valores socializados com a cidade através de história ou repetição. O desfile da escola de samba preocupou-se em seguir o trajeto evitando a esquina de Zé Bitu e realizando uma pequena parada nas proximidades da casa do senhor Joaquim Diniz, o primeiro da cidade a mostrar receptividade aos agricultores. Era uma forma de festejar e consolidar a aproximação entre o rural e o urbano, embora não significasse o fim dos conflitos ou da opressão. Com muitas das diferenças resguardadas, agora os agricultores começavam a entender que pertenciam à sociedade.

Capítulo 5: impactos em preto-e-branco

Das ondas em preto e branco, pequenos pontos de luz enfim formavam a imagem. A audição, sobressalente aos demais sentidos por algum tempo, agora compartilha o posto de destaque com a visão. O olhar se apaixona ao primeiro *frame*, o sentimento se tornando angustiante logo na sequência. A beleza daqueles planos gerais, filmados no recém-construído Sambódromo do Rio de Janeiro, parecia querer gritar cada imperfeição da Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro. A tela quadrada, de catorze polegadas, revelava um espetáculo luxuoso. As escolas de samba do sudeste do País, mergulhadas na profissionalização, avultavam plumas, carros alegóricos e pomposas fantasias em um mar de gente e de música. O samba-enredo, perfeitamente audível ao longo de todo o desfile, era puxado e cantado à risca pelos milhares de componentes. A Esurd, se humana fosse, estaria curvando a cabeça, como deve fazer o aluno em sinal de respeito a um mestre. Era preciso abrir bem os olhos e ampliar o foco de visão para enxergar, novamente, algum tipo de grandeza em si. Dirigir uma espécie de plano geral endógeno no espelho de casa.

A cena só aconteceu 34 anos após a estreia da televisão no Brasil. Já existiam 106 emissoras comerciais e doze estatais no País, quando os moradores do Roçado de Dentro obtiveram os primeiros televisores. Comprados numa época em que o sítio ainda não dispunha de energia elétrica, os aparelhos foram adquiridos graças aos lucros provenientes de uma boa safra de algodão. O ano de 1983 marcava o final do quinquênio que compreendeu a maior seca cearense. A chuva havia sido

suficiente apenas para cobrir de verde os pastos. Sem água para permitir o desenvolvimento natural das sementes, o Roçado de Dentro vivia uma espécie de seca verde: a paisagem tentando afagar o coração enquanto a escassez de alimento ainda causava tanta dor e medo. “Não houve safra de legume, mas houve de algodão porque não precisava de muita chuva para segurar a gazula e o capucho”, lembra Maria Socorro de Menezes. Diante da promessa de que a energia elétrica chegaria ao sítio no início do ano seguinte, muitos aproveitaram a safra para comprar os televisores, na esperança de que os aparelhos apresentassem novos mundos ao campo.

Aquele dia de carnaval não foi o primeiro em que assistiram à TV. A instalação da energia elétrica no sítio, concluída em janeiro de 1984, já havia rendido aos moradores do Roçado boas risadas com o programa humorístico *Os Trapalhões*. O carnaval, naquele ano, só aconteceria em março. Os agricultores já esperavam ansiosos para observar o desfile das escolas que serviram de inspiração através das palavras dos outros, embora nunca tivessem sido desveladas ao olhar apurado daqueles músicos. “Aquele desfile era muito bonito e bem mais evoluído que o nosso”, avalia Socorro Menezes.

A inauguração da passarela Professor Darcy Ribeiro, arquitetada nos traços curvos de Oscar Niemeyer, fazia o espetáculo carnavalesco parecer ainda mais gigante na avenida Marquês de Sapucaí. As arquibancadas moldadas em concreto se estendiam por um corredor com medida longitudinal de 390 metros, reunindo em torno 75 mil expectadores. As escolas de samba iam adentrando o espaço tão organizadas e exuberantes que quase davam um nó no orgulho dos moradores do Roçado. Marejavam mesmo por meio de uma imagem em preto e branco, uma vez que nem a ausência das cores reduzia o espetáculo arquitetado com luxuosos apetrechos e grandes carros alegóricos. Diante da vitória da Estação Primeira de Mangueira, a Esurd precisou se desatar de muitos nós para sentir-se grande novamente. “A gente viu que era muito diferente da escola daqui. Agora, aqui para Várzea Alegre, a nossa ainda estava um luxo, fazendo um barulho grande. Claro que, para competir com as de lá, não dava não. No Rio de Janeiro, é um recurso grande demais, coisa que a gente não tem”, explica Socorro.

Muitos componentes da Esurd acompanharam o desfile aos pedaços, ocupados que estavam com o carnaval da *Rua*. Os olhos grudavam-se nas telas das casas onde passavam para que a televisão abrisse também novos caminhos para uma evolução estética. Àquela altura, a Esurd já detinha certa organização. A necessidade de planejamento foi sentida em 1981, logo após a incorporação do samba pelo grupo do Roçado de Dentro, e veio por orientação das pessoas da cidade que haviam sido agregadas como componentes.

O calendário marcava o mês de novembro quando os integrantes da cidade seguiram pela rua Major Joaquim Alves até uma pequena lanchonete cujo proprietário era conhecido por João Maduro. Conversavam animadamente, quando Luiz Bitu, tendo se familiarizado com as rodas de samba e com a preparação para o desfile das escolas paulistas no período em que morou em São Paulo, levantou uma crítica:

– Esse carnaval não está como era pra ser. A escola do Roçado de Dentro, que já tem tanta importância na cultura de Várzea Alegre, ainda não tem cores certas nem uniformes. Nem o principal, que são os instrumentos completos de uma bateria, a gente tem!

O assunto foi levado à comunidade. Os agricultores do Roçado se reuniram ao final da tarde seguinte na casa da família de Tim, que, no ano anterior, havia se tornado mestre de bateria da escola revelando o dom da liderança. Sempre tratando o companheiro como igual, conseguia dialogar com as mais diferentes personalidades para transformar o caos das opiniões individuais dos agricultores em um único consenso. Ao final da tarde, o espaço compreendido entre a calçada alta da casa amarela da mãe de Tim e o terreiro irregular logo à frente era ocupado pelos componentes da Esurd, todos preocupados em buscar formas para organizar melhor o espetáculo que já começava a atrair os foliões das cidades vizinhas. A solução encontrada foi estabelecer um grupo de pessoas para formar uma diretoria cujo objetivo seria coordenar os trabalhos e captar recursos.

O primeiro grande problema discutido pelos moradores do Roçado foi sobre a falta de instrumentos musicais. A escola havia se tornando o maior evento cultural do sítio, acolhendo um número crescente de componentes que, sem possuir instrumentos, só poderiam oferecer o dom e o amor pela música. A escassez de surdos e tamborins indicava a necessidade urgente de organizar as finanças. Os carnavalescos pediam instrumentos emprestados às escolas municipais ou aos sanfoneiros conterrâneos, mas a infinidade de recomendações e cuidados beirava a humilhação. “A gente tinha essa dificuldade em arranjar os instrumentos. Eu lembro que até as escolas estavam dizendo não. A gente acabava pedindo aos sanfoneiros, mas o empréstimo era cheio de recomendações: que tivesse cuidado porque era pra carnaval, que era pra bêbado tocar e podia até rasgar o couro do instrumento. Tinha esse negócio todo”, recorda Vicente de Paulo Alves de Menezes, escolhido primeiro presidente da Esurd.

A primeira diretoria, embora não tivesse valor jurídico, se empenhava em determinar uma série de questões básicas para qualificar o desfile da Esurd. Por sugestão do carnavalesco urbano Diassis Aquino, que muito já havia ajudado na organização das fardas para o cortejo de 1964, acabou por adotar as cores preto e amarelo como tema. A época não reservava maior preocupação com fantasias ou materiais alegóricos. Ainda em fase de adaptação, os músicos do Roçado canalizavam as energias no instrumento e no ritmo. O grupo organizativo realizou os primeiros eventos com o objetivo de arrecadar recursos para a agremiação.

Na véspera da festa de São João, as mulheres do Roçado não largaram o fogão a lenha, empenhadas que estavam em cozinhar para a grande noite. Pão de arroz, manzape, bolo de milho e baião de dois com toucinho torrado compunham os principais pratos que seriam vendidos para as primeiras receitas financeiras da Esurd. Além da culinária, o forró abrihantaria a noite e serviria como trilha para as quadrilhas improvisadas ao redor da fogueira, queimando no meio do terreiro em homenagem ao santo. Diante do sucesso da primeira promoção, a diretoria do Roçado de Dentro ainda promoveria outra no mesmo ano. Dessa vez, o cenário escolhido foi o Clube Recreativo de Várzea Alegre, o Creva. Um conjunto de forró atraindo a alta sociedade do município para juntar o dinheiro com o qual seriam comprados os instrumentos. Conseguiram.

Ao final de uma longa pesquisa de preços – intermediadas pelos conterrâneos que residiam nas cidades de Fortaleza, Crato e Recife – os integrantes da escola decidiram comprar os instrumentos na capital cearense. O presidente Vicente Menezes, acompanhado de alguns componentes, escolheu 18

novos instrumentos de surdos, caixas e tamborins na loja *BD Sports*. A maioria deles ainda hoje é utilizada.

Especialmente no ano seguinte, ouvia-se um ronco superior à toada das vozes, muito antes de se poder avistar qualquer um dos componentes da Esurd nas ruas da cidade. O batuque alto dos instrumentos recém-adquiridos davam novo fôlego ao maior patrimônio carnavalesco de Várzea Alegre. Já naquele 1985, a escola saiu uniformizada: as cores preto e amarelo das fantasias saltando aos olhos. O cortejo marcava um reinício da atividade cultural, dessa vez caracterizada pela organização. “Foi uma festa muito bonita, porque essa foi organizada. Essa sim foi perfeita e trabalhada”, relembra Tim. A cada ano, a Esurd surpreendia ao público com alguma novidade. Nesse período, o cortejo era seguido apenas pela bateria. As diversas alas só seriam criadas anos depois, sob a influência das escolas de samba do Rio de Janeiro, as quais exibiam estruturas estonteantes e participações volumosas pela televisão.

A pressão para o desenvolvimento da estética visual veio pela multiplicação do público. O desfile anual da Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro atraía cada vez mais visitantes, movimentando o comércio da cidade na época do carnaval. Um novo mercado crescia nos olhos dos pequenos empresários locais em uma via de mão dupla, que tanto favorecia o município quanto a Esurd. “A nossa escola ajudou o carnaval da cidade, e o carnaval também ajudou a nossa comunidade. O carnaval de Várzea Alegre hoje é maior que até mesmo o dos grandes centros como Crato e Barbalha. As pessoas das cidades vizinhas vêm passar os quatro dias e ainda compram blusas do bloco. Ajudam o comércio da cidade e também a escola”, explica Raimundo Nonato Pereira dos Santos, o Pacato.

Diante de um público cada vez mais exigente e antenado aos meios de comunicação de massa, a Esurd tentava se equilibrar entre a tradição e a moda para não se amiudar. As fantasias começavam a ser mais bem planejadas, recheadas de alegorias e sempre levando em conta o amarelo e preto da escola. Aos poucos, novas alas começaram a ser criadas: comissão de frente, baianas, velha guarda, crianças, papa angus. O desfile, visto de cima, ainda não tinha uma unidade estética alicerçada em uma narrativa visual. O processo de adaptação era vagaroso para que os agricultores não corressem o risco de trair a cultura tradicional local com a própria arte. Procuravam se adaptar, engravidando-se de subjetividades, para dar sentido a cada novo elemento incorporado. Crenças e modos de ver o mundo também acabavam revelando necessidade de lapidação, a Esurd sendo desenvolvida sob o aparo de pequenos conflitos.

A relação dos varzealegrensens com os meios de comunicação de massa já havia se revelado estreita desde a era do rádio, as telenovelas radiofônicas fazendo as mocinhas suspirarem ao longo do dia. Os bem letrados da cidade normalmente preocupando-se em exibir suas largas coleções da revista *O Cruzeiro*. Foi nesse contexto que surgiu a Amplificadora, com seus afamados shows de calouros. “A Amplificadora era a beleza da cidade. Era o que centralizava o pessoal. As pessoas cantando cada vez melhor, as vozes muito entoadas e com ritmo”, define Jairo Diniz. Aquela noite não teria nada de especial, se não fosse o concurso disputado nas cordas de tantas gargantas. Dezoito pessoas usavam a voz como instrumento para vencer o desafio. Entoavam a voz da melhor forma que conseguiam para ganhar um brinde que valia mais pelo título de melhor cantor do que propriamente pelo objeto

material. Jairo Diniz sentiu a emoção de vencer o concurso uma vez, o timbre da voz moldando a canção:

No mundo, existe amor / Que arrebate e é quase divinal / O amor é ilimitado / Quem domina é o amor maternal / Santo amor que eleva sacrifícios / É justo na dor e na aflição / O amor que não recusa / O maior crime, absolvição / Coração de mãe sempre abençoa / Repete às vezes, mas sempre perdoa / Quem tem mãe tem fiel protetora / Porque o amor de mãe vai além do amor

O cenário onde os artistas da terra se apresentavam também servia de palco para as histórias que hoje compõem o imaginário popular. Em um desses dias de show de calouros na Amplificadora, um personagem incomum se inscreveu para o concurso de canto. O mudo, sem conseguir pronunciar uma só palavra de maneira entendível, prometia cantar. O público parecia sensível à coragem do moço, que escolheu a música em consonância com as limitações vocais. O refrão, composto de apenas uma palavra e mais um rugido sonoro, acabou rendendo ao mudo o prêmio maior. Eis o acontecido:

O público ajudava o cantor improvisado e cantava em coro:

– Caroliiiiina.

Ao que o mudo completava:

– Uh uh uh.

A confiança do cantor, somada aos passinhos desconjuntados da dança que ensaiava no local, culminou no veredito positivo dos jurados. A música estava totalmente imersa na cena cultural da cidade, impregnando de significados das histórias orais às tradições religiosas.

A influência do rádio deixaria profundas marcas no desenvolvimento sonoro da Esurd. “A gente ouvia carnaval no rádio e era bom demais. O carnaval era muito mais badalado que agora. A gente quase não escuta mais nada no rádio. Em janeiro, entra só mesmo a programação. Antes tinha era os programas de música de carnaval no rádio, a coisa mais bonita. Era pelo rádio que tio Pedro aprendia as músicas”, conta Socorro. A emissão do som passava a ser vista como uma forma de revelar-se ímpar. O movimento do batoque, do sopro ou de dedilhar as cordas apresentando uma nova forma de subtrair a angústia. Os músicos do Roçado, mesmo sem acesso às escolas especializadas, viravam pesquisadores de som ao incorporarem, no processo criativo, a reinvenção de outros instrumentos. Sem uma grande estrutura de instrumentos, abrilhantavam o ritmo e o samba com batoque de baqueta em cimento ou farfalhar de latas de refrigerante.

O advento televisivo traz com ele a preocupação com a estética áudio e visual. Os agricultores do Roçado, com os ouvidos sempre atentos à cadência carioca, procuram recriar um ritmo próprio, algo nascido de uma mistura de frevo, samba e coco. As batidas e os breques, moldados em largos processos de experimentação, abrindo espaço também para as vozes entoadas do samba-enredo e as exuberantes alegorias.

As escolas do sudeste brasileiro, assim como a do Roçado de Dentro, se desenvolveram com o objetivo de integrar a comunidade. Foram anos de discriminação até que o samba se configurasse como um dos principais símbolos do País. Visto como música de negro e de pobre, ascendeu nos

encontros entre elites sambistas e intelectuais nas décadas de 30 e 40, no Rio de Janeiro. As recém-formadas escolas de samba tornavam-se espaços de sociabilidade, arte e festa. Fruto de pomposas tradições africanas, o ritmo preservava poesia, gingado e rito. Um olhar abrangente mostra que a Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro vive hoje o mesmo processo de desenvolvimento estético e legitimação cultural pelo qual já passaram as escolas do Rio. No entanto, apertando os olhos, é possível perceber também a singularidade de algumas diferenças.

A disposição dos instrumentos da bateria da Esurd se assemelha à das escolas de samba do Rio de Janeiro: os mais agudos posicionados à frente e os graves mais atrás. O que quase destoa são os estilos de samba utilizados como forma de expressão. Nos anos 80, o samba incorporado pelos agricultores do Roçado de Dentro se resumia em uma série de batidas com algumas pausas, os breques ainda experimentais. O tempo e o contato com a cadência carioca inspiraram os agricultores a reinventarem o samba-enredo. Sem estrutura de equipamentos de som e amplificadores para que a música acompanhasse o trajeto do desfile, o samba era cantado apenas ao final da apresentação, num palco cuidadosamente montado para a ocasião. As letras traduziam a história da escola de samba, uma forma de fortalecer a prática cultural no imaginário popular.

A Esurd não incorporou o samba de terreiro ou de partido-alto das escolas do Rio. O primeiro estilo canta experiências de vida, enquanto o segundo, nascido nas rodas de batucada, acontece em tom de disputa e desafio. Calcado na espontaneidade, somente os refrões do partido alto eram pré-concebidos, envolventes a ponto de convidar as pessoas, na musicalidade, a ocuparem o centro da roda na dança. “Mas a nossa tradição aqui no Roçado é só do samba-enredo. A gente procura sempre acompanhar as marcações do Rio de Janeiro pela televisão”, diz Pacato.

A escassez de chuva e a saúde fragilizada de Mestre Tim, em meados da década de 1990, marcaram um período de desmotivação na escola de samba. No carnaval de 97, quando o relógio anunciava o cair da tarde, os integrantes da Esurd ainda não tinham sequer as fantasias. Desfilaram como no primeiro ano do bloco: os rostos encarvoados e vestindo camisas estampadas. “Em 97, por conta dos problemas, a escola não trabalhou como de costume. Clesim, que estava à frente da Prefeitura Municipal, se comprometeu a doar pelo menos as fantasias da bateria. Em virtude dessa roupa doada, ficou digamos que a vergonha. Ora, uma escola de samba que há tantos anos desfilava pelo município não ter nada pro desfile...” – conta Pacato.

Logo após o carnaval, uma reunião foi marcada na residência de Pacato para discutir os novos rumos da escola de samba. Com os ânimos renovados, uma nova diretoria é formada sob a presidência do próprio dono da casa. Mais uma vez, a preocupação girava em torno do problema financeiro da Esurd. Influenciados pelos componentes agregados da cidade, os agricultores chegaram ao consenso de que oficializar a existência da escola poderia ser de grande valia para conquistar independência e crescimento.

História Jurídica da Esurd

A Esurd estava alicerçada em uma ideia cujo sentido era compartilhado por toda a

comunidade. A necessidade de oficialização ficou mais clara quando os agricultores entenderam a importância daquela manifestação cultural para a cidade. O cortejo dos agricultores movimentava não só a cultura, mas também criava novos mercados. Era preciso oficializar a existência para ganhar também o reconhecimento do País. Transformar-se em pessoa jurídica foi uma forma de libertar-se. A autogestão, adicionada da reelaboração das campanhas de arrecadação de renda, apresentava-se como fonte de desenvolvimento econômico e reafirmação simbólica à Esurd. Tradição e modernidade coexistindo através de um intenso envolvimento comunitário. O estatuto da associação do Roçado de Dentro foi escrito a muitas mãos e, por isso, vale fazer uma breve retrospectiva da história jurídica da escola de samba.

01 de março de 1997 – O Clube Recreativo de Várzea Alegre se torna palco da primeira reunião. Dayse Diniz explica aos integrantes da Esurd a ideia de Otoniel Fiúza para registrar a Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro como pessoa jurídica. No mesmo dia, uma outra reunião é feita na casa de Nonato Catirina, no Roçado de Dentro, onde é marcado para 24 de Março de 1997 o encontro para a criação de um estatuto.

02 de abril de 1997 – Na Churrascaria Gregório, a diretoria se reúne com os integrantes da escola e define a estética da bandeira da Esurd, com duas faixas iguais nas cores amarelo e preto. Ao centro, teria o desenho de um instrumento musical. O slogan seria criado por Irismar Araripe.

06 de abril de 1997 – Otoniel Fiúza explica a importância do estatuto aos agricultores.

18 de abril de 1997 – A Esurd é oficialmente criada, tornando-se pessoa jurídica.

01 de maio de 1997 – Reunião na casa de Nonato Catirina, no Roçado de Dentro, para tratar sobre a preparação do terreno doado por Tim para a construção do sede da escola.

25 de maio de 1997 – O presidente Nonato fala que não foi possível tirar o CGC da escola porque o estatuto foi reprovado na Receita Federal e explica a necessidade de criar mais um artigo no estatuto.

07 de setembro de 1997 – Reunião extraordinária para retirar a palavra “econômico” do texto do art. 1º do estatuto da referida “associação”, por se tratar de uma entidade simplesmente com fins culturais. De acordo com a nova redação, “fica fundada a Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro (Esurd), na cidade de Várzea Alegre, estado do Ceará, entidade civil com fins culturais constituída de um número ilimitado de sócios”. O estatuto foi registrado, de fato, às fls. 141 do livro B-1, sob o nº R.457. V. Alegre, 19.12.97.

Como pessoa jurídica, a Esurd continua a desenvolver campanhas criativas para captar recursos, sempre utilizando os símbolos e as festas da cultura local para, além de reforçar os elos de identificação da comunidade com a escola de samba, atualizar as manifestações populares. Ainda em 1997, a diretoria enviou uma série de bilhetes aos moradores do Roçado, avisando que os integrantes da Esurd passariam nas residências no período da Semana Santa para tentar reunir algum dinheiro, já pensando no carnaval do ano seguinte. Os componentes deixaram o samba em casa, pegaram alguns instrumentos e seguiram, levando a cruz característica do evento. A arrecadação foi tão positiva que os componentes decidiram fazer outra, logo em seguida. A diretoria da Esurd realizou então uma promoção da qual muitos debocharam. Os componentes, sempre apoiados pelos moradores do sítio, visitaram as casas do Roçado para arrecadar galinhas. Muita gente saiu comentando pela cidade:

– Esse povo do Roçado ficou doido de vez! Onde já se viu esse negócio de arrecadar galinha em sítio pra fazer um carnaval? Isso não vai dar certo!

Deu. A campanha foi um sucesso. Tanto que outras ainda seriam realizadas no decorrer do ano, sempre aproveitando as tradições da cidade. Em junho, o forró animava as tradições juninas. A festa, famosa pela boa música e pelas comidas típicas, reunia até mesmo pessoas da alta sociedade da cidade. Começavam a ser realizadas também as gincanas onde disputas femininas e masculinas já estimulavam tradições como maneiro-pau, banda cabaçal, emboladas, produção de versos, composições musicais. A cada ano, essas práticas são atualizadas, sempre com um ou outro elemento adicional incorporado com o auxílio da televisão. O maneiro-pau, normalmente dançado por homens, ganhou também protagonistas femininos, as madeiras sendo estilizadas com fitas coloridas para embelezar a dança originária do cangaço.

O tempo ainda viria revelar outro problema. As campanhas pareciam cada vez mais bem sucedidas, atraindo um considerável público urbano, mas a escola não detinha um local apropriado para realizar as festas e as promoções. Muitas vezes, os forrós eram realizados na cozinha da casa do presidente Pacato: “Então o nosso maior compromisso, depois do desfile, era com a sede”. Uma estrutura para guardar os instrumentos e reunir a comunidade já era um sonho dos fundadores. Muito antes de a Esurd promover grandes eventos para arrecadação de renda, o problema já incomodava. Os ensaios muitas vezes aconteciam no terreiro em frente à casa de Bárbara, mãe de Tim.

Ao final daquele dia, o céu se apresentava bonito para chover. Nas vésperas do carnaval, os agricultores não poderiam cancelar o ensaio. O jeito foi correr todo mundo para a sala de Bárbara, entoando o batuque da bateria ali mesmo. “Era muita gente, mas coube aqui nessa sala. Pra você ver que o pessoal não era tanto assim né? Eles ficaram aqui dentro ensaiando, e a zoada era imensa. Mas aí minha mãe (Bárbara) não se incomodava. A gente também não reclamava, nem falava nada, porque a gente queria ver aquilo, aquela alegria. Aí a gente só podia fazer isto: dar apoio. A gente aceitar era um completar pra felicidade e pra alegria daqui”, diz Antônia Alves de Souza.

Diante da necessidade de um local apropriado para sediar as atividades da Esurd, a diretoria intensificou as campanhas e saiu em busca de patrocínios dos comerciantes e empresários da cidade. Foi criado, ainda, um modelo em que os componentes se tornavam sócios da escola e contribuíam com uma ajuda financeira mensal. Acreditando que o sonho da sede estava enfim para ser realizado, Mestre

Tim doou um terreno próximo à sua casa. Os moradores do sítio ajudavam com a mão de obra, enquanto o material era comprado com o dinheiro conseguido através das campanhas. “Gastamos desde com o chão irregular ao levantamento do prédio. Levou muita pedra, muito tijolo, muito ferro, muito cimento. Mas a sede foi isso. Era campanha por cima de campanha, pedindo e pedindo”, resume Pacato.

Batizada como Pavilhão Mestre Tim, a sede da Esurd ainda demorou alguns anos para ser finalizada. Edificada com o suor dos próprios músicos, constitui um espaço com um alpendre amplo, uma sala de instrumentos, outra de depósito e um pequeno bar. Hoje o local serve como escola de samba, centro cultural, salão de festas e até quadra poliesportiva.

O momento próspero pelo qual passava a Esurd, logo após oficializar-se como uma espécie de associação jurídica, conferiu à população muita expectativa em relação ao carnaval, que passava a ser arquitetado com unidade. Desfilaram, no carnaval de 1998, um total de 171 pessoas. Alas, fantasias, samba e alegorias agora sendo pensadas como um todo, um espetáculo cujo enredo saltava aos olhos do público e exaltava a Esurd. As alas dialogavam umas com as outras, as alegorias gritando a exuberância do carnaval e a história do povo do Roçado de Dentro. Para tentar compreender melhor o que significou aquele momento para Várzea Alegre, repouse os olhos nas imagens das próximas páginas.

Capítulo 6: Esurd por lupas invertidas

As vozes e os couros começam a ser esquentados logo no cair da tarde. Um pequeno cortejo, embalado pelo sonoro ronco da cuíca, acontece no sítio Roçado de Dentro. Um espetáculo quase privê, destinado àqueles que, por limitação de idade ou personalidade, não podem acompanhar o desfile na *Rua*. Das calçadas, os fundadores do Bloco do Roçado de Dentro observam, com minúcia, a consequência da simples brincadeira que protagonizaram na estrada. Alguns preferem poupar a visão para não sofrerem com a vontade de acompanhar. Outros pensam na contramão, preocupados em abrir bem os olhos para acreditar no que veem: uma bateria tão harmoniosa e elegante que acaba por definir como belo o contraste da plantação verde com as penas amarelas cuidadosamente coladas no chapéu de palha dos sambistas. É preciso esmiuçar aqui: a beleza não está nas cores, mas no significado que a imagem grita aos agricultores. O verde e o amarelo, contemplados ali, não têm nada a ver com qualquer sentimento ufanista brasileiro, mas desvelam os maiores orgulhos do Roçado: música e terra farta.

As curvas da estrada batida aos poucos vão deixando os grandes mestres para trás. A bateria da Esurd segue adiante, a cadência e os breques já conhecidos pela maioria dos moradores. A compreensão de algumas coisas na vida exige um olhar interno para acontecer. Sem cordões de isolamento, consigo acompanhar os três quilômetros que separam o sítio da cidade por dentro da bateria. Os homens portam os instrumentos mais pesados, como surdos e caixas, enquanto as mulheres e as crianças são distribuídas no manejo dos mais leves. Naquele momento, o brilho foca a música. Sem o acompanhamento de alas ou carros alegóricos, apenas a bateria impera, misturando o batuque dos instrumentos às batidas do coração.

Alegria, alegria / É a nossa bateria / Que nasceu em 63 / Esurd está na avenida outra vez / Quem viveu, reviverá / E quem não viveu, se apaixonará (Esurd, 2010)

Passeio pelos componentes e não consigo me ater ao brilho das fantasias. O meu corpo parece ser só ouvido. A visão escurece enquanto sou envolvida pelo som agudo dos tamborins. A base da bateria é responsabilidade principalmente das crianças e das mulheres da comunidade. Sua marca é o tom incisivo que, vez por outra, se reduz e, por isso, necessita do incentivo do mestre para crescer novamente. De repente, o som parece misturado. A adição dos agogôs tenta me transportar para algum tipo de atmosfera transcendental. O timbre fino, entrelaçado ao som dos tamborins, oferece uma tênue leveza ao samba.

Sigo o caminho com os olhos vendados pela música envolvente, o passo lento me colocando já na parte final da bateria. O coração se esforça para decidir se deve seguir os próprios batimentos ou a toada ritmada dos surdos. O som é grave, levemente quebrado pelo batuque das caixas. Bem ao fundo, o repique concilia os instrumentos e volto a ouvir um único samba, abrilhantado pelas paradinhas ditadas pelo Mestre Joviano. A audição então se dispersa em mim, os outros sentidos brigando por espaço.

Primeiro se impõe a visão. A imagem embaçada, aos poucos, molda a silhueta do mestre. Não sei como as pernas me levaram até o início da bateria novamente, mas o fato é que estou lá, observando o trabalho de Joviano à contraluz. O sol se reflete nas lantejoulas douradas da roupa dele e se propaga nos demais componentes. O mestre de bateria tentando conduzir a orquestra dele no equilíbrio complicado do apito, da baqueta e do compasso. Dizem, no Roçado, que o fechar dos olhos nesse exato momento é como uma máquina do tempo, capaz de guiar o folião à bateria de Mestre Tim. Cerro as pálpebras e lá está ele, o herói, se destacando no manejo do apito e na dança. Ergue a baqueta para cima enquanto ensaia um passo ritmado, brilhando pelo talento e pelo amor à escola.

Quase perdida dentre as épocas, viro olfato. Sinto cheiro de terra molhada e depois de algo adocicado que não sei se vem de algum perfume ou das árvores frutíferas com as quais cruzamos no caminho. Fico tentando identificar o cheiro, quando uma mão pesa no meu ombro. É Marta, anunciando a hora de a bateria se concentrar junto às alas, na cidade, para o início de outro espetáculo.

Com os sentidos praticamente harmonizados, vou compondo mentalmente um plano geral. Um turbilhão de gente tenta se acomodar nos paralelepípedos que calçam a rua da Escola José Correia Sobrinho. Os componentes da bateria da Esurd ensaiando pequenos sambas, enquanto se preocupam em colocar a bebida alcoólica em lugar estratégico. O sol quase não pode ser visto no céu, e os integrantes das alas tentam se apressar na arrumação das fantasias. As salas da escola municipal viram camarins, as costureiras e maquiadoras ambiciosas por algo que remonte à perfeição. Nos corredores estreitos da escola, crianças e jovens se exibem para os flashes desesperados dos transeuntes. Viram artistas, atendendo com simpatia o pedido dos espectadores para uma ou outra fotografia.

O pátio está tomado pelas baianas. Lá, mulheres amadurecidas pelos anos giram uma enorme saia, enfeitada com rendas e fitas coloridas. A maioria delas nunca foi à Bahia ou à África, os mais antigos berços da tradição, mas todas se preocupam em rodopiar, uma referência de adoração a

Olorum, o senhor dos espaços. As baianas, geralmente mães e avós dos sambistas, trazem amor e conhecimento embevecidos no turbante.

Giro o pescoço em direção ao portão e vejo que os integrantes da escola de samba, hoje provenientes da cidade e do campo, começam a ganhar a rua. Corro ao lado de fora para observar como eles se acomodam nas alas. As crianças se dirigem à parte frontal, meninas intercaladas com meninos, e se dividem em mais de uma ala. Mais atrás, os papa-angus se organizam, aproveitando a privacidade das máscaras para enviar beijos aos populares. Enquanto se balançam, quase em transe, erguem alto o estandarte da escola. Outras alas também vão se reunindo, uma atrás da outra. Aos poucos, a Esurd vai ganhando forma, as pessoas devidamente enfileiradas, intercaladas pelos destaques e por pequenos carros alegóricos. É aí que acontece o reinício.

Os fogos estalam no céu para anunciar a partida. Algumas mulheres correm para a janela de casa. Gente de diversas classes sociais e de várias idades misturada em um único público espectador. E o que todos veem, afinal? As desimportâncias cotidianas, ainda sem ciência, tornando-se matéria-prima para a arte produzida pelos agricultores do Roçado. O olhar esforçado em retirar, das microscopias da vida, as filosofias que são transformadas em música e espetáculo. No samba, os agricultores exaltam os valores assimilados pelos ancestrais. Recontam as histórias do povo e da escola de samba muitas vezes, para amiudar a dor e se conhecer melhor. As letras das canções deixando o sofrimento nas entrelinhas para não matar a superação com as palavras.

Vamos exaltar a nossa história, a nossa tradição / Esurd, escola querida, você mora no meu coração / E eu falei: contigo eu batuquei na avenida, contigo eu alegrei meu carnaval / É orgulho da gente / O tempo passa, e eu te quero mais / Primeira escola, primeira paixão / Samba no pé, eu sou folião / Saudade aperta, bate no peito / E desse jeito eu vou pra multidão / E lá vou eu / Minha escola exaltar / Quero ver você iê iê iê / Com a Esurd sambar (Esurd, 2009)

Imersa naquele mar de gente e de sentimento, minha memória parece viciada em registrar os rostos em pequenos closes. Alguns integrantes da Esurd eu conheço apenas pela fisionomia. O menino de olhos de gato, empenhado em tocar bonito o tamborim, guarda no rosto alguns traços do mestre. O senhor de olhos azuis balança o repique como quem exhibe, na batida do metal, a própria história. Outros integrantes eu conheço também pelo nome, mas foi pouco o que consegui captar de suas vidas. Tem Antônio de Souza Neto desfilando com dor no ombro até que um de seus filhos queira ocupar o lugar dele na Esurd. Tem Lúcia, que, depois de desfilar alguns anos, assumiu a timidez e decidiu ver a escola pelo terreiro de casa. Tem Leolina pensando em dar o posto de porta-bandeira a outra moça, a contragosto do destino. Tem Dinaelza que já largou o destaque, mas revive na minha memória como a eterna rainha de bateria, a primeira que me encantou pela dança e pela beleza.

Naquele momento da festa, eu tento me desvincular das pessoas para enxergar a Esurd como um organismo, um único corpo onde haviam sido impressas a arte e as cores dos agricultores. Lanço um olhar apressado para cima e percebo. Os sobrados e as casas altas, característicos de Várzea Alegre, haviam se tornado camarotes, adultos e crianças esticando os pescoços para assistir ao desfile. Avisto minha avó, Maria Dalva Teixeira, em uma dessas casas e subo rapidamente as escadas. Se algumas coisas só podem ser compreendidas por dentro, existem também aquelas que só aparecem com a ampliação do olhar. Do alto da sacada, com os olhos de lupa invertida, obtenho outra dimensão

do espetáculo. Passei por todas as alas da escola anotando especificidades e vi grandes personalidades. Agora é a Esurd que passa por mim, demonstrando sua grandeza, as pessoas se exibindo em miniaturas.

A história que vem a seguir exige o detalhe do ano porque é ambientada em um carnaval especial: o de 2011. Dayse Diniz, a principal arquiteta do desfile da Esurd, assiste ao espetáculo quase ao meu lado e, se eu tivesse conseguido desgrudar os olhos do cortejo por alguns segundos, tenho certeza que teria percebido o orgulho lhe saltando ao rosto. O ano marca um considerável desenvolvimento estético e estrutural, a Esurd desfilando majestosa, com muitas plumas, destaques e carros alegóricos. O tema desenvolvido pela equipe de Dayse é *Metamorfose – As transformações da vida*. A ideia é de que cada ala encene uma transformação. E assim o espetáculo teatralizava, com ensaiadas coreografias e mudanças de roupas, metamorfoses físicas, imaginárias e até transcendentais.

O primeiro olhar se paralisa logo na Comissão de Frente. Um grupo de jovens vestindo capas, a princípio, causa estranheza e curiosidade. Seguindo uma dança ensaiada, entram rapidamente em uma espécie de cabide envolto por tecidos pretos. Logo saem, exibindo uma roupa preta com detalhes em amarelo. Em seguida, um destaque mirim. A criança, enfeitada com pequenas plumas, abre a ala que encenava um conto de fadas de princesas e sapos. Algumas meninas chateadas em beijar o rosto do colega para transformá-lo em príncipe. Mais à frente, minirrobôs futuristas faziam uma releitura simbólica da substituição dos homens pelas máquinas. De repente, o enredo vira magia. Toda uma ala, cujos componentes estavam fantasiados de mágicos, fazendo malabarismos com fogo e carregando alegorias de coelhos na cartola. Do casulo, lagartos se transformam em borboletas: as baianas ganhando asas para representá-las. A bateria, vestida de gari, insiste em transformar o lixo em luxo. O grande destaque daquele desfile é a abre-alas. Uma jovem de cabelos loiros em coque, de cima do carro alegórico, samba com simpatia. O vestido rosa em lantejoulas brilhantado por um exuberante arranjo de plumas na cabeça.

Na natureza, nada se perde / Tudo se transforma / Tudo é criação / No carnaval, nada é real / Tudo é fantasia / Tudo é ilusão / Vira, vira, virou / A Esurd chegou ô ô / Sambando na avenida / Eu vou, eu vou, eu vou / Metamorfose, mutações da vida / Eu quero sempre me superar / Remodelar o que Deus criou / Brincando então de criador / E o lixo vai virar luxo / E o homem é um robô / A lagarta vira borboleta / E o príncipe em sapo se transformou / Vira, vira, virou / A Esurd chegou ô ô / Sambando na avenida / Eu vou, eu vou, eu vou / Obedecendo o ritmo da vida / A Esurd se agigantou / Hoje está na internet / De blog em blog, mostrando o seu valor / Engrandeceu o carnaval / Hoje é conhecida em cenário nacional / Uma escola de agricultor / Colocando o Roçado na tela do computador (Esurd, 2011)

A sobriedade da Esurd restringe-se à Velha Guarda, cujas fantasias em preto e amarelo exaltam os elementos tradicionais da Esurd e as experiências da escola. A ala é composta por antigos participantes e alguns poucos homenageados da cidade. Está envolta de muito respeito porque, no Roçado, o idoso é mestre. Os velhos, costuma-se dizer por lá, são rancho de doença, mas também são a vida das histórias.

O contingente superior a 600 pessoas exhibe, na colorida narrativa do desfile, as várias facetas que envolvem a trajetória semântica da palavra transformação. As baianas ocupam o maior espaço do cortejo não por integrarem a maior ala, mas por usarem as mais largas fantasias. Enquanto passam, rodopiando várias anáguas por debaixo das saias, avisto Núbia do outro lado da rua. Há oito anos, é ela a costureira responsável pelas fantasias de toda a ala das baianas, o número de mulheres variando entre 15 e 20. A dificuldade em confeccionar as roupas está, além da criatividade, na quantidade e no tamanho das saias, a maioria delas exigindo uma medida aproximada de sete metros em tecido.

Outro impasse está no processo de criação. Por mais que Dayse indique os formatos das fantasias, são as próprias costureiras – normalmente uma para cada ala – que se encarregam dos detalhes. Acontece mais ou menos assim: Dayse explica como pensou a fantasia em pequenos rabiscos, mas nada de desenhos ou croquis. O resultado fica por conta da subjetividade das costureiras, que dispõem de um prazo médio de um mês para finalizar as roupas. A compra do material também é complicada. Isso porque, em Várzea Alegre, o máximo que se consegue comprar é o cetim. As fitas coloridas, os arames, as plumas, as penas extravagantes e os plásticos com os quais serão esculpidas as alegorias são adquiridos em Recife, capital pernambucana, por intermédio da irmã de Dayse.

Os empecilhos, entretanto, não reduzem a singularidade da Esurd. São todos superados pelo empenho de muita gente. O tempo verbal dos integrantes está quase sempre focado na primeira pessoa do plural porque o maior ensinamento que receberam na vida foi sobre o organismo coletivo que é a Esurd, uma prática cultural criada para mostrar as belezas da vida ordinária do homem comum. Desde muito novos, os moradores do Roçado assimilam o samba e os ensinamentos da comunidade, ambos calcados no respeito ao próximo e na generosidade. A tessitura de conhecimento entrelaçada na música tornando visível a sensibilidade agrícola e a beleza que é a sociabilidade entre os povos.

A Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro tem importância complexa porque, além de representar a abrangência de uma festa para as classes mais pobres, é o pilar da comunidade. Resiste porque está intimamente ligada às tradições culturais locais e à identidade daquele povo. Não define os agricultores do Roçado porque expressa apenas um detalhe do que são. Todo o resto está nas marcas impressas pelo cotidiano. No almoço que Socorro come em pé. Na fala que Tita interrompe para pontuar algum detalhe sobre o tempo. Na dificuldade de muitos para dizer, em voz alta, a palavra depressão. No biscoito que Tonha guarda para o caso de aparecer alguma criança faminta em casa. Nos quadros de santos fixados nas paredes das casas. Nos nomes das pessoas da família escritos ao redor do cacimbão para que ele seja capaz de reunir muita água. A Esurd, sozinha, não define a comunidade, mas desvela algumas características acabrunhadas dos agricultores.

“A Esurd pra mim é tudo. É ela que está me destravando e que leva o nosso nome lá fora”, diz Valdir Alves de Menezes, 37 anos de vida e 25 de bateria. Como a maioria dos integrantes da Esurd, começou a desfilar ainda criança, carregado pelo pai, Tim. “Eu praticamente morava dentro da sede e ainda com o maestro do samba, então não tinha nem como não aprender a tocar e a amar isso aqui”. A relação com pai sempre serviu de incentivo para a participação na escola de samba: antes pela proximidade, agora pela distância. Cada carnaval vira um pouco suplício: Valdir se esforçando para deixar a timidez em casa e fazer o mais bonito que puder no desfile. Bebe para criar coragem, coloca o coração na ponta da barriga para não chorar a saudade do pai e segue, com o surdo pesando alegria no

ombro. “Eu toco surdão, mas quando eu entrei tocava era chocalho. Daí foi passando pelo tamborim, pelo tarol e agora é o surdo. Teve um ano que eu já podia com os instrumentos mais pesados. Quando faltava alguém, eu substituía, fosse pra tocar tarol ou surdo. Pertinho de sair, eu ainda não sabia com qual instrumento ia desfilar porque já tinha tocado de tudo nos ensaios. Hoje eu agradeço porque sei um pouco de cada coisa. Sou forte no bombo, mas nos outros eu desenrolo”, explica.

Fragmentos da história de Valdir só podem ser narrados pelas paredes da casa dele. Tímido, ele abre largos sorrisos, mas não sai confidenciando segredos. O quadro de São Francisco pendurado na sala, envolto por uma rica moldura de madeira, pincela as viagens que ele faz a Canindé todos os anos para agradecer os pedidos alcançados. O Sagrado Coração de Maria pende ao lado do santo para reforçar a devoção do dono na casa. As paredes do quarto revelam a paixão pelo futebol e o orgulho desmedido que Valdir sentiu quando o São Paulo foi tricampeão mundial em 2005. Ao lado, o carinho pelo clube carioca: o Flamengo.

Valdir segue os passos do pai em relação à família e ao trabalho. Cuida das terras da família e dá assistência a três gerações: a das tias, a dos irmãos e a dos quatro filhos. Cuida das roças, do gado e da distribuição das plantações. Com Neném, cria os quatro filhos: Eduarda, Wanessa, Ana Cristina e Vagner. Todos desfilam na Esurd, distribuídos na bateria e nas alas infantis.

Eduarda, a mais velha, está passando por um processo que se estende à maioria dos adolescentes do Roçado. Com os hormônios instáveis da puberdade, bate o pé e diz que não quer mais desfilar. O motivo não é dito porque seria duro verbalizar uma vergonha que só existe na inconstância das emoções. Muitos deixam de sair em alguns anos, mas a maioria retorna ao final da fase. O tempo se encarregando em fazê-los descobrir que a Esurd, no espetáculo carnavalesco, imprime a alma da comunidade.

“Quando eu comecei a entender o que era ser gente, a Esurd já existia. Eu comecei a gostar, desde muito cedo, dessa escola porque ela tem essa habilidade incrível de resgatar as coisas”, explica Vicente Menezes, presidente da escola. O que ele aprendeu dentro da Esurd extrapola o som mais bonito que possa ecoar um instrumento musical. Vicente descobriu, na toada dos agricultores, o paraíso. A participação dele na atividade cultural, ligada à gerência financeira e ao planejamento logístico, pareceria fria se não fosse o encanto impregnado nas palavras dele quando explica o real talento do Roçado de Dentro: trazer à superfície cantigas e histórias antigas misturadas ao envolvimento moderno da comunidade. O compacto do discurso acrescenta: “Eu não sou ritmista, o pouco que aprendi nos instrumentos veio daqui. Eu quero dizer que o Roçado de Dentro não é só escola de samba, e a Esurd representa muito. A gente tem muita escola de samba no Rio de Janeiro, mas a nossa é de lavradores. Feita por pessoas que deixam a agricultura para serem ritmistas, tocando e alegrando a cidade. Mas, aqui, a gente resgata tudo. É uma cultura que tem banda cabaçal, maneiro pau, forró, frevo. Pra mim, é um cantinho do céu. Nasci aqui, hoje moro na cidade, mas não esqueço as minhas raízes”.

Condensando as tradições, a Esurd marca, de maneiras diferentes, cada integrante. O envolvimento não depende de origem urbana ou rural, mas de como os símbolos vão ganhando significados dentro de cada um. Ao Antônio de Souza Neto, componente mais antigo da bateria, a

Esurd ensinou o que é emoção. “Eu sei o que é emoção porque o cabra que sai na bateria sente, e eu já tenho 40 anos de Esurd. Eu sinto quando pego o instrumento e lembro que foi meu pai (Antonito) quem ajudou a fazer o movimento. Eu desfilo porque acho bom mesmo, nasci dentro da escola e não sei se um dia vou sair não. É que nem o samba que Nonato de tio Pedro fez e diz assim: ‘Orgulho de uma grande tradição, de uma gente tão humilde, que sabe o que é emoção’. A gente sabe”.

Capítulo 7: As mães do mundo

Quando elas nasceram, o destino já havia sido escrito e seguido à risca várias vezes pelas mães e avós. Desde o primeiro contato com a luz do mundo, souberam que seriam coadjuvantes. Só emergiriam ao primeiro plano muito rapidamente no tempo de colocar menino no mundo. A missão daquelas mulheres nunca foi trabalhar na roça para garantir o sustento da família, mas facilitar a labuta do marido. Não porque se responsabilizar pelo trabalho pesado do campo pudesse lhes ferir a fragilidade moral, mas porque, na hierarquia social do sítio, a mulher ocupava a base da pirâmide.

Criadas para ser a alma da família, não foram poupadas da aridez da lida diária. Perderam parte da individualidade pela necessidade cultural de evoluir na sombra do outro. O teor transcendental que paira sobre a condição feminina é parcialmente esquecido no cotidiano agrícola, pois as mulheres precisam do tempo para cumprir as funções de mãe, cozinheira, fiandeira, tecedeira, parteira e agricultora. Só retorna na época de fazer milagre: a sagrada vida saindo das entranhas.

“O único sonho da mocinha nova era casar. Começava a trabalhar muito cedo, pensando nisso”, conta Raimunda Alves de Souza, 67 anos. Antes mesmo de conseguirem o noivo, o enxoval começava a ser confeccionado. À espera mais de um bom pai para os futuros filhos do que propriamente de um marido, as mulheres reservavam as tardes de agosto, época da safra de algodão, para fiar e tecer os fios que serviriam para a produção de redes e cobertas. “A moça, pra casar, tinha que levar de seis a doze redes prontas”, lembra Raimunda.

A sala da casa praticamente sem móveis vira fábrica, com meia dúzia de mulheres misturadas a uma confusão de balaios, fusos, vizinhas e histórias. A cena, recheada de gargalhadas, só acontece nos anos em que o inverno é generoso. O mês de agosto marca o tempo do algodão e também a materialização de alguns pedaços do sonho do matrimônio. É nesse período que as mulheres do Roçado colhem e descaroçam o capulho do algodão. O produto então é batido até ficar ralinho para, só depois, ser dividido entre as moças. O processo manual de fiar consiste em um trabalho que envolve torcer o algodão até transformá-lo em um único e longo fio.

Ansiosas para começar o trabalho, as fiandeiras colocam o excesso do tecido de suas largas saias entre as pernas e sentam-se em bancos de madeira ou no chão com a classe de quem está construindo um sonho.

Envoltas pelos balaios e pelas cuias onde foi depositado o algodão bruto e sem máquinas de tear, elas torcem a fibra branca na própria perna e enrolam o fio no fuso, uma espécie de vareta cuja extremidade é achatada para impedir que a ponta do algodão escape. Não era difícil acontecer de o fio quebrar, o fuso rodopiando na sala e arrancando o riso frouxo daquelas mulheres, tão acostumadas a reinventar a graça para superar as adversidades.

O trabalho de descaroçar e fiar o algodão podia durar meses e não completava o processo de produção da manta. Por falta de estrutura no sítio, os fios eram urdidos em pequenas fábricas da cidade. Só então eram formadas as estampas, cheias de listas ou de quadrados. Quando o tecido de algodão ficava pronto, as mulheres do Roçado prosseguiram costurando as redes aos punhos e desenhando a própria delicadeza em varandas de crochê. Após quase um ano de trabalho e espera, as redes eram, muito além do espaço para dormir, um fragmento de sonho realizado.

As marcas da ambição dificilmente são encontradas na pele das mulheres do campo. Com o pensamento conjugado quase sempre em terceira pessoa, elas aprenderam a moldar o sorriso no que lhes foi oferecido. Circunscreveram os próprios desejos no meio termo entre o desejo e a possibilidade e, por isso, estão sempre querendo mais do que dois potes de água escorados na parede de casa e bem menos do que não poderiam ter.

“Que Deus nos conserve como somos e como fomos: conformadas e sem ter o que maldizer da vida. Que Deus nos conserve assim até o fim, como foi com nossa mãe. Que conformadas sejamos”, suplica Antônia Alves de Souza, 61 anos. Encontrar o tom exato do sonho é uma maneira de fazer a esperança aparecer com formatos diferentes nos dias que já são – eles mesmos – tão iguais. Ainda crianças, as mulheres do Roçado são iniciadas em longas rotinas diárias cujo objetivo principal é cuidar da família. Antes mesmo das seis da manhã, as mulheres enrolam as redes e fracionam o trabalho doméstico. A mãe prepara a comida, o cheiro do café chegando até o terreiro que está sendo varrido por uma das filhas. A outra já está no quintal para lavar roupas que, de tão simples, foram batizadas de “paninhos”. Assim esperam o marido, que também saiu muito cedo para tirar o leite das vacas no curral. A intensidade do trabalho não se esvai ao longo do dia. Em tempos de fartura, elas cozinham, costuram, colhem frutos das árvores, cuidam das galinhas, limpam a casa, carregam baldes de água do cacimbão, ajudam o marido na roça. Os tempos de seca, no entanto, acabam por exigir que essas mulheres também busquem trabalho externo para juntar algum dinheiro. Com as possibilidades limitadas pelos preconceitos de gênero que marcaram época, acabavam por vender alguma comida ou artesanato na cidade.

Os dias no campo, aos olhos femininos, são banais e grandes ao mesmo tempo. No lugar onde apenas aparentemente nada acontece, são tramadas histórias de amor que duram décadas. Os detalhes da rotina agrícola escapam à visão distraída pelo cansaço diário, mas ganham forma nas narrativas românticas daquelas que realizaram enfim o sonho do matrimônio.

A iluminação da cena parecia ter sido produzida artificialmente, mas não foi. Especialmente naquele dia, a lua cheia imitava um quebra-luz. Clareava a estrada de terra batida do Roçado no tom certo para que os olhos expansivos de Francisca Alves de Menezes, a Tita, encontrassem paixão no sorriso envergonhado de Tim. O amor, na primeira vez que se apresentou a ambos, teve um cheiro forte que tanto empestava as narinas quanto embalava o casal de coragem para assumir o sentimento.

Naquela noite de 24 de gosto de 1961, um grupo de jovens retornava da festa do padroeiro São Raimundo Nonato, na cidade, quando um gambá cortou a estradinha, a natureza dando um jeito para deixar o casal a sós. “Todos correram com medo desse gambá. Nós dois não. Aí começou o namoro nesse dia”, recorda Tita. Com a privacidade levemente resguardada, Tim segurou a mão da namorada e

a conduziu pelas ladeiras do Roçado, conversando. “O cortejo não era como as coisas de hoje, não tinha beijo. Depois, com os anos, é claro que o namoro ficou diferente. É claro que depois de cinco anos já tinha o beijo, já tinha essa intimidade. Mas, hoje, é uma paixão do momento, o povo não se comporta mais. Nessa época, era muito diferente. Era coisa de amor mesmo”, se derrete ela.

Aos 66 anos, Tita ainda não sabe se o clima instalado naquela noite de agosto floresceu o amor por Tim ou se foi algum encanto adormecido pelo primo que coloriu a caminhada na estrada. O que ela pode atestar é que a paixão pelo pai de seus filhos cresceu no toque macio daquela pele enegrecida pelo sol e repleta de sensibilidade. Com paciência, soube esperar onze anos para enfim ser desposada pelo homem que mais amou na vida, a relação sendo alicerçada na compreensão. “Eu entendia a demora porque ele era dono de casa e morava só com a mãe e as irmãs. Era bonito ele querer esperar as meninas casarem pra poder sair de casa”.

No dia 9 de dezembro de 1972, Tita acordou ansiosa para realizar o sonho feminino do Roçado, mas se apressou em viver o começo do dia como todos os outros: varreu terreiro, matou galinha, cozinhou, lavou louça. Pela manhã, ainda encontrou o noivo pelos corredores espremidos do mercado da cidade, os quereres de ambos tão certos em findar a solteirice. “Eu amanheci o dia e fui cuidar da vida, fui à luta. Não tinha esse negócio de ajeitar cabelo e ir se preparar em salão. Esse dia foi grande, mas, contando assim, foi a mesma coisa do outro dia atrás. O tempo que eu tive pra me arrumar foi o de trocar uma roupa pelo vestido”, lembra. Na hora que antecedeu a um dos maiores momentos da vida dela, tomou um banho demorado e se perfumou com uma colônia, que, se não lhe falha a memória, chamava *Promésia*. Embora muitas moças da época casassem com a roupa partida, a saia e a blusa, Tita usou um vestido branco de *Piquet* cujos enfeites de bordados delicados iam até a altura do joelho, os cabelos soltos na altura dos ombros.

Estava pronta para ir à igreja da cidade, quando chegou a prima Josélia reclamando da falta da maquiagem. “Ela dizia que podia dar uma emoçãozinha, e o sangue fugir do rosto. Aí era bom pra disfarçar. Você não sabe que tem isso? Dá uma emoção, aí o sangue dos lábios foge. Mas eu não tava com medo de nada não. Eu queria era casar”, explica Tita, que, de tão satisfeita, nem cogitou discordar da ideia da prima. Passou o pó *Cacheme Bouquet*, o melhor da época, e um batom que não lembra mais a cor. Só então ficou pronta para o enlace.

A superstição de que o noivo só poderia ver a noiva na hora do casamento foi ignorada. Sem condições financeiras para organizar um casamento mais pomposo e cheio de carros e regalias, os noivos fizeram o traslado do sítio à igreja de Várzea Alegre no mesmo veículo. Ainda dividiram os assentos com os convidados da comunidade. A única recomendação popular que conseguiram seguir foi a de entrar na igreja com o pé direito para garantir a sorte na nova vida compartilhada. Entraram.

Por volta das seis da tarde, com o relógio marcando a hora das almas, Tita atravessava o tapete vermelho lentamente e tentava conter o nervosismo que insistia em aparecer. A marcha nupcial embalava a cena, a moça vivendo a realidade com mais gosto que o próprio sonho. No altar, Tim a esperava com elegância. Vestia uma calça social cinza e uma camisa de botão esverdeada que a esposa ainda guarda, embora não mais consiga definir a cor da vestimenta recolorida pelos anos. O casal foi

abençoado pelo padre José Mota Mendes, em nome de São Raimundo, que, mais do que o padroeiro da cidade, imperava como um secreto padrinho de casamento.

Ao final da cerimônia, os convidados retornaram ao Roçado e se reuniram na casa grande do pai de Tita, a calçada alta sendo tomada pela alegria da família. Para seguir a tradição da época, os pais da noiva fizeram questão de servir o lanche de sequilhos e café para todos os que estavam compartilhando a felicidade da filha. “Nesse tempo, o bolo era o sequilho. A gente fazia muito e colocava na mesa, junto com os pratinhos e o café”, lembra. A pequena reunião era uma espécie de formalidade. A grande festa acontecia em seguida, geralmente na casa do noivo. A sala, iluminada por lamparinas, era transformada em pista de dança. Especialmente no casamento de Tita, coincidiu de o noivo ser também o músico. Tim tentava equilibrar a dupla atribuição, se revezando na tocada e na dança. De repente, parecia que não existia mais ninguém no salão. Com os rostos colados, marido e esposa fechavam os olhos e fitavam um sentimento que parecia saltar para dentro. As pernas se entrelaçam em uma dança que só depois perceberam que duraria para sempre.

Esses momentos eram entrecortados pelo agito da festa. Tim beijava a testa da esposa, pedindo licença para festejar também com os convidados. Então retomava a parceria com o companheiro de banda Pedro Souza e apontava forrós animados. As moças sempre esperando novos pares para danças ora arrastadas, ora valsadas. Os amigos mais envergonhados, sem coragem para convidar a dama, se entretinham com o banquete de galinha torrada e cerveja que estava sendo servido. Sem energia nas ruelas do sítio, as moças acabavam deixando a festa mais cedo. “Claro que eu estive na festa. Apesar de ser a noiva, eu não fiquei a noite toda não. Lembro que já fui pra casa de madrugada, mas Tim ainda ficou lá com os colegas”, conta Tita.

A noite nupcial só aconteceria no dia seguinte, quando o casal se mudasse definitivamente para a nova casa. O casamento era também uma forma de conquistar a liberdade. Donos das próprias vidas, Tim e Tita agora se preparavam para fincar suas próprias raízes no mundo. O primeiro filho, Valdir, veio para completar o objetivo da mãe. Quase dois anos após o casamento dos pais, foi aparado pelas mãos de uma parteira. “Foi a melhor coisa do mundo”, define Tita. As parteiras são chamadas de doutoras porque aprenderam a ciência do nascimento com o mundo. Sem aparelhos de ultrassom, confiavam na intuição e nos exames manuais desenvolvidos pela experiência para arriscar a posição da criança e a provável hora do parto. Acompanhavam as mães horas antes de trazer os filhos ao mundo porque fazia parte do trabalho aliviar a dor da mãe.

“Quando tive Valdir, minha bolsa estourou às duas horas da tarde e foram atrás da doutora Elihua. Ela veio, fez um exame e disse que eu só teria a criança no outro dia. A doutora passou a noite aqui, e, às sete horas da manhã, Valdir nasceu. Depois tive mais três filhos e foi a mesma coisa, a mesma emoção. Dos meus quatro, só Marta nasceu em hospital”, conta Tita, preocupando-se em assegurar que a juventude era a época certa para casar e ter filhos, tendo em vista que, da família, dependia a realização das mulheres do campo.

Muitas delas ainda chegaram a ser alfabetizadas, mas a maioria não teve oportunidade de desbravar o mundo das letras e dos livros. “Eu nem pensei em estudar porque sabia que não tinha condições. Quem me alfabetizou foi tia Neném, mas estudei muito pouco”, diz Raimunda. As

mulheres aprendiam sílabas soltas para que pudessem pelo menos escrever algumas palavras. O que leem com fluência, hoje, já idosas, são as frases ensinadas pela vida. O conhecimento que adquiriram veio do mundo e do tempo e se revela tão subjetivo quanto eles.

No meio da mata branca do sertão cearense, as particularidades e filosofias de cada uma das mulheres do Roçado vão surgindo acabrunhadas. São todas muito cuidadosas porque foram criadas para serem mães. Mesmo as eximidas do parto precisaram se adaptar para seguir o caminho pré-definido. As irmãs Tonha, Socorro e Fransquinha integram esse rebento porque vivem desgarradas do casamento. Isentas dos filhos de sangue, viraram mães dos sobrinhos, dos primos, dos irmãos, da comunidade.

Antônia Alves de Souza, a Tonha, guarda os anos em caixas para dar sentido à vida. Quando morrer, não vai deixar menino no mundo. A herança dela consiste em objetos com tantos valores intrínsecos que, se expostos, podem desvelar o choro tantas vezes contido pelos mais velhos. Do topo da pilha de lembranças, as fotografias dos parentes que já se foram reedita a teia narrativa e genealógica da família. As embalagens de cigarro *Continental* rememoram o charme feminino de outros tempos e as pequenas cartas de amor escritas no verso. Cédulas de cruzeiros e cruzados foram guardadas para explicar aos mais novos como era a vida no tempo da inflação. Ingênuas, reascendem das caixas também as recordações poéticas do tempo de escola: “Firme sempre, sempre audaz, o batalhão escolar. Quer na guerra quer na paz, nunca soube recuar”.

Guardar fragmentos das épocas foi a maneira que Tonha encontrou para resguardar as próprias alegrias, embora seja raro que desenterre as lembranças para tentar voltar no tempo da juventude. Prefere reviver seus melhores anos nas palavras, mas acostumou-se a juntar os detalhes do mundo para, nos dias especiais, ilustrar as anedotas.

Os cabelos brancos de hoje confirmam a escolha feita ainda na mocidade. Tonha não casou porque durante toda a vida cultivou a dificuldade em acreditar em rapaz. Sem tolerar traição, apaixonou-se uma única vez por um rapaz que lhe rendeu poucos versos românticos e muita preocupação. Subverteu a tendência cultural feminina do Roçado de Dentro quando decidiu que não veria o mundo pela janela de casa. Queria passear por outros lugares e, apesar de ter passado a vida repetindo isso, só descobriu que era andarilha quando me contou que foi a única da família que viu os “fogos de Copacabana” ao vivo, quando passava um réveillon em Santos, litoral de São Paulo. Canalizou as esperanças em novas fronteiras geográficas e, apesar de não ter encontrado um marido, hoje está satisfeita por ter conhecido também cidades como Fortaleza, Canindé e Crato. Sonha agora com a viagem de avião que nunca fez, utilizando o sono para tentar adivinhar a sensação do vôo nas aeronaves que só conhece de ver cortar o céu do Roçado.

Já Maria Socorro de Menezes, 65 anos, não sonha mais porque diz que a depressão não deixa. Em um ato quase desesperado, mostra as bulas para que eu confira a dosagem dos remédios porque, apesar das positivas avaliações médicas, ela acha que a tristeza não tem diminuído. “Se eu pudesse conversar agora com o doutor, eu ia dizer que já faz um mês que tomo esse remédio e não tenho melhora. As meninas às vezes acham que eu estou melhor, mas pra mim não está nada bom”, conta, arqueando a sobancelha.

Socorro resumiu a vida nos poucos metros que separam a cozinha ao quarto. Nos intervalos do trabalho doméstico, senta-se na rede armada no quarto, encosta um joelho no outro e se balança. Posicionada entre a janela fechada e a porta entreaberta, naquele ambiente escuro, gruda o olhar no chão na esperança de que a alegria de outros tempos seja exumada dos tijolos que alinham o piso. Pensa na vida, avalia a tristeza. Fica assim não por minutos, mas por horas. “Algumas vezes ela deixa o quarto. É como sair do escuro e ir pro claro, mas tem vezes que ela também sai do claro e volta para a escuridão”, se preocupa a irmã, Tonha. Socorro então segue vivendo feito borboleta noturna, o rosto de esfinge escondendo um turbilhão.

Francisca Alves de Souza, 62 anos, também não casou. Compartilha a casa que era da mãe com as irmãs Tonha e Socorro, fracionando os afazeres domésticos para dividir também o tempo. Quando o avanço da idade alarga as horas, é preciso criar formas de manter o equilíbrio. E assim elas ocupam o tempo na cozinha e fazem várias refeições por dia, mais para matar o tempo do que a fome. O alimento é um dos maiores prazeres do Roçado. As mulheres não exigem uma mesa diversificada, mas se acostumaram a mastigar os minutos para tentar engolir as horas impostas pela aposentadoria.

A geração subsequente à das irmãs modificou-se. O acesso à educação formal, com a multiplicação das escolas públicas da cidade e o crescimento urbano encontrando o sítio, acabou por pluralizar a vocação agrícola feminina. Um embate silencioso foi travado para que as mulheres encontrassem um espaço para serem elas mesmas, abandonadas das sombras masculinas. O tempo então se encarregou de lhes abrir o caminho. Com pensamento frequentemente conjugado em primeira pessoa, elas agora são independentes e, tais quais os homens, alcançaram largos espaços de destaque. Muitas se mudaram para Várzea Alegre ou São Paulo em busca de melhores condições de vida. As que ficaram também conquistaram autonomia no cenário cultural do Roçado.

A Esurd levou anos para acolher as toadas femininas. No início, elas participavam como coadjuvantes, costurando uma roupa ou um couro de instrumento. Das tradições mais antigas, as mulheres eram apartadas. As apresentações de maneira pau ou de quadrilha sempre duplicadas: uma só com homens, outra com crianças e mulheres. Os alicerces do Bloco dos Sujos, datado de 1963, não envolviam o talento das mulheres. Elas assistiam à saída do grupo tocando frevo no sítio, mas não costumavam acompanhar o cortejo pela cidade. “Ora, era carnaval! Não era coisa pra mulher. Eles saíam daqui pra ir pra *Rua*, mas depois que voltavam, faziam a festa aqui em vovó. Pra festa aqui a gente ia”, justifica Raimunda.

No ano seguinte, elas já foram até a Varjota, bairro urbano que divide o caminho do sítio à cidade, para olhar o desfile. Em 1965, já enchiam os olhos com o cortejo da escola de samba do Roçado em Várzea Alegre. “Nós fomos indo para a cidade devagar. Padre Otávio tinha gostado da escola porque não tinha mulher. Ora, ele via, conhecia escola de samba que tinha mulher de todo jeito!”, conta.

Precisaram conquistar a confiança e a admiração dos agricultores para integrar, de fato, a Esurd. Alcançaram o objetivo pela necessidade da própria escola, cuja visibilidade exigia crescimento. A população reduzida do sítio facilitou a entrada. Tim, o primeiro mestre de bateria, resolveu então treinar algumas meninas para ajudarem no som. Em 1991, esquivando-se das críticas dos

companheiros, conseguiu colocar as primeiras mulheres na bateria. Leolina, Claésia e Tânia portavam chocalhos e tamborins, protagonizando um momento histórico para o Roçado.

“Uns não quiseram aceitar porque diziam que ia desencontrar a batucada. Eu pensava que isso era coisa do interior. Mas, assistindo a televisão, eu vi que esse negócio de disputa de homem e mulher dentro de escola de samba não existia não era só aqui não. Lá longe, no Rio ou em São Paulo, se os chefes não aceitarem que as mulheres saiam, elas também não vão não. Esse negócio tinha era em todo canto”, conta Tita. Após a estreia, com a novidade ainda ferindo os valores de alguns homens, as mulheres demoraram ainda dez anos para compor a bateria uma segunda vez. Tita, ao lado do marido Tim, sempre defendendo a mudança no destino das moças do Roçado: “Elas não vão atrapalhar nada, eu dizia. Pelo amor de Deus, elas acompanham bem. Mas elas iam eram com instrumentos mais bestas, embora tivesse delas que tocassem que nem homem”.

Em 2003, com uma mulher já integrando inclusive a diretoria da escola de samba, elas conseguiram marcar um lugar fixo na bateria. A iniciativa de poucas, consentida pela então diretora Beatriz Souza, acabou por incentivar até mesmo as crianças, que descobriam novas funções nas atividades culturais da comunidade. “Eu lembro muito bem de Beatriz saindo na bateria em 2003, porque era grande a minha vontade de ir também”, diz Marta Alves de Menezes, filha de Tim. Ela conseguiu lugar na bateria da Esurd em 2005 e, desde esse ano, desfila batucando em um tamborim: “Desse ano pra cá, as mulheres estão sempre saindo na bateria da escola. Não falta mais gente porque elas estão cada vez mais se interessando. Eu acredito que a mulher aqui tem ganhado respeito e conseguido o seu lugar, como em tantas outras coisas. Eu e as outras temos ritmo e estamos mostrando o nosso trabalho. Eles acabam aceitando. Ano passado, saíram duas mulheres. Este ano, já são seis e assim com certeza vai continuar evoluindo”.

Capítulo 8: saudade dos heróis

A pele delgada tentava anunciar a fraqueza do corpo enquanto vários pares de olhos fixos no homem sugeriam esperança. A primeira novena de São Raimundo Nonato, no apocalíptico ano 2000, deu a graça da melhora. Em uma das infundáveis bocas de noite de agosto, Tita prepara um pão de milho com leite morno para alimentar o marido. Tim se esforça para comer e retribuir o carinho da esposa, mesmo sentindo que o intestino parcialmente obstruído pela doença ainda fará corroer, dentro dele, uma longa dor. Deita-se na cama para dormir, mas os sonhos não vêm. Os cochilos entrecortados pelo sofrimento concentrado no pé da barriga e no peito indicam ao enfermo que um vulto escuro cujo ofício é despregar as almas do corpo ronda a casa. Tita e os filhos levantam em polvorosa, preocupados com os gemidos de Tim, quando o relógio ainda marca as duas da madrugada.

Na casa vizinha, Bárbara havia acordado pouco antes, com uma angústia arrojando o coração. Tonha então levanta para acender a lâmpada a pedido da mãe, quando ouve a tosse engasgada do irmão. Cala o susto e tenta abafar o mau pressentimento. Da fresta da janela, vê a casa de Tim iluminada, o pensamento certificando-se de uma eventual piora. Um cochichar abafado deixa-se ouvir

nos terreiros silenciosos das horas mortas, os parentes discutindo formas para poupar Bárbara em relação à piora repentina do único filho varão. Ao final, decidem:

– Vamos chamar só Tonha, que dona Bárbara ainda deve estar dormindo.

Ao que o próprio Tim, ligado que era à mãe, responde:

– Nesse instante mesmo, mãe está é acordada.

Estava. Sem querer acreditar no que pressentia, Bárbara aceita o silêncio da família sem contestação. Deitada na rede, ela aproveita a insônia para rezar pelo filho. Com discrição, Tonha escapa pela porta lateral da casa e segue em direção ao quarto de Tim. Encontra o irmão com o rosto pálido e ouve a única frase dita pelos lábios dele levando em consideração o fim. As palavras não soam como um lamento, embora tenham se desprendido dele em tom de despedida:

– Eu estou indo embora – diz com a voz procurando qualquer resquício de firmeza no ar.

A irmã não duvida.

– Vá com Deus, meu irmão, que Ele deve estar mais precisado de você do que mesmo nós aqui. – responde Tonha, conformada por ter passado a vida ouvindo da mãe que Deus leva só o que é bom para perto Dele.

Os filhos começam a chegar para despedir-se do pai, e Tonha acha que é hora de avisar à Bárbara. Das três da madrugada à hora da morte, quando o sol pincela os primeiros raios na ponta do Céu, a mãe observa o filho, escorada em um canto de parede. No leito de morte, Tim apresenta um corpo decrepitado por sete anos de remédios e cirurgias. As pálpebras parecem queimar-lhe as pupilas no mais singelo piscar de olhos, complicado que é a passagem para um homem cujo desejo clama por vida. Cúmplices, Tim e Bárbara dividem o sofrimento sem que nenhum dos dois ouse reclamar do destino. A mãe, generosa com a própria fé, entrega a vida do filho para Nossa Senhora através de um canto baixinho a ecoar do canto escuro do quarto.

Neste dia / Ó Maria / Nós te damos nosso amor

Repete o benditinho muitas vezes até que, na quarta hora da manhã, Tim dormiu para sempre. “Ele não teve sentinela nem passou mais de uma noite acordado esperando a morte chegar. Eu não estava presente na hora porque achei que dava tempo vir em casa coar o café. Não deu”, conta Tonha. A morte morrida, quando aparece no Roçado, chega sorrateira. Aparece pelas estradas de terra batida muitas vezes para levar as boas almas do sítio, de vez em quando tropeçando no ofício triste para deixar ensinamentos. A maioria dos que moram aqui compreende o papel Dela. Não a maldizem, como o fazem tantas outras línguas pelos consígnios da Terra, porque entendem que aceitá-la é uma forma de valorizar a vida. E assim os agricultores vão pagando – mês a mês – os carnês do plano funerário, misturados às despesas básicas de água e luz. A única exigência é o enterro digno: um caixão bem trabalhado sendo levado pelos amigos que, acreditando na pureza da alma adormecida, rezam com afinco o Terço da Misericórdia nos primeiros sete dias da vida eterna para garantir a entrada do espírito no reino dos céus.

Ao velar a morte de Tim, a comunidade amplia a noção sobre a importância que teve aquele homem para o Roçado, o arquétipo do mestre transfigurado em música nos quatro cantos do sítio. Tim dedicou a vida às vontades coletivas. Preocupava-se em perpetuar os costumes da família, inquietando-se ao sentir sozinho a admiração popular sobre um dom que, longe de ser dele, pertencia à comunidade. Subverteu a normalidade provinciana da roça e debruçou-se em aventuras musicais pelas cidades vizinhas na tentativa de conduzir a comunidade por outros caminhos.

Abraçou o samba, quando a maioria dos agricultores preferia o frevo, porque viu no novo ritmo a chance de iluminar o dom da comunidade. Colou o ouvido no rádio a pilha para aprender as paradas e adaptar os breques. Enfim, alcançou o objetivo: o povo do Roçado, cuja auto-estima havia sido lapidada a golpes de enxada, passava a sentir o orgulho reverberar nas tripas. Os agricultores transformando a pele marcada pela seca em inspiração de alegria. Souberam marcar o chão com as toadas ensinadas pela vida e agora colhiam os bons frutos. Tim aparece nas histórias como uma espécie de herói humano, aquele que se empenha nas aventuras ditas impossíveis para dotar a vida de sentido.

Se Tim conduziu a comunidade em um novo processo de percepção endógena, foi Pedro Souza quem idealizou o ato. O arquétipo do homem com óculos amarelados exprime sabedoria. Ele foi o primeiro a acreditar no potencial do Roçado e insistir que os músicos da comunidade mostrassem o dom ao mundo. “Dos homens inteligentes, Pedro era o mais”, diz Chiquinho Menezes. Pedro Souza ganhou o mundo, espalhando as histórias e as toadas do sítio. Morou em Fortaleza, gravou discos e mostrou aos seus que eles podem, sim, ter lugar de destaque no mundo. Por isso é que, ainda hoje, uma década após a morte, os agricultores do Roçado ainda se empenham em realizar um sonho antigo dele. Meses antes de morrer, numa tarde abafada pelo sol, Pedro confessou uma única expectativa sobre o desfile da Esurd:

– Eu sei que pode ser difícil, mas é a coisa que eu mais tenho vontade. Eu já falei muitas vezes pra gente montar um esquema com carro de som pra ver se dava pra gente sair cantando o samba, com puxador e tudo. Por que o que é que acontece? Eu já desfilei muitas vezes naquela Comissão de Frente, e ali quase não dá pra escutar o som da bateria. Tendo um ou dois puxadores, até com um cavaquinho, eu acho que seria bem melhor. Se todo mundo cantar, quem está de fora escuta. E ensaiando todo mundo acerta. Olhe, se uma pessoa der um grito no Juremal, ninguém aqui escuta. Mas se tiver um gol lá, cem pessoas gritam e a gente ouve. Do mesmo jeito com a Esurd: se todo mundo cantar o samba, dá pra escutar.

Sensibilizado, ainda hoje Nonato Souza mobiliza a comunidade para realizar os derradeiros desejos do pai. Nos ensaios de janeiro, arrisca os mais variados testes. Coloca um carro de som na frente da bateria e outro atrás. Depois, põe aos lados para ver se dá pra escutar melhor. Nada? Então divide a bateria ao meio para distribuir o som. E assim o samba-enredo vai acompanhando o cortejo como pode, a desestrutura dos equipamentos sonoros incapazes de amiudar o empenho de um filho para realizar o sonho do pai.

Pedro Souza faleceu um mês depois de Mestre Tim. Em um dia de setembro, incomodado com uma dor que lhe abatia o estômago, foi internado no hospital da cidade e submetido a uma série de

exames. Morreu de septicemia dois dias depois, quando os germes se multiplicaram no sangue e a infecção se alastrou por todo corpo. “Tio Pedro faz muita falta, mas a gente continua fazendo de tudo para levar pra frente o que ele começou em 1963”, diz a sobrinha Beatriz Souza.

O carnaval do ano 2000 ficou gravado na memória coletiva do Roçado porque marcou o último desfile dos mestres, reproduzindo também uma espécie de ode aos heróis. O enredo que homenageava Pedro Souza abria espaço para uma simbólica despedida de Mestre Tim. A bateria desfilando com os rostos dos dois mestres estampados nas fantasias. “Pedro Souza e Mestre Tim foram as duas pessoas mais importantes para o Roçado de Dentro em termos de escola de samba”, resume Beatriz Souza.

Em um domingo choroso, quando a Esurd desfilava pela primeira vez naquele ano, só Pedro Souza acompanhou o cortejo. Tim, que havia se submetido a um tratamento médico no último mês, assistia a homenagem da calçada de casa, os olhos marejados pela vontade de comandar o samba. A bateria desfilou pelas estradas de terra batida chorando. “O domingo foi triste. Quem primeiro esmoreceu e chorou foram os filhos dele, Marta e Valdir. Os outros acompanharam. A turma toda saiu chorando, mas teve um dos enfrentantes que pediu pra ele desfilarem na terça-feira, se tivesse em condições”, conta Tonha.

No último dia de carnaval, Tim acordou animado para cumprir a promessa que fizera. Apesar de ter sido afastado da Esurd por algum tempo em função da gravidade da doença, ele continuou – ano após ano – a receber a fantasia da escola. “Todo ano estou guardando esse troféu”, chegou a dizer. Naquele dia, pela primeira vez depois de vários anos, vestiu-se a rigor e saiu. Debilitado, não pôde acompanhar a bateria ao longo dos três quilômetros que separam o Roçado da cidade. Concentrou-se junto com as alas na Escola José Correia Sobrinho e depois, enfim, acompanhou o cortejo exuberante dos seus. Quando a Esurd cumpria o ritual de parada obrigatória nas proximidades da casa de Joaquim Diniz, em agradecimento ao apoio do primeiro desfile, Tim protagonizou um ato quase solene ao transferir a maior herança que deixaria no mundo: o apito que o acompanhou por 16 anos foi entregue ao sobrinho Lázaro, que agora comandava a bateria. Marta, empenhada em seguir o exemplo do pai, observava a cena com os olhos arregalados: “Foi emocionante. Até hoje a gente lembra que foi uma festa bonita e também chocante porque, no fundo, a gente já sabia que era o último desfile dele e que a paixão não estava se acabando ali”.

*Ô, ô, ô, ô, ô, ô / Eu sou Esurd, com muito amor / Com muito amor / Pra mostrar o seu valor /
Ao povo varonil / No ano dois mil / A Esurd vai desfilarem pra valer / Esurd / Esurd / Esurd, um passado
a reviver / Esurd / Esurd / Esurd, te amarei até morrer / Te amarei até morrer / Por que você também
pertence a mim / Sou a sua história / Junto ao cavaco e ao tamborim / E quanta saudade / Do apito
do Mestre Tim (Pedro Souza)*

Nos últimos anos da década de 1990, a Esurd enfrentava uma crise. Abalada pela gravidade da doença do mestre de bateria, a escola não tinha o mesmo ânimo para realizar as campanhas com o objetivo de conseguir o capital financeiro necessário para viabilizar o desfile. Chegou a desfilarem algumas vezes mesmo sem as alas, pela importância da tradição para o carnaval da cidade. Mestre Tim, apesar das sucessivas pioras, tentando fazer de sua própria dor um estímulo para que os integrantes seguissem com o cortejo.

Era maio de 1993, quando Tim sentiu pela primeira vez aquela dor forte no pé da barriga. No hospital de Várzea Alegre, foi diagnosticado com apendicite aguda e direcionado à sala de cirurgia para a remoção imediata do apêndice. O médico cortou as camadas de tecido e gordura com exatidão até deixar o órgão à mostra e perceber que não seria possível extraí-lo. “Eu acho que naquele momento o doutor já viu o que era o problema dele, já viu que era algo mais sério”, especula Tonha. Sem a estrutura de máquinas necessárias para confirmar um novo diagnóstico, Mestre Tim foi encaminhado à Fortaleza para uma bateria de exames. Na capital, recebeu apenas alguns medicamentos e retornou ao Roçado de Dentro. Viveu relativamente bem por alguns anos, até que, em 1996, apresentou uma piora radical para o desespero da esposa, Tita: “Nessa doença nojenta, a pessoa fica como boa, mas não é. A doença volta. Aí voltou”. Tim retornou à Fortaleza para refazer os exames e foi diagnosticado com câncer. O médico foi tachativo:

– O senhor precisa de uma cirurgia delicada. Sem ela, deve viver só alguns meses. Com ela, o senhor ainda pode viver de um a cinco anos.

Mestre Tim não titubeava sobre a vontade de viver. Disposto a enfrentar qualquer tratamento por um tempo a mais, autorizou a cirurgia. No dia 23 de dezembro de 1996, o médico retirou dois tumores do intestino, apenas um deles era benigno. O ano seguinte foi marcado por longas sessões de quimioterapia, às quais Tim se submetia sem lamento ou reclamação. Espremia os olhos e tomava os medicamentos porque acreditava que só assim poderia prolongar seu tempo no mundo.

Viajava à capital cearense uma vez por mês e ficava durante uma semana para receber a vida nas veias. Sempre era a irmã Tonha quem o acompanhava: “Dentro dos sacrifícios, tinha também as felicidades. Tim gostava de viajar de noite porque ia dormindo, mas era um perigo, né? A felicidade que eu digo é justamente a de tirar o ano todinho em uma vivência dessa e não acontecer nada de ruim”. Os dois hospedavam-se sempre na casa de Pedro Souza, que havia se mudado para Fortaleza a fim de trabalhar profissionalmente com a música. No início de 1997, os irmãos desceram no terminal rodoviário do bairro Messejana e seguiram para um sítio próximo, onde morava o tio deles, Pedro.

No dia seguinte, Mestre Tim foi internado na Santa Casa de Misericórdia, no Centro de Fortaleza, para receber o tratamento. Durante toda a semana, Tonha andava da casa do tio até o terminal de Messejana, pegava um ônibus que ela não lembra o nome e descia na Praça Coração de Jesus. De lá, percorria a pé sete quarteirões, até chegar à Santa Casa. Refazia o trajeto em sentido oposto no cair da tarde, quando o irmão passava relativamente bem. Houve, no entanto, muitas noites em que Tonha ficou para acompanhar as dores e os enjoos de Tim, efeitos colaterais da quimioterapia. “Ele não se lamentava nem se maldizia, tinha era muita vontade de viver. Ele mesmo dizia que eu era o anjo da guarda dele. Fiquei com meu irmão até o fim”. O enfermo era quem afagava a dor das visitas preocupadas. “O povo chegava com uma tristeza, mas ele logo contava uma história. Quem vinha saía achando que ele realmente estava ficando curado”, conta Tonha.

Nos anos em que Mestre Tim ficou doente, o batuque da Esurd afrouxou. Bom observador das coisas do mundo e amante da Esurd, ele se apressou em espalhar pelo Roçado de Dentro o pedido que fez a Pacato em forma de metáfora:

– Não deixe a peteca cair.

A frase ainda hoje ressoa em cada par de ouvidos da comunidade. “Eu não vou deixar a peteca cair porque, além de filha de Mestre Tim, eu sou apaixonada pela Esurd. O que ele deixou pra gente foi esse amor pelo carnaval”, diz Marta. “O Mestre Tim ter dito pra gente não deixar a peteca cair significa muito. Como eu vou abandonar isso aqui, se eu sou da comunidade e tenho esse compromisso?” – emenda Vicente Menezes. E é a vez de Tonha completar: “Gostar da escola de samba eu sempre gostei. Trabalhar pela Esurd eu também sempre trabalhei. Vai acontecer comigo do jeito que aconteceu com Tim: vou morrer gostando”.

E assim a peteca da Esurd não cai. Titubeia, rola no ar, dá cambalhotas, faz que cai, mas não cai. E, se já estiver muito perto do chão, a comunidade se mobiliza, doa um carneiro, uma galinha, faz uma rifa. Mas a peteca de Tim, a Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro, não pode cair porque é a alma da comunidade. “O que eu peço hoje é que ele (Mestre Tim) me ajude a fazer o carnaval que ele conseguia. Peço sempre aqui que todo mundo siga o exemplo dele de humildade”, diz Marta. Quando pego o instrumento e escuto o apito do mestre, eu sei que, mesmo em espírito, pai está fazendo a parte dele. É uma saudade sem tristeza nenhuma porque a gente sabe que tem que fazer o que ele pediu”.

A continuidade da escola fica por conta da saudade dos que já se foram. “A gente se inspira muito em Pedro Souza e Mestre Tim porque eles foram os dois grandes mestres que tivemos: um de sanfona, outro de bateria”, diz Dayse Diniz. O pilar da Esurd está fincado nas raízes da família: no ensinamento repassado de geração em geração sobre a importância que é seguir com as tradições. “Eu comecei nessa escola de samba acho que com quatro anos, por isso é que eu acho bom. Meu pai foi um dos fundadores do Bloco de 63. Hoje, ele não pode mais desfilar porque está com 80 anos, mas eu estou continuando. Tenho um filho de 18 anos que vai ficar quando eu não puder mais. Tenho já um neto que gosta e com certeza vai continuar porque isso não é pra acabar não”, explica Antônio de Souza.

O desfile da Esurd simboliza o fechamento de um ciclo anual de reconhecimento. Através da escola de samba, os moradores do Roçado adquiriram um espaço de destaque perante a sociedade. Venceram a seca e o preconceito com um samba, que, muito além de uma cultura hegemônica vendida pelos meios de comunicação de massa, revelou um largo espaço de sociabilidade e reinvenção. O Roçado de Dentro, através da escola de samba, compõe um autorretrato cujo objetivo principal é resgatar a honra e a dignidade. O imaginário, constantemente recriado, faz pulsar na comunidade novas percepções sobre a vida e o mundo. É pela Esurd, pela visibilidade que ela oferece, que os agricultores se esforçam e seguem com as demais tradições populares. A beleza está nas sobras do carnaval. A vontade está no resto dos abraços.

Fechamento: o que tenho a oferecer sou eu

A grande reportagem, essência do Jornalismo, é um encontro. No instante em que os olhos do repórter encontram as pupilas do entrevistado é que, de fato, ela acontece. Predispõe de uma relação de cumplicidade porque, ao repórter, o entrevistado confia a própria vida e, a ele, entrega a

responsabilidade de traduzir, na página em branco, gestos, histórias, sentidos, momentos. Ao repórter, cabe lançar olhares longos e atentos sobre cada fonte. Olhares daqueles que se multiplicam e se modificam a cada piscadela para dar conta dos macro e micro-acontecimentos de uma determinada realidade.

Compreendendo a minha responsabilidade e o meu papel como jornalista, a primeira preocupação que me bateu à mente quando resolvi morar uma semana no Roçado de Dentro para conhecer internamente a comunidade – com a qual, há dois anos, eu já mantinha contado por conta da produção de um documentário – foi sobre a melhor forma para conduzir a relação com minhas fontes. Como penetrar na vida das pessoas sem feri-las? Como controlar o cuidado para não prejudicar a apuração e, conseqüentemente, o retrato dessas pessoas? Até que ponto o envolvimento do repórter é saudável?

Quando cheguei ao Roçado de Dentro, no dia 9 de janeiro de 2011, as dúvidas foram amenizadas pela forma como a própria comunidade me guiava pelas histórias e pelos caminhos do Roçado. Apesar disso, durante toda a semana que passei lá – e em todos os outros dias, nos quais segui vivendo a reportagem até que ela enfim se desprendesse de mim –, procurei responder a cada uma dessas perguntas mentalmente. Acabei fugindo da neutralidade porque não acredito que ela seja a verve do Jornalismo. Nós, repórteres, devemos sim perseguir a verdade e a objetividade, mesmo sabendo que ambas são inalcançáveis. Devemos buscá-las por uma questão ética e em respeito à pluralidade complexa que envolve a realidade. O que não podemos é olhar o mundo de fora, quando fazemos parte dele e sabemos que, dentro de nós, ele reverbera de sentido. Ao leitor, devemos honestidade sempre. E, por isso, esclareço: este livro-reportagem foi escrito com a saudade. Primeiro, a saudade do meu avô, depois a saudade dos entrevistados que acabaram deixando este mundo no meio do caminho e, no final, a saudade de todos aqueles que me abriram as portas de suas vidas.

É importante dizer aqui: as pessoas que conheci nos dois anos nos quais me debrucei sobre as histórias do Roçado de Dentro hoje fazem parte de mim. E também eu, de alguma forma, agora sou parte delas.

“Então quer dizer que eu não posso dar nada pra minha menina?” – indaga Tonha, no carnaval de 2011, ao ouvir minha recusa diante de sua insistência em me oferecer o dinheiro da condução do sítio para a zona urbana de Várzea Alegre. Este livro é o que eu posso oferecer a todos aqueles que confiaram a mim suas memórias. Se me distanciei em algum momento, foi para mostrar outros lados da realidade, nunca para me neutralizar. O que posso oferecer a essas pessoas é que elas enxerguem a si mesmas por dentro de mim. Que os meus olhos lhes tenham servido de espelho.

Entrevistados

Antônia Alves de Souza

Antônio de Souza Neto

Antonito Souza

Beatriz Souza

Chiquinho Menezes

Dayse Diniz

Francisca Alves de Menezes

Francisca Alves de Souza

Hélio Teixeira

Jairo Diniz

José Clementino

José Odmar Correia

Lázaro Menezes

Lúcia Alves de Menezes

Luiz Bitu

Maria Dalva Teixeira Pinheiro

Maria Socorro Alves de Menezes

Marta Alves de Menezes

Matias Bezerra de Souza

Mestre Joviano

Mestre Tim

Pedro Souza

Raimunda Alves de Souza, a Bichinha

Raimundo Nonato, o Pacato

Sávio Pinheiro

Valdir Alves de Menezes

Vicente Menezes

Referências Bibliográficas

- BARBERO, Jesús Martín. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- CANCLINI, Nestor García. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.
- CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 2008.
- MARREIRO, Flávia. Irreverência cearense: atualização e permanência. In: CARVALHO, Gilmar de (org). **Bonito pra Chover**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2003. P. 185.
- PORDEUS, Ismael de Andrade. Cearensidade: atualização e permanência. In: CARVALHO, Gilmar de (org). **Bonito pra Chover**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2003. P. 11.
- BORGES, Nilson. A Doutrina de Segurança Nacional e os Governos Militares. In: FERREIRA, Jorge Luiz; DELGADO, Lucília de Almeida Nunes (org). **Brasil Republicano**. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 2003. Vol 4. P. 49).
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Editora Vozes, 2007.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. São Paulo, Unicamp, 1995.
- PIRES, Sérgio. **Ispaiá Brasa, o Bloco que foi Escola**. Fortaleza: Equatorial Produções, 2004.
- CARVALHO, Gilmar de. **Tramas da Cultura**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2005.
- MATTELART, Armand e NEVEU, Érik. **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORELLI, Silvia H.S e FERREIRA, Ricardo. **Comunicação, Narrativas e Culturas Urbanas**. Rio de Janeiro: UERJ, 2009.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SODRÉ, Muniz. **A Narração do Fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- VILAS BOAS, Sérgio. A Arte do Perfil. **Revista Especial Biblioteca Entrelivros**, São Paulo, ed n.11, ago. 2008.
- SANHAROL, Blog do. In: www.blogdosanharol.blogspot.com. Acessado em: 30 de maio de 2011.

